



O MUNDO
DO LIVRO

11-L. da Trindade - 13
Telef. 36 99 51
Lisboa



1509/2346.

CASIMIRO J. M. DE ABREU

AS PRIMAVERAS

NOVISSIMA EDIÇÃO
ACCRESCENTADA DE NOVAS POESIAS

E DA SCIENNA DRAMATICA

O CAMÕES E O JÃO

E

DOIS ROMANCES EM PROSA

ESTA EDIÇÃO É PRECEDIDA DO JUIZO CRITICO
DE VARIOS ESCRIPTORES BRASILEIROS
E DE UM PROLOGO

POR

M. PINHEIRO CHAGAS

LISBOA

IMPRESNA DE J. G. DE SOUSA NEVES

65 — Rua da Atalala — 67

1875

OBRAS

DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR.

E SE VENDEM NO ARMAZEM DE LIVROS, RUA AUREA, 132—134

COLLECCÃO DAS OBRAS CLASSICAS PORTUGUEZAS, QUE SE ACHA JÁ REIMPRESSAS E COMPLETAS

- | | | | |
|---|------|--|--|
| Elucidario das palavras e phrases, que antigamente se usaram em Portugal, e que hoje regularmente se ignoram, por Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, 2 vol. in fol. | 4000 | Manuel Bernardes Branco, 4 vol. em 4. ^o | |
| Historia de S. Domingos, particular do reino e conquistas, por Fr. Luiz de Sousa, 6 grossos vol. em 4. ^o | 7200 | Memorial da segunda Tavola Redonda, por Jorge Ferreira de Vasconcellos, 1 vol. em 4. ^o | |
| Trabalhos de Jesus, por Fr. Thomé de Jesus, 2 vol. em 4. ^o | 1800 | Obras completas de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, dispostas e annotadas por Innocencio Francisco da Silva, com um estudo biographico e critico ácerca do poeta, por Luiz Augusto Rebello da Silva, 6 vol. em 8. ^o gr..... | |
| Chronica da Companhia de Jesus do estado do Brasil, 2 vol. em 4. ^o | 1500 | Reflexões sobre a lingua portugueza, por Francisco José Freire, (Candido Lusitano) 3 vol. em 8. ^o gr..... | |
| Historia Insulana das ilhas adjacentes a Portugal sujeitas, pelo padre Antonio Cordeiro, 2 vol. em 4. ^o | 2000 | Origem e Orthographia da lingua portugueza, por Duarte Nunes de Leão, 1 vol. em 8. ^o | |
| Mappa de Portugal antigo e moderno, pelo padre João Baptista de Castro, ampliado com um supplemento por | | | |
| Fastos da Igreja, historia da vida dos Santos, ornamento do Christianismo, com censura e auctorisação do Patriarchado, por Luiz Augusto Rebello da Silva, 2. ^a edição, 2 vol. | | | |
| Panorama. colleção completa. 15 volumes, em papel, 12000 réis, encadernado. 16 | | | |
| Illustração Luso-Brasileira, 3 volumes em folio broxado, 4500 réis, encadernado. 5 | | | |
| BARRETO-FEIO | | LOPES DE MENDONÇA | |
| Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino, 3 vol. | 2880 | Memorias de litteratura contemporanea Lições para maridos, c. em 3 actas.... | |
| LIMA LEITÃO | | Noticia historica ácerca do Duque de Palmella, 1 vol. 4. ^o | |
| Natureza das cousas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para versão portugueza, 2 vol. 8. ^o | 800 | I. DE VILHENA BARBOSA | |
| Medicina Legal por Sédillot, 2. ^a edição augmentada de notas, 2 vol. 8. ^o fr... | 1200 | Cidades e villas da monarchia portugueza que teem braço d'armas, 3 vol. com 126 estampas lithographadas | |
| F. EVARISTO LEONI | | F. SOARES FRANCO | |
| Genio da Língua Portugueza, 2 vol.... | 1800 | Sermões, 6 vol. 8. ^o contendo 74 sermões..... | |
| Poesias, 1 vol..... | 240 | Memorias da mocidade.—I Rosa e espinhos do amor. Chronicas de Coimbra. Dever ou crime.—II As duas costureiras. Um casamento á congreve, 2 vol. Folhas da vida. Poesias, 1 vol..... | |
| REBELLO DA SILVA | | ANTONIO DE SERPA | |
| A Mocidade de D. João V c. d. em 5 actos..... | 480 | Dallila, d. em 4 actos e 6 quadros.... | |
| Othello ou o mouro de Veneza, d. em 5 actos, imitação, 1 vol. 8. ^o fr..... | 300 | Casamento e despacho, c. em 3 actos.... | |
| J. DA S. MENDES LEAL JUNIOR | | L. A. PALMEIRIM | |
| Os Homens de Marmore, d. em 5 actos. | 360 | Poesias, 4. ^a edição correcta, 1 vol..... | |
| Homem de ouro, d. em 3 actos..... | 300 | Dois casamentos de conveniencia, c. em 3 actos..... | |
| A Herança do Chanceller, c. em 3 actos. | 400 | Gomo se sabe ao poder, c. em 3 actos. | |
| Pedro, d. em 5 actos, 2. ^a edição, 1 vol. | 400 | O sapateiro d'escada, c. em 1 acto.... | |
| A Breza envergonhada, d. em 5 actos. | 480 | A domadora de feras, c. em 1 acto.... | |
| Alva estrella, d. em 5 actos..... | 300 | A. CESAR DE LACERDA | |
| Canticos, 1 vol. 8. ^o fr..... | 720 | Um risco, c. em 2 actos..... | |
| F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO | | Scenas de familia, c. em 2 actos..... | |
| Chronica da rainha D. Maria II (completa) 3 vol. in fol. | 5400 | A Duplice existencia, c. em 4 actos.... | |
| 1640 ou a restauração de Portugal, facto historico em 4 actos, 7 quadros..... | 300 | | |
| Minhas lembranças, poesias..... | 500 | | |

SE Ata

4 vol

Redonda
Concellos

Maria de
tas e an-
cisco da
aphico e
Luiz Au-
vol. em

uguesa,
Candida

a portu-
Leão, 1

n cen-
edi-

ido. 1
ado.

CA

oranea
as. . . .

que de

OSA

portu-
as, 3

hadas

ser-

espi-
mbra

turei-
2 vol.

tos.

er

tos





1878

Revista de la Cooperación Social, N.º 2, p. 4

CASIMIRO DE ABREU

CASIMIRO J. M. DE ABREU

AS PRIMAVERAS

NOVISSIMA EDIÇÃO

ACCRESCENTADA DE NOVAS POESIAS

E DA SCENA DRAMATICA

O CAMÕES E O JÃO

E

DOIS ROMANCES EM PROSA

ESTA EDIÇÃO É PRECEDIDA DO JUIZO CRITICO

DE VARIOS ESCRIPTORES BRASILEIROS

E DE UM PROLOGO

POR

M. PINHEIRO CHAGAS



LISBOA

IMPRESA DE J. G. DE SOUSA NEVES

65, Rua da Atalaya, 67

1875

A propriedade d'este livro pertence a Antonio José Fernandes Lopes, como se pôde ver nos documentos publicados a pag. 233 d'esta edição; qualquer exemplar sem o carimbo do auctor, entende-se ser contrafacção, e proceder-se-ha em conformidade da lei.



PROLOGO

I

Pesa uma fatalidade notavel sobre a litteratura ou pelo menos sobre a poesia brasileira contemporanea. Quando esse paiz juvenil precisava, para proclamar a sua autonómia litteraria depois de haver proclamado a sua autonómia politica, de que todos os talentos tambem juvenis e ardentes, impregnados tambem nas idéas novas que tinham germinado ao calido sopro da brisa do Ypiranga se agrupassem em torno do pendão auri-verde, e entoassem com enthusiasmo os hymnos inspirados pela musa dos tropicos, pelo genio protector d'esses bosques immensos, a cuja sombra os errantes aventureiros do seculo xvi tinham afinal assentado os lares d'essa nova nacionalidade, veio a morte implacavel e ceifou os homens em que o Brasil mais confiava para serem os chefes da nova cruzada. Por tres vezes uma vaga melodia, um cantico ineffavel, todo perfumado com as fragrancias ardentes das noites tropicaes, todo banhado nas brancas ondas do luar americano, por tres vezes esse canto dulcissimo, em que suspiravam os echos dos gorgeios do sabiá, fez erguer a cabeça ao povo brasileiro, promettendo-lhe um poeta verdadeiramente nacional, um genio inspirado pela musa nativa, como que embalado na rede suspensa das bananeiras, educado pelos murmurios das florestas virgens, pelo estridor das catadupas, pelas fadas lascivas que á noite povoam os fragedos de Guanabara, e, com a harpa de oiro em punho, com a fronte cingida d'um raio voluptuoso, que desprende o morbido scintillar das estrellas, soltam á brisa do largo os hymnos infeitiçados. Tres vezes expirou o canto, apenas vibrára as primeiras notas: tres vezes os echos espantados esperaram em vão que a lyra argentea desferisse novas melodias; tres vezes emfim veio o espectro da morte e com o bafo pestilencial murchou na frente do cantor a

rosea grinalda da juventude, quebrou com a mão descarnada as cordas do instrumento divino, e semi-apagou no livro d'oiro da immortalidade os nomes já alli inscriptos de tres grandes poetas.

Esses nomes eram os seguintes: Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, e Casimiro d'Abreu.

Não se supponha comtudo que eu desconheça a existencia d'uma pleiade notavel de poetas brasileiros. Eu que sigo todos os mezes com sympathia verdadeira o movimento litterario do Brasil, melhor do que ninguem posso dizer que referve um Etna de poesia no espirito d'esses portuguezes da America. Entre os poetas que enxameiam n'essa colmeia enorme que vae do Amazonas ao Plata, muitos ha que devem occupar um logar distincto na litteratura universal. Mas, talentos cultivados, nutridos com o leite da civilisação europea, involtos no turbilhão que irrompendo de Paris percorre o mundo inteiro, e arrasta na sua attracção fascinadora os maiores espiritos, os mais sublimes pensadores, não correspondem tanto, como seria para desejar, ao que se espera dos poetas filhos d'essas regiões, onde supomos que a phantasia deve esplender como prisma brilhantissimo, em que se refranjam, colorindo-se ardentemente, os raios d'um sol de fogo.

Estes tres poetas, por isso mesmo que eram talvez mais rebeldes ás leis severas promulgadas pelos legisladores litterarios, menos conhecedores das litteraturas europeas, que, possuidoras dos mais brilhantes exemplares, involuntariamente os incrustam no espirito d'aquelles que as estudam, por isso mesmo talvez o genio d'esses tres poetas, mortos em flor, tinha uma espontaneidade, um sabor nacional, que falta a outros que aliás occupam um logar muito mais elevado na hierarchia da intelligencia. Gonçalves Dias e Magalhães, os dois grandes poetas de que o Brasil se ufana, atrahidos para a Europa pela fascinação que em todos os espiritos avidos de cultura exerce este grande foco civilizador, passando uma grande parte da sua vida nas capitães europeas, como podiam eximir-se ás seducções da grande poesia philosophica e scismadora de que Lamartine e Victor Hugo teem sido os corypheus? Alvares d'Azevedo, Junqueira Freire, e Casimiro d'Abreu, porque as circumstancias especiaes da sua curta existencia lhes não permittiram immergir-se tanto no estudo e na confrontação de modêlos litterarios, porque não tiveram tempo senão de ouvir a brisa

gerner nas florestas nataes, meneando as folhas de cristal do aracui, possuíam, em maior ou menor grau, todos os predicados e os defeitos da espontaneidade; eram verdadeiramente americanos pelo ardor dos sentimentos, pela febre das paixões, pelo volcânico da phrase. Genios tropicaes, havia n'elles uma poesia luxuriante como a vegetação do Amazonas, fulgida, gongorica, entusiastica e delirante. Os versos saíam-lhes muitas vezes rebeldes á lei do metro, uma folhagem parasita de methaphoras se lhes enroscava á roda das estrophes cinzeladas: estavam longe sempre da elegia singela, sobria, e correcta de Gonçalves Dias, da meditação philosophica e austera de Magalhães. Mas esse desbordar de poesia harmonisava bem com o tumultuar da seiva que reverve no amago das arvores da America. E esse delirio de noites d'estio, que Alvares d'Azevedo intitula *Sonhando*, essa aspiração louca, ardentissima, calcinada por uma sede insaciavel d'amor que se nota na *Estrella Vesper* de Junqueira Freire, essas revelações de criança apaixonada que lêmos nas *Primaveras* de Casimiro d'Abreu revelam tão evidentemente a inspiração americana, como os beija-flores e os canindês mostram que foi o sol do Brasil que lhes incendeu uma chamma azul, vermelha ou doirada em cada pluma da aza, como o ananaz, o araçá ou o cajú dizem que só as calidas fragancias das terras de Santa Cruz podiam perfumar-lhes a polpa, dando ao sabor dos fructos o aroma das flôres.

A Casimiro d'Abreu se referem as breves paginas com que prefaciamos as suas obras completas. É audaciosa a tentativa, porque uma outra edição das *Primaveras* feita no Porto é precedida por um brilhante artigo critico devido á penna do meu bom amigo e illustre escriptor Ramalho Ortigão. Alvares de Azevedo fôra apresentado ao publico portuguez por Lopes de Mendonça. Junqueira Freire foi-nos revelado por um artigo que o sr. Pereira da Silva, um dos primeiros escriptores do Brasil, inseriu n'uma das suas mais notaveis obras. Casimiro d'Abreu não teve honrarias inferiores ás que os seus confrades em genio e desventura haviam obtido. Ramalho Ortigão, que é hoje indubitavelmente o nosso primeiro critico, prestou homenagem digna de ambos, ao infeliz poeta brasileiro. Se ousou entrar na mesma senda não é porque não reconheça que o assumpto já foi tratado com todos os primores de linguagem, de estylo e de critica pelo escriptor portuense. Mas é esta uma divida antiga contrahida para com a memoria de Casimiro d'Abreu,

logo que li pela primeira vez os seus versos. Tendo feito um estudo sobre tres poetas portuguezes, ligados pelo infortunio (Correia Caldeira, Lobato Pires, Soares Passos) tencionei logo consagrar um estudo identico aos tres juvenis poetas brasileiros. Satisfaço agora uma porção da divida.

II

«Antes a poesia sem o verso, do que o verso sem a poesia, antes verdadeiro poeta pelo coração do que eximio versificador pela cabeça.

«Casimiro d'Abreu, auctor d'este bello livro das *Primaveras* que eu acabo de fechar é d'isso o melhor exemplo. Desconhece os segredos de linguagem com que se enfeita a pobreza do espirito, não estudou em alheios moldes a fórmula em que tem de vasar-se a inspiração, não aprendeu a mechanica de palavra nem o contraponto da versificação. Não é um genio desenvolvido nem um grande litterato; é uma grande alma e um grande infeliz. Não verseja, poeta; não canta, suspira-se, lamenta-se, chora. Diz-nos simplesmente o que sente, dá-nos em cada verso um sorriso ou uma lagrima; em cada estrophe um pedaço da sua alma, e, sem o querer, sem o pensar talvez, offerece-nos no seu livro das *Primaveras*, mera collecção de poesias fugitivas, o completo romance d'um coração, um poema inteiro cujo heroe é o auctor.»

N'estas palavras resumio concisamente o sr. Ramalho Ortigão tudo o que se pôde dizer d'essa vigorosa e mallograda individualidade litteraria. Espontaneidade, ardor muitas vezes irreflectido; expansão fervente de todos os sentimentos que lhe abrasavam a alma; eis o que temos a admirar nas poesias que Abreu escrevia sobre o joelho, quando o punham saudades lancinantes, quando o abrasava uma louca paixão, quando o salteiava um funebre presentimento. Como se receiasse que a morte o viesse interromper antes de tempo. Casimiro d'Abreu desfolhava com as mãos febris as flores da sua dupla grinalda de poesia e de juventude. Essas petalas de rosas ainda hoje perfumadas e coloridas, são as que appareceram colligidas com o titulo de *Primaveras*, e que tão grande e tão legitimo successo obtiveram em Portugal, successo que duplicou quando o publico soube que essa primavera tão abundante de flores e de perfumes, em vez de continuar nos ardores do estio, terminára nos regelos do tumulo.

Foi curta como um sonho de noite de maio a existencia do poeta, curta e amargurada. Teve as sombras nocturnas a toldarem-lhe o esplendor da aurora; por entre as arvores floridas que lhe assombravam as ridentes lamedas da vida nos primeiros passos surgiu-lhe como esse branco phantasma que o infeliz Carlos VI de França viu levantar-se-lhe ante o corcel na deveza da floresta, o espectro lugubre da morte. Não foi n'um céu azul que estalou de repente o raio; o anjo fatal veio, como a aguia de Jupiter, raptar este novo Ganymedes em todo o esplendor da mocidade para o sentar nos celestes convivios; o presentimento veio entristecer-lhe as horas rosadas da sua manhã tão curta. Não pôde dizer com Musset que saciado dos gosos da vida esperava a morte como consoladora do fastio já proximo.

Et que quand on meurt jeune on est aimé des dieux.

Não; Casimiro d'Abreu não viu nunca senão a face negra da vida, e era entre os horrores do exilio que elle erguia a Deus essa prece sublime, toda repassada de lagrimas, e impregnada de melancholia.

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus! não seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá.

Concedeu-lhe Deus essa ventura suprema, levou-o ao Brasil porque elle anhelava, e permittiu que um raio das estrellas fulgurantes do céu americano lhe illuminasse o cadaver juvenil.

Este amor ardente que tinha á sua patria era uma feição característica do talento de Casimiro d'Abreu; ao invéz do que succede habitualmente, Casimiro d'Abreu veio do Brasil procurar fortuna a Portugal; se os nossos compatriotas, no meio dos esplendores dos tropicos, sentem saudades tão profundas da sua branca aldeia, dos seus olivedos viçosos, do seu campanario humilde: como não hade lancinar a nostalgia esses filhos do sol, perdidos na triste Europa, longe dos rios gigantes, do céu de fogo, das florestas collossaes d'esse paiz sublime! por isso elle entoava a canção do exilio, e dizia:

Como a ave dos palmares
Pelos ares

Fugiado do caçador,
Eu vivo longe do ninho
Sem carinho.
Sem carinho e sem amor.

Por isso elle, no meio do nosso inverno, erguia o pensamento para essa terra de luz, onde tivera o berço, e entoava um hymno cheio de amor e de saudades ás bellas da sua patria, hymno onde parece espelhar-se todo o immenso ardor do céu americano.

Ao lado da cachoeira,
Que se despenha fremente,
Dos galhos da sapucaia,
Nas horas do sol ardente,
Sobre um solo d'açucenas,
Suspensa a rêde de pennas,
Alli nas tardes amenas
Se embala o indio indolente.

Esse desejo ardente de voltar á sua patria perseguia-o sempre; era o seu sonho constante, o desejo que o animava, que lhe inspirava as suas mais bellas estrophes, porque o são effectivamente os formosos versos d'essa *Canção de exilio*, de que já transcrevi uma quadra e que não resisto ao desejo de transcrever toda, porque n'ella se resume, como em nenhuma outra, a indole litteraria de Casimiro d'Abreu, a fragrancia de melancholia que lhe perfuma os versos, o ardor tropical que transluz em cada estrophe d'esse poeta essencialmente brasileiro:

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus! não seja já!
Eu quero ouvir na lãrangeira, á tarde,
Cantar o sabiá!

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
Respirando este ar;
Faz que viva, Senhor! dá-me de novo
Os gozos do meu lar!

O paiz estrangeiro mais bellas,
Do que a patria, não tem;
E este mundo não val um só dos beijos
Tão doces d'uma mãe!

Dá-me os sitios gentis onde eu brincava
Lá na quadra infantil;
Dá que eu veja uma vez o céu da patria,
O céu do meu Brasil!

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus! não seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá!

Quero ouvir esse céu da minha terra
Tão lindo e tão azul!
E a nuvem côr de rosa que passava
Correndo lá do sul!

Quero dormir á sombra dos coqueiros,
As folhas por docel;
E ver se apanho a borboleta branca,
Que vôa no vergel!

Quero sentar-me á beira do riacho,
Das tardes ao cahir,
E sósinho scismando no crepusculo
Os sonhos do porvir!

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus! não seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
A voz do sabiá!

Quero morrer cercado dos perfumes
D'um clima tropical,
E sentir, expirando, as harmonias,
Do meu berço natal!

Minha campa será entre as mangueiras
Banhada do luar,
E eu contente dormirei tranquillo
Á sombra do meu lar!

As cachoeiras chorarão sentidas
Porque cedo morri,
E eu sonho no sepulchro os meus amores
Na terra onde nasci!

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus! não seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá!

Satisfez lhe Deus o ardentissimo desejo! foi no Brasil que elle expirou, foi entre as mangueiras banhadas pelo luar que o tumulo se lhe abriu.

Este poeta goza no Brasil e em Portugal d'uma merecida popularidade, comprovada pela necessidade da republicação das suas poesias. A edição, a que estas pobres paginas servem de prefacio, é o mais completo monumento que se tem erguido a Casimiro d'Abreu. Contém não só as poesias e as prosas publicadas nas outras edições, a collecção dos julzos criticos que sobre elles se publicaram nos jornaes brasileiros, mas tambem o *Camões e o João*, scena dramatica, que em Lisboa fez representar, e que foi coroada de applausos, e um fragmento d'um romance publicado na *Illustração luso-brasileira*, que a sua partida para o Brasil, e depois a morte interromperam. Este romance intitulava-se *Camilla, Memorias d'uma viagem*. É isto o que torna mais apreciavel esta edição, e o que em parte compensa para os leitores o serem substituidas as formosas paginas do sr. Ramalho Ortigão por este modesto prologo que vae assignado por

M. PINHEIRO CHAGAS.

JUIZO CRITICO

DE

VARIOS ESCRIPTORES BRASILEIROS

I

Vou reavivar em breves traços a memoria de um joven illustre. O Brasil, que tem visto desfolhar-se tantas esperanças em flôr, collocava-o entre os talentos de maior futuro. Não contava com o vento aspero e ardente do seculo, que secca e abraza todos os espiritos nobres, que os arroja, por desfastio, ao gozo immoderado, e após á doença e ao tumulto em idade prematura! Quantos poetas de vinte annos, almas illuminadas por um ideal impossivel, não têm passado por ante nós, que os excedemos tão pouco na idade! Alvares de Azevedo, Gonçalves Braga, Macedo Junior, Junqueira Freire, e outros companheiros d'armas, cedo tiverão a lage do tumulto por leito de campanha, a eternidade como realisação de ideal, a gloria posthuma como consagração do merito!

Quereis a decifração do enigma d'esta tuberculisação do corpo social, que vê morrer tão cedo os seus pensadores mais distinctos? Procurai-a na ausencia das crenças moraes, que começa por tirar-nos do coração a religião da mulher, e acaba por enregelar-nos o leito funebre com a negação de Deus. Os utilitarios, profundos machinistas da sociedade, que a querem concertar com peças de sua invenção, esquecerão-se de que, deixando a mão de Deus de ser o impulsor, era a dissolução certa e inevitavel. Entenderão que o dinheiro era uma base tão legitima como a abnegação, e derão-nos em troca da litteratura o jornal commercial, do amor desinteressado o casamento por conveniencia, do templo orthodoxo o palacio da Bolsa. E, quando uma cabeça altiva se ergue no meio d'esta sociedade atacada de anémia, perseguem-a os motejos dos homens positivos, parvos in-

ventados por este seculo de progresso material, que têm o privilegio, sobre os antigos parvos, de serem, não a excepção, mas a regra geral da sociedade.

Poesia! moeda que não tem curso nas bolsas bordadas das meninas de quinze annos, que os homens de estado, mercadores de consciencias, repellem com o pé, que os padres, adoptando o estado ecclesiastico como officio, procrevem dos seus templos; onde irás achar um abrigo? Onde irás tu, filha querida dos seculos de crença, enxugar a tunica alagada pelos suores de tua longa peregrinação? Quem te dará o pão da compaixão, um céu que não tenha fumo industrial, um gabinete litterario sem discussão de cotações mercantis?

Eras em tempos melhores a querida das damas. Davão-te o regaço por almofada, premiavão-te com doces beijos, querião-te para companheira da solidão. Os circulos azues em volta aos olhos, a languidez dos cilios, o desfallecimento dos passos, eras tu quem os causava. Agora as damas acordão á vida real ao tinir das moedas de ouro, têm o Potosi como retiro ideal, e um velho barão, rico de dinheiro e parvoice, como suspirado Amadis. Para ellas os romances francezes da escola degenerada do segundo imperio são os de maior attractivo. Não ha alli a perspectiva de immensos cabedaes, bem ou mal adquiridos; não se pintão alli ao vivo, sem véo, sem recatos inuteis os gozos venaes, complemento de uma educação sem idealismo? *Bobos de nova especie*, os principes do talento, os queridos da phantasia, substituirão para estas damas os anões e insensatos da velha sociedade. Brincão com seus affectos extremosos, riem-se de suas crenças, e põem-lhes sobre a fronte, em vez da corôa de louros, o barrete ignobil do caturra. Quando passa um poeta, enigma para estas almas pervertidas, apontão-o ao dedo como um ente curioso. De que planeta cahiu, em que familia zoologica se deve classificar, em que idade antediluviana forão creados os seus progenitores? Eis as perguntas que as meninas positivistas mutuamente se dirigem. Mas a curiosidade, qualidade opposta ao calculo utilitario, cessa em breve; tornão ás suas contas de arithmetica, e só se lembrão do pobre poeta quando de passagem o encontram, para dar-lhe, em troca dos olhares, um risinho de mofa.

Pobre sociedade, pobres educadoras futuras das almas inexperientes!

É este o mal que tem consumido cedo todos os espiritos

nobres. Foi este o mal que viciou nos annos juvenis a organização do nosso poeta. Quando mais tarde veio o remédio, quando um anjo de eterno lucto e eterna saudade, excepção de regra n'esta mascarada social, deu-lhe, em troca do amor, affecto igual e sublime, já *Casimiro de Abreu* estava condemnado ao tumulto.

Flôres tardias forão estas, que desabrochárão á sombra dos cyprestes ?

II

Ao norte do Rio de Janeiro, desde as serranias altas e negras, proximas á barra, que se desenhão no fundo do horizonte ao navegante que vem de léste, estende-se uma costa tortuosa, ora hirta de rochedos lugubres, bravia, como nas immediações de Maricá; ora, como em Cabo Frio, erguendo-se ao céu em alcantis gigantes, por entre os quaes passam as marés, arremettendo contra os rochedos, tismados pelos seculos; ora, emfim, como da bahia da Armação ao cabo de S. Thomé, e d'este á foz do Parahyba, abrindo-se, pelas margens dos rios de S. João, Macahé e Macabú, em planicies orladas de brancas praias de areia, semeadas de varzeas esmaltadas de flôres, e coroadas no alto por collinas que vão perder-se ao longe nas recortadas serras de Friburgo. Ha por esta costa povoações assentadas nas barras de todos os rios, no fundo de todas as enseadas, de que desfraldão, ao romper da alva, barcas de pescadores, abrindo a véla ao brando norte, ou ao sudoeste impetuoso, que encapella as ondas, arremeçando-as pela terra dentro. Esta natureza de contrastes rapidos, a que serve de docel um céu de azuladas tardes, ou de vastas tempestades, e cujo horizonte é o oceano infindo, tem avivado muitas imaginações ricas.

Na velha Cabo-Frio, ainda guarneçada, como nos velhos tempos feudaes, de fortalezas e conventos, nasceu o traductor mavioso de Lamartine, *A. G. Teixeira e Sousa*, que nos *Tres dias de um noivado* roubou á terra patria algumas das côres sinistras e delicadas de seus alcantis e prados.

Em Macahé, pequena cidade de casas brancas, gentil na mocidade, que tem praias poeticas como a Imbitiba, grutas mysteriosas como a da Fortaleza, altos como o de Sant'Anna, que convidão a pensar, largando os olhos pelo oceano a perder-se no horizonte, desenvolveu-se um espirito notavel pelo seu talento e erudição o sr. *Velho da Silva*. Quantas vezes não se franjou de pedrarias deslumbrantes a sua rica

phantasia, ao ir pelas manhãs douradas de Maio, cavalgando pelos campos do Barreto, ou por entre as conchas d'aquella praia de neve da Boa-Sica? Quantas vezes não veiu sentar-se ao seu lado na gruta da Fortaleza o velho Ovidio, o seu intimo amigo, a practicar dos antigos mythos da grande Grecia, ou dos tempos em que outros poetas, os poetas de Veneza e Mantua, vinhão tambem scismar á tarde nas grutas de Parthenope, batidas pelo mar de esmeralda?

É n'esta região, sombria, ridente e grandiosa que teve o nascimento *Casimiro de Abreu*.

III

Casimiro de Abreu! nome obscuro no seculo dos agiotas e charlatães politicos, nome grande para todos os seculos que prezarem a arte, os affectos nobres que dulcificão a ordem social e a dedicação extrema,—qualidade rara em ambos os mundos aos nettos decabidos do vencedor de Dio e do expugnador de Loanda. Avalião-se hoje as dedicações pelos teres do amigo, pelas facilidades da carteira, ou pelos calculos da utilidade individual de cada um. E venhão fallar de poesia, de amor, de abnegação a burguezes aristocratas, que desprezão todas essas qualidades do pobre, porque não se podem trocar por notas bancarias no edificio da bolsa!

O que significa, pois, entre nós, uma biographia litteraria? Que successos poderemos referir sem excitar o tédio dos raros leitores? D'esta vida, breve em annos, rica em producções, apontaremos apenas as principaes datas. Ao menos a extensão da narrativa não assustará a curiosidade dos que dão alguns minutos ao estudo, depois de haverem dado horas aos entretenimentos de gozo menos ideal.

Casimiro José Marques de Abreu, filho de José Joaquim Marques de Abreu, e de D. Luiza Joaquina das Neves, o primeiro portuguez, a segunda brasileira, nasceu em 4 de Janeiro de 1837 na Barra de S. João. Seu pai era negociante e destinou-o á sua profissão, apesar do talento para o desenho, que desde a tenra infancia elle mostrava, como primeiro indicio da riqueza de sua imaginação.

Aos seis annos aprendeu os rudimentos da lingua, e aos nove foi para Nova-Friburgo, onde entrou para o collegio Freese. Sem ter completado os preparatorios, veiu para o escriptorio do pai no Rio de Janeiro, de onde, mostrando-se indocil á disciplina commercial, foi enviado a 13 de No-

venbro de 1853 para Lisboa. Ahi as musas, companheiras queridas da sua brilhante mocidade, em breve o cercarão, seguindo-o na excursão que fez pelas margens pittorescas do Douro e Minho. Algumas folhas portuguezas receberão com applauso as primicias do seu estro juvenil.

Interesses de familia e ordens paternas, que auxiliavão as saudades do primeiro amor que na patria deixára, o fizeram voltar. Chegou ao Rio em 11 de Julho de 1857, e seguia para Indayassú, fazenda paterna nas margens do Rio de S. João, onde esteve um mez. Ahi, em vez dos beijos de um primeiro amor quasi infantil, em vez das copas dos laranjaes que acolhião ternos encontros, achou para recordar-se, em estancia pouco distante, os cyprestes de um tumulo, a memoria de um martyrio e o susurrar da viração por entre as folhas das arvores queridas, que lhe lembravão tempos para sempre findos.

Voltando ao Rio, veio de novo empregar-se no commercio, entrando em Setembro para a casa dos Srs. Camara, Cabral & Costa, onde se conservou até 13 de Junho de 1859. Durante esse periodo medrarão-lhe as tendencias poeticas, e mais dura se lhe tornou a condição dependente a que os preconceitos paternos o havião condemnado. Não entendião os superiores que as lettras se podessem casar com o commercio; para elles um analphabeto talvez fosse preferivel ao maior genio, e por certo bem duras reprimendas vierão aggravar as intimas dôres d'aquella organização delicada e nimiamente susceptivel.

A aproximação da morte abrandou a vontade paterna, e o nosso joven poeta partiu a 5 de Abril de 1860 para Indayasú, a fim de vizital-o. Recebido o ultimo adeus de quem devia orgulhar-se de tão illustre filho, conservou-se na fazenda até 4 de Junho, epocha em que voltou á côrte. Sorrira-lhe já a fortuna com suas dadivas, pois o pai legára-lhe bens para honesta e descançada existencia,—viera um novo amor perfumar o seu espirito de novas aspirações,—podia pois julgar o seu futuró bello e feliz ao par de sua mãe, de sua irmã querida e d'aquella que tão dignamente lhe vencêra as saudades do primeiro affecto,—quando a mão da morte o tocou e feriu de maneira incuravel.

Conhecendo-se affectado dos pulmões, quiz ir para a Madeira; mas, sendo a estação muito agradavel na serra em que passára a primeira juventude, deliberou-se a ir para Nova-Friburgo, onde chegou a 24 de Julho. Foi d'ahi que

veiu a noticia da sua supposta morte,—que tanto affligiu os amigos das lettras e as almas sensiveis, que já o conhecião pelo volume de poesias que publicára. No fim de Setembro, avizinhandose a estação invernosa, resolveu voltar á sua fazenda, onde chegou em 3 de Outubro. Filho extremoso, vendo aproximar-se a hora dos ultimos adeuses, mandou chamar sua mãe, que lhe retribuiu em carinhos e dedicação tão grande affecto.

Em breve começarão a faltar-lhes as forças, e foi para o leito esperar pela hora do descanso,— pois para elle, martyr da sensibilidade, não houvera paz possivel na dependencia da sociedade egoista em que vivêra. A religião quiz consolar aquellas dôres d'alma, tão fundas e estremecidas que não podião sahir-lhe do pensamento; —mas o joven idealista não se prestou a receber os sacramentos, declarando que, tendo a consciencia limpa, de nada tinha que pedir perdão a Deus. Rodeavão-o em prantos alguns parentes e os famulos, que sempre havião encontrado n'elle extrema bondade; voltou-se para elles o agonisante, e perguntou-lhes com placidez estoica :

— Pois a dôr da morte será tão insupportavel !

Quem lhe acenava no céu, por entre as sombras d'aquelle occaso da vida, que não podião occultar a luz de um mundo melhor ? Quem o chamava, com a doce voz do primeiro affecto, que arranca lagrimas ao coração, e povôa de imagens divinas o leito do soffrimento ?

Entre este desapego do mundo, que tanto o atormentára, e a esperanza de uma reunião proxima, morreu o auctor das *Primaveras*, ás 5 horas e 25 minutos da tarde, no dia 18 de Outubro de 1860.

Seu tumulo singelo, sem monumento da gratidão nacional, está collocado na Barra de S. João, ao par d'aquelle em que jazem os restos de seu pai. Acalentão-o ao longe as ondas quebrando-se nas praias do Atlantico, e as aves dos palmares vêm nos arvoredos proximos annunciar-lhe a aurora com seus hymnos doces e cadenciados.

IV

Adeus amigo ! Se á sombra d'esses bosques de eterna primavera, que tu e o Dante sonhastes, em que ha amores verdadeiros e desinteressados, em que a alma pôde viver e expandir-se sem motejo dos nescios, te lembrares dos compa-

nheiros d'armas que deixaste, pede a Deus que abençõe os seus esforços, para que d'esta geração, condemnada ao martyrio moral, saia outra que assista á regeneração da sociedade! Embora nos lacerem os pés os espinhos da estrada, embora os materialistas se rião de nossos esforços, levemos a nossa crença em holocausto ao altar do futuro, que resume em si a maior ideia de Deus, porque é elle a *eterna esperança*.

Findando estes breves traços, digo adeus tambem por tempo indefinido á litteratura amena. Obscura foi a minha carreira, mas deu-me horas de intimo gozo, que são a minha mais bella recompensa. É grato para mim, que estreei nas letras, criança obscura e expatriada, escrevendo em Macahê, e ahí recebendo generosas animações e os primeiros applausos, — consagrar tambem estas ultimas linhas á memoria de um filho d'aquella terra. Sinto verdadeira ufanía em poder designar como segunda patria, como berço da intelligencia, como estancia de meus primeiros e aturados estudos, a mesma terra que deu o ser ao Petrarca brasileiro.

REINALDO CARLOS.

Rio de Janeiro, 13 de Dezembro de 1862.

(Copiado da Revista Popular do Rio de Janeiro).

Nos dias de prosaico positivismo em que vivemos, acabam as letras brasileiras de receber mais um mimo.

O sr. Casimiro d'Abreu acaba de publicar as suas *primaveras*. Cumpre ser moço, na verdade, para no meio da indifferença que enregela a sociedade, no meio do borborigo metallico que sôa a todos os ouvidos, levantar a voz sonora e dizer a essa sociedade egoista — Attendei-me! — vou cantar os segredos de ternura da alma humana; vou expôr-vos na lingua a mais doce e harmoniosa os sentimentos que estão nos vossos, como estão em todos os corações, mas de que tão accuradamente vos distrahis. — Cumpre ser moço para tental-o, e cumpre ter recebido do céu essa sublime inspiração, que constitue a verdadeira arte poetica, para conseguil-o. O sr. Casimiro d'Abreu o conseguiu; seus versos são fluentes, ricos de melodia, apropriados ao assumpto, doces como elle. Qual é o assumpto? Po-

deis perguntal-o? O que pôde cantar um moço senão o que lhe transborda do peito? — O amor.

A saudade da patria, a confiança nos destinos d'ella, a saudade da familia, a lembrança do affago materno, do berço do irmão, tudo isso inspira o poeta; tudo quanto é sentimento terno acha-se no seu thesouro. É porém o amor o que mais constante lhe faz vibrar o coração, e a menor leitura do livro basta para mostrar que é escripto com o coração.

Não lhe escaceando o devido tributo de louvor e de animação, a nossa imprensa deve mostrar ao joven poeta que nem tudo está tão frio, nem tudo é tão indifferente como parece: aqui e alli ainda batem corações sympathicos a todos os sentimentos nobres, nobremente exprimidos, e não faltam espiritos que prezem e cultivem as bellas letras.

Se para esses quizer viver o sr. Casimiro d'Abreu, se tiver a coragem de dizer aos mais — *Odi profanum vulgus et arceo*, — animações lhe não hão de faltar, e longe de retirar-se da liça, depois de tão bella estreia, accrescentará mais cordas á sua lyra, aproveitará o raro talento de metrificacão que mostra possuir, em alguma composicão de mais alento. Para então o aguardamos nós; que hoje com tanto prazer lêmos os seus versos e os aceitamos como um agouro ou uma promessa, para collocar-o na primeira linha dos nossos vates e mostrar com analyse de critico os seus titulos a essa gloria.

14 d'outubro de 1859.

DR. JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA.

Quereis por ventura vaguear livremente no meio de sonhos e flores, entre sorrisos e galas n'esse jardim sempre viçoso, que se chama mocidade? Quereis, pondo de parte o mundo e suas theorias positivas, embalar-vos por alguns momentos nos braços da phantasia ás melodias ternas e queixosas da lyra do coração? Quereis levar algumas horas pensativo e mudo, bebendo a vida em um raio ardente do sol dos tropicos, a esperanza no anil do céu e o amor nas nuvens douradas que brincam no horisonte?

Com a mão no peito e a franqueza nos labios, ninguem ousará dizer — não.

Moço ou velho, alma cheia de fogo ou coração enregelado, todos amam no fundo a natureza com suas festas, a vida com seus esplendores e a mocidade com seus devaneios. Se assim é, abri comigo as *Primaveras* de Casimiro de Abreu.

Juvenilia! Juvenilia! dizia um poeta latino ao recordar se das lastimosas aparições, que nos arrancam dos sonhos pueris da primeira idade, e das concepções fogosas que brotam do cerebro e do coração do mancebo. Juvenilia! Juvenilia! é a voz de todos.

Aquelle, no verdor dos annos, com o olhar illuminado pela esperança e tentando ávidamente rasgar o véo que lhe encobre o futuro, pronuncia essas palavras sagradas; bem como este, que, de cabeça encanecida e fronte sulcada de rugas, se volve com saudade para os destroços d'um passado morto e se lembra das flores que ha muito murcharam.

Hymno de enthusiasmo ou elegia funebre, o grito é o mesmo.

Aquelle outro deixa escapar essas vozes sentidas na solidão da floresta ou no silencio de seu gabinete; para o mundo seu rosto é calmo, sua falla firme, e a alma não se desenha na pupilla dos olhos.

Este não: escreve a divisa na bandeira altiva, e não tem medo que o sol venha alumial-a.

Alli a concentração e o mysterio, aqui toda a expansão de uma alma virgem, porém sempre juvenilia! juvenilia!

No livro de Casimiro d'Abreu encontram se bellas variações sobre esse thema universal. Folheai essas paginas singelas, vosso coração baterá, muitas e brandas imagens virão cercar-vos: *Primaveras* é uma obra escripta com toda a sinceridade d'um coração novo e ao fogo d'uma imaginação incendiada. Ao traçarmos estas linhas não temos em mira escrever uma critica: é mais modesta nossa aspiração.

Relatar puramente as ideias que nos suscitou a leitura d'esses versos é tudo que almejamos. É a confissão franca das differentes sensações que de nós se apoderaram quando seguimos o poeta no paiz encantado de suas *Primaveras*, confissão simples, é verdade, porém cordial.

As *Primaveras* formam uma collecção de harmonias singelas, como é singelo o coração, e ao mesmo tempo ardentes, como é ardente a febre: são cantos da mocidade.

Quando se abandona o collo de uma mãe querida, e se entra no mundo, scena grande, cheia de luzes e de bulicio,

a commoção é violenta, a alma estremece e... e começam os sonhos. E como é bello sonhar!

A imaginação cria um mundo á parte, rodeado de horizontes todos novos; atira-se por ahí além, rindo e folgando, seguindo seus caprichos de merina voluvel; na voz da brisa escuta harmonias do céu e vai trocando ternos olhares com alguma virgem que ella mesma ideou e que só ella vê.

A par dos sonhos, apparecem as primaveras d'essas scenas, que fazem esquecer as dôres d'um passado inteiro, cobrem de flores o presente e tornam se uma fonte inesgotavel de magoas para o futuro.

Scenas como todos almejam e como alguns apreciam. São lindas paizagens do Chanaan dos amores, os caminheiros do deserto as avistam de longe, e felizes aquelles que chegam a gosar as suas delicias!

Se tudo isso, porém, vive e palpita no bello livro de Casimiro d'Abreu, não faltam as côres sombrias. Que quereis? No sorrir do mancebo apparece ás vezes uma contracção ironica, um vislumbre de tristeza, fraco lampejo d'alguma dôr secreta.

Nas primaveras ha flores sepulchraes ao lado de flores festivas.

No primeiro livro ha d'esses versos que brotam do coração, quando pelo cair da tarde a doce virgem da melancholia nos vem enlaçar em seus braços. Derrama-se então muita lagrima; porém são lagrimas que alliviam e consolam; a melancholia é uma bella companheira.

Por isso tambem não é das harmonias que ella inspira, que fallamos presentemente, mas sim da ultima parte do volume, e sobretudo do *Livro Negro*, onde se percebe o cunho d'uma idéa grave e um espirito sob a impressão d'algum sentimento triste.

Leopoldo Roberto achava-se um dia entregue aos mais agradaveis sonhos de ventura, seu rosto era altivo, seu olhar brilhante; tomou o pincel e desenhou com effusão a linda scena — *Le carnaval de Venise*. Dias depois o artista esmoreceu, e sobre a mesma tela, mesmo em cima d'aquellas figuras alegres, pintou — *Le depart des pecheurs*.

Foi um sorriso suffocado por um soluço, diz Pelletan, o narrador d'esta scena. Casimiro d'Abreu, depois de cantos de vida e amor, escreveu o *Livro Negro*. São suas ultimas vozes, e por isso fecha-se o livro das *Primaveras* com o coração mergulhado em tristeza.

Porém não importa: iremos ouvindo as suas canções, embora depois os eccos funebres nos arranquem dos sonhos.

O poeta colloca o ramilhete de suas flores sob o olhar terno e compassivo: esse olhar será seu *talisman*, seu *paladium*, e ao terminar, assim diz :

«Se entre as rosas das minhas primaveras
«Houver rosas gentis de espinhos nuas,
«Se o futuro atirar-me algumas flores,
«As palmas do cantor são todas tuas »

A prece já foi murmurada, agora pôde a lyra entoar seus cantos.

O livro primeiro das *Primaveras* tem um tom dominante, que é a saudade. A saudade não tem dous sentidos. Não é a tristeza que, desenhando-se no rosto d'aquelle que abandona o berço natal, desapparece quando desapparece a sombra do amigo, que da praia acena um adeus: não é a tristeza que some quando se somem as serranias nos confins do horisonte.

A saudade é outra.

É o sentimento que nos acompanha longe do tecto paterno, dia por dia, em todos os passos. Dizem que tudo morre com o tempo; a saudade foge d'essa regra; á medida que os minutos se escòam, vai ella tomando mais vastas proporções.

Casimiro d'Abreu teve de partir creança ainda para fóra de seu paiz; abandonou o solo da patria e foi viver algum tempo em Portugal. D'ahi cantos saudosos, aspirações queixosas de quem precisa para viver do ar embalsamado de sua terra.

Das duas composições intituladas *Canção do Exilio*, a que mais nos agrada é a segunda: a primeira é rítmica, porém faz lembrar um pouco a de Gonçalves Dias, que tem o mesmo titulo.

Além disso, a outra é mais sentida, e vê-se mesmo que foi escripta sob toda a influencia da melancholia serena, que desperta a saudade do céu americano.

«Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
«Meu Deus! não seja já!
«Eu quero ouvir na lorangeira, á tarde,
«Cantar o sabiá!»

É a oração do moço, que cedo arrebatado d'um mundo cheio de luz e de perfumes, quer expandir-se ao sol da patria e embriagar-se de poeira e de vida.

«Quero dormir á sombra dos coqueiros,

«As folhas por docel.

«E vêr se apanho a borboleta branca

«Que vôa no vergel.»

Os versos correm sonoros e tristes, como as cachoeiras de que nos falla o poeta; foi sem duvida uma canção modulada pelas horas placidas da noite, á lembrança do luar tranquillo de sua terra.

Um dos caracteristicos notaveis do sr. Abreu é a singeleza d'expressão. Nada de phrases enredadas e locuções difficeis; falla sempre a linguagem do coração. Por isso todos podem lêr seus versos.

Não é d'esses poetas enigmaticos, cujo prazer é cravar uma pedra luzente, muitas vezes sem ser diamante, no meio de mil variados arabescos e complicados relevos, pensando que assim brilha mais; não é d'esses, cuja arte consiste em acabrunhar um pensamento simples, quando não é vulgar, com palavras sesquipedaes e atroantes, como o ribombo do canhão.

Demais, o nosso joven poeta é sempre intimo. Não se arreceia de levar o leitor ao tabernaculo sagrado de suas recordações e mostrar-lhe as reliquias memorandas que ahí conserva religiosamente: esperanças em flor ou esperanças murchas:—sorrisos, impressões de creança, lembranças ternas. ligando-se ás vezes a pequenas cousas,—tudo apparece.

No genero familiar apparecem os bellos dotes que acabamos d'apontar á sua verdadeira luz.

A patria encerra tudo que ha de mais caro para o homem. Não é só a brisa que balançou nosso leito de menino e os esplendores da natureza que nos cercou de suas galas. É tambem o lar da familia, as sombras amigas, que nos rodearam nos primeiros passos; é sobre tudo a voz que nos acalentou nos choros infantis. Que céu de poesia não se encontra alli!

Hugo, o poeta desterrado, cabeça immensa, onde fuzilam os grandes pensamentos, como fuzilam os relampagos na crista d'altaneira montanha, creou assim, pôde-se dizer, a escola da familia na poesia.

Espirito cheio de crenças, de lealdade e de valor, sua lyra desprende sons altivos ao desenhar o character magnanimamente de Ruy Gomes e o vulto soberbo do velho Titan do Rheno, Job o Excommungado, que içava na torre de seu *burg* um formidavel estandarte de luto, que a tempestade vinha torcer no seu turbilhão negro.

Imaginação arrebatada e voluptuosa, foi buscar no Oriente aquellas imagens graciosas da Grecia, e, ao passo que desvendava com todo o mimo os mysterios encantadores do Harem, tremia d'enthusiasmo no meio d'exhalações guerreiras, acompanhando Canaris na sua barca pelas ondas azues do Mediterraneo.

No entretanto é o mesmo homem que alimentou com seus cantos e embalou nos seus braços essa outra poesia, tão rica como a primeira, com quanto mais modesta, poesia que não tem como horisonte o céu franjado de nuvens encantadas, porém unicamente as quatro paredes d'uma casa; poesia que não segue o vôo altivo do condor, mas acompanha simplesmente o novello de fumo que se escapa do tecto.

Divina, porém, é ella na sua simplicidade. As luctas do mundo prostram o corpo e o espirito; as agitações convulsivas e burlescas d'isso que se chama sociedade aquebrantam as forças, e no redemoinho da vida bebe-se muita lição de descrença. Então a casa da familia se abre, o peito respira melhor, e a gelidez que se apoderou da alma some-se no meio de pessoas queridas, aos raios vivificantes do fogo domestico.

Hugo, no meio de sua mulher e de seus filhos, canta e chora. E quanta mágoa não foge ao som de seus cantares!

Casimiro d'Abreu, é, como já dissemos, mui feliz n'esse genero.

Lêde aquella ingenua poesia—*Meus oito annos*—e vereis com que ainenidade se entrelaçam as lembranças da casa que o viu nascer.

- Oh! dias de minha infancia!
- Oh! meu céu de primavera!
- Que doce vida não era
- N'essa risonha manhã!
- Em vez das mágoas de agora,
- Eu tinha n'essas delicias
- De minha mãe as caricias
- E beijos de minha irmã.

E depois:

«Livre filho das montanhas,
«Eu ia bem satisfeito,
«Da camisa aberto o peito,
«Pés descalços, braços nus,
«Correndo pelas campinas,
«À roda das cachoeiras,
«Atraz das azas ligeiras
«Das borboletas azues.

Minha mãe—é repassada d'uncção e de sentimento,

«De noite, alta noite, quando eu já dormia,
«Sonhando esses sonhos dos anjos dos céos,
«Quem é que meus lábios dormentes roçava,
«Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus?
«Minha mãe!»

No Lar—é uma das melhores peças do volume. O coração ali está todo inteiro.

No Lar—descreve o poeta sua volta á patria: primeiro a alegria, depois recordações intimas, e em seguida entusiasmo sancto, avidez de sol e d'amor. São d'esses versos que se lêem com os olhos humidos.

O desterro teve um fim: eis o proscripto no meio das sombras de sua infancia.

«Eis-me na patria, no paiz das flôres,
«O filho prodigo a seus lares volve,
«E concertando as suas vestes rôtas,
«O seu passado com prazer revolve.

«Eis meu lar, minha casa, meus amores,
«A terra onde nasci, meu tecto amigo;
«A gruta, a sombra, a solidão, o rio,
«Onde o amor me nasceu, cresceu comigo.

«Os mesmos campos que eu deixei creança,
«Arvores novas... tanta flôr no prado!...
«Oh! como és linda, minha terra d'alma,
«Noiva enfeitada para seu noivado!»

é do bello ali: as reminiscencias apparecem em bor-

botões e a alma se refaz n'essa viagem pelo campo do passado.

Quem poderá lêr estes versos de Casimiro d'Abreu, sem sentir um estremecimento no coração?

«E a casa? as salas, estes moveis... tudo,
«O crucifixo pendurado ao muro,
«O quarto do oratorio... a sala grande,
«Onde eu temia penetrar no escuro.»

Quem não terá na vida paginas irmãs d'esta?

«E alli, n'aquelle canto... o berço armado!
«E minha mana tão gentil dormindo...
«E mamã a contar-me historias lindas
«Quando eu chorava e a beijava rindo.»

O resto é prece fervorosa d'amor, hymno de fé e d'esperança.

No Lar—é a poesia mais intima e familiar do nosso poeta.

Occupar-nos-hemos agora de suas *Brazilianas*.

A poesia nacional brazileira vai deixando pouco a pouco as fórmulas vagas da utopia, e desenha-se aos olhos de todos com os traços firmes da realidade. A nuvem, simples camada de vapores, toma de dia para dia as fórmulas mimosas d'uma donzella.

Da chrysalida pura, muito imaginaria, vai nascendo uma linda borboleta.

A mudança estava na ordem dos factos.

A poesia nacional não é mais do que a epopeia animada, onde se vêem agradar as idéas e os costumes d'um povo, e a natureza d'um paiz com suas imagens horrendas ou seductoras.

Toda a nação tem essa epopeia, livro de paginas particularissimas, e cuja côr é verdadeiramente local, porque suas feições ahi se estampam fielmente, bem como o céu azul ou negro se reflecte no lago, bem como o rosto feio ou bonito se reflecte no espelho.

Parece que a realidade da poesia nacional, está hoje sufficientemente demonstrada e geralmente accéite.

Com quanto assim seja, muitos ha que duvidam da sua existencia entre nós.

Appella-se para a falta de tradições, diz-se que os costumes não tomaram por em quanto característicos salientes, que o perfil da nação não se acha ainda bem desenhado. Desmentido solemne a essas palavras vae apparecendo a cada momento.

Nossos typos se desenham, e os costumes se gravam todos os dias com summa naturalidade.

Quanto ás tradições parece que o nosso passado não é de todo falho de festas heroicas, que nossa historia offerece ao poeta paginas bellissimas, ricos assumptos de inspiração. D'essa verdade tambem não faltam evidentes provas.

Demais, a raça orgulhosa e valente que nos precedeu n'este solo, deixou-nos ao extinguir-se tanto mysterio sagrado, tanta lenda maravilhosa, que o poeta é obrigado pela fascinação do bello a escrever esses poemas e desenhos esses heroes, agigantados como os de Homero, e ao mesmo tempo simples e rudes, como filhos que eram das mattas e serranias.

Nem se diga que tal fonte é vedada á poesia nacional e que de modo algum lhe pertence.

São scenas essas que se passaram aqui, onde vivemos, que espargiram seus raios sobre nossos usos, e cuja vida veio em muitos pontos enterlaçar-se á nossa.

Com taes elementos e os denodados campeões que conta em sua phalange, a poesia brasileira vai ganhando terreno.

E assim é necessario.

A soberba rainha, que traja esse manto immenso de campinas bordadas de florestas e montanhas, e cuja corôa são as aguas do rio-gigante, deve ter uma voz sua.

Deve embocar o *boré* para entoar seus cantos de guerra; cantar aos sons compassados do *maracá* os sonhos da indigena mollemente adormecida em sua rêde de pennas, e relatar na lyra os quadros graciosos de nossa vida, acompanhando o gorgeio de nossos passaros.

Em opposição ás nossas idéas, procuram ainda alguns argumentar, considerando a questão por outro lado.

Dizem elles que a verdadeira poesia tem um ponto, um centro, á roda do qual gravitam todas as suas creações: é o espirito, a cabeça, o homem.

D'ahi duas conclusões: a poesia nacional não pôde existir, ou pelo menos a poesia não se deve occupar com as tradições indigenas. Quanto á primeira, porque não recebe o sello geral do homem ou antes não reflecte a humanidade,

e em ultimo lugar quem penetra os profundos segredos das florestas afasta-se inteiramente do ponto em que pôde encontrar essa imagem. Aceitemos o principio e repellimos as conclusões.

A poesia acompanha sempre o homem, quer com o caracter dramatico da grande sociedade, quer sob a influencia de costumes particulares, quer na idade primitiva, quando, filho dos bosques, passeia livremente pela natureza. Por outras palavras: sem despresarmos o cosmopolitismo na poesia, crêmos com fé na sua nacionalidade, e entendemos que o poeta se deve atirar com ardor ao estudo d'essas memorias sublimes, estampadas nos nossos troncos seculares.

Moreninha e *Na Réde*—são dous lindos ensaios da poesia nacional.

A *Moreninha* é uma composição graciosa, ligeira, expansiva como se pôde perceber pelo titulo: todas as sextilhas ahi se acham habilmente ligadas, e não ha uma só que seja destituida de interesse.

Quem lê a *Moreninha*, julga mesmo acompanhar uma d'essas interessantes meninas, que passeia no campo a rir e a brincar, saltando pelas pedrinhas e vendendo suas flôres, e tem vontade de exclamar como o poeta:

«A ! vejam como é bonita
«Co'as tranças presas na fita,
«Co'as flores no samburá !»

Admira-se ahi uma paciencia toda natural, e, ao passo que se respira o doce perfume da innocencia, sente-se uns longes de malicia, porém d'uma malicia candida que enfeitiça.

«Tu és bella, moreninha,
«Sentada em tua banquinha,
«Cercada de todos nós;
«Rufando alegre o pandeiro,
«Como a ave no espiuheiro,
«Tu soltas tambem a voz:

«Oh ! quem me compra estas flôres ?
«São lindas como os amores,
«Tão bellas não ha assim;
«Foram banhadas de orvalho,
«São flôres do meu serralho,
«Colhi-as no meu jardim.»

O poeta, porém, não quer as flôres do samburá, quer as flôres do coração:

«Eu disse então: «Meus amores,
«Deixa mirrar tuas flôres,
«Deixa perfumes sentir!
«Mas n'aquelle doce enleio,
«Em vez das flôres, no seio,
«No seio—te fui bulir.»

A menina enrubecida lá foge pelos campos, e, ao contal-o, diz o poeta:

«Tu ias de saia curta,
«Saltando a moita de murta...
«Mostraste, mostraste o pé.»

Moreninha—é das mais mimcas poesias do volume. Deve ser lida por inteiro para convenientemente apreciar-se.

Forçoso, porém, é confessar que a *Moreninha* não está nas condições legítimas de brasileira. Não ha entre nós esse typo de vendedeira de flôres; essa idéa é alguma reminiscencia de Portugal.

É comtudo justificavel o titulo. O poeta não pinta unicamente: de seus attributos o mais sublime é o dom de crear.

Casimiro d'Abreu creou, ou antes collocou, aquella imagem risonha em nossos campos, com as côres e graças de nossas donzellas; viveza de falla, gestos e passos, gosto de discrição, tudo é nosso.

Por isso mesmo não lhe perdoamos o ter encontrado sua *Moreninha* à fresca sombra do til. Não deixa de destruir um pouco a naturalidade da scena.

É tambem digna de nota a poesia intitulada—*Na Réde*. A harmonia do verso é compassada e exprime perfeitamente a languidez da virgem, que se embala, dormindo, n'essa cama engraçada das florestas.

Na Réde—traz á lembrança a voluptuosa *Sara la Baigneuse* das Orientaes.

Temos ligeiramente apreciado o primeiro livro das *Primaveras*. Vivemos alli na graciosa quadra da infancia;—passemos por agora aos arroubos ardentes da mocidade.

É no segundo livro que o poeta se expande em fervorosos cantos de amor.

Todo o poeta sente absoluta necessidade de prender ao

coração a imagem feiticeira d'uma mulher, que seja uma d'essas fôrmas aéreas e vagas que vem reclinar-se á nossa cabeceira, que seja um d'esses entes divinos que andam e sentem, e nos murmuram ao ouvido segredos que só o coração entende.

Realidade ou sonho, é preciso que essa imagem exista.

Qual dos poetas não almeja possuir esse ramo de ouro para penetrar os segredos de além-mundo!

Não nos referimos unicamente áquelles que passam a vida sob a impressão magnetica d'um raio de lyrismo; não fallamos unicamente d'essas figuras pallidas de Azevedo e Novalis, que, segundo a phrase de Blaze de Bury, não fizeram mais do que entoar tristemente um hymno no jardim da poesia.

Não; é mesmo d'esses, em cujo cerebro está sempre em fusão alguma idéa portentosa; é dos poetas que vão estudar a humanidade com seus problemas e o mundo com seus labyrinthos.

Espiritos profundos, nem por isso se esquivam á lei do coração e pagam seu tributo da melhor boa vontade.

Garrett, em um de seus livros mais espirituosos, fallando sobre a influencia do amor, acaba por estabelecer a regra— que todo o poeta deve andar sempre namorado.

Compreende-se perfeitamente.

O coração do poeta é immenso, necessita d'um sentimento immenso. É uma machina gigantesca, que deve trabalhar com material equivalente. Do contrario, ou permanecendo em vergonhosa inercia, suas numerosas e delicadas molas gastar-se-iam miseravelmente.

Verdade é que Garrett com seu principio parece exigir para o amor do poeta uma creatura em carne e osso: a tanto não chegamos nós; mas enfim curvamos a cabeça ao mestre.

Deixemos de lado certos espiritos com pretensões a uma seriedade absurda, que criticam as doces emanações do coração do poeta, e que para distrahir-o lhe apontam unicamente horisontes vastissimos, que nem mesmo elles enxergam. São vozes que não acham ecco, nem nos jardins da natureza, nem nos recantos da alma.

Em quanto a poesia for filha do sentimento, o poeta deve-se abraçar ao amor. Como Lamartine, Casimiro d'Abreu tem a sua *Graziella*.

O segundo livro está cheio de primorosas canções, em

que se bebe o halito puro d'um peito de virgem, e se sente o vivo pestanejar d'uns olhos pretos.

Observam-se dous coloridos distinctos nas composições amorosas do joven poeta.

Umás são effluvios sagrados, solemnes mesmo, que re-
bentam do peito no ardor da paixão; outras são inspira-
ções joviaes, facetas, moduladas junto ao sagrado objecto
d'um amor candido e familiar.

Nas primeiras está o canto de amor—*Pepita, Visão, etc.*,
e nas segundas,—*Scena íntima, Segredos* e mais algumas.

A bella poesia intitulada *Primaveras*, saudação ás flôres
do coração e ás flôres do campo, encerra o pensamento do
segundo livro.

«Alegre e verde se balança o galho,
«Suspira a fonte na linguagem meiga,
«Murmura a brisa:—Como é linda a rosa!
«Responde a rosa:—Como é doce o orvalho.»

E assim acaba:

«Na mocidade, na estação fogosa,
«Ama se a vida, e a mocidade é crença,
«E a alma virgem n'esta festa immensa,
«Canta, palpita, s'extasia e gosa.»

Seria por demais inutil analysar as boas produções que
se encontram n'esse livro: além de serem em grande nu-
mero, a simples leitura revela todo o seu merito. Fallare-
mos sómente de algumas, e rapidamente.

O canto de amor é a oração pura que os labios tremem
aos pés de uma mulher. A corda do amor é essencial na
lyra do poeta, e tem sido vibrada em todos os tempos; por
isso vai-se tornando cada dia mais difficil a poesia amoro-
sa. O sello da originalidade em taes casos não é cousa de
pouca monta.

Casimiro d'Abreu tem a habilidade de fallar do amor
quasi sempre, como d'uma materia nova.

O canto do amor é melodioso e sublime.

É admiravel a phrase elegante do poeta: não é como a
onda que sahe das profundezas do abysmo e se atira ás nu-
vens; é antes como a limpha cristallina, que vai murmu-
rando através do valle.

«Oh! vem depressa, minha vida foge...
«Sou como o lyrio, que já murcho cabe...
«Ampara o lyrio, que inda é tempo hoje,
«Orvalha o lyrio, que morrendo vaet!»

Pepita—distingue belleza de fôrma e escolha de imagens: tem certo ar de indolencia que diz muito bem a uma revelação de amores n'este abençoado clima tropical.

«Minh'alma é um mundo virge', ilha perdida
 «Em lagos de cristaes;
«Vem—Pepita—Colombo dos amores—
«Vem descobril-o, no paiz das flôres,
 «Sultana, reinarás.»

Na Visão—narra-se o nascimento d'uma paixão; talvez seja a poesia mais natural do volume, tanto nos sentimentos, como na construcção e rima.

Uma Noite—o poeta vê passar entre as gallas da festa o rosto virginal de uma creança, e assim diz:

«Eu olheij, ella olhou... doce mysterio!
«Minh'alma despertou-se á luz da vida,
«E as vozes de uma lyra e de um piano
«Juntas se uniram na canção querida.»

O poeta descuidou-se—a sombra fugiu:

«Não voltou; talvez ella adormecesse
«Junto á fonte, deitada na verdura,
«E sonhando a creança se recorda
«Do moço que ella viu e que a procura.»

E no fim:

«Onde foste, visão de meus amores?
«Minh'alma sem te vêr louca suspira!
«—Nunca mais unirás, sombra encantada,
«O som do teu piano á voz da lyra?!»

Sempre sonhos—é uma aspiração fogosa ao céu dos amores. É a historia de tudo que faria o poeta ao anjo da sua vida, se por ventura podesse pender a frente sobre o seu collo. Como é sentida esta promessa.

•Eu velára, Senhor, pelos seus dias
•Como a mãe vêla o filho que dormiu,
•Se um dia ella soltasse um só gemido,
•Eu iria saber porque ferida
«Seu seio assim boliu!»

Um pequeno parenthesis. Muitas vezes o poeta, levado pela inspiração, emprega certas phrases, que sem quebrar ou destruir a idéa geral, comtudo são fóra de sentido.

Nem sempre se esparze, principalmente quando ha belleza, mas nem por isso deixam de ser impropriedades.

Por exemplo, n'esta rica poesia—*Sempre sonhos*—, lê-se no fim da penultima estrophe, quando o poeta falla de si e de seu amor:

«Nós, dous cysnes vogando em manso lago,
«Amor—nossos bateis.»

São duas idéas que não se abraçam; para que os cysnes com os bateis? É um verso que cahiu da penna insensivelmente. Está fechado o parenthesis.

Especial menção merece o—*Amor e Medo. Amor e Medo* é poesia de primeira ordem. Ahi mostra o poeta a razão da affectada frieza a seu idolo:

«És bella—eu moço,—tens amor, eu medo.»

Ha quadras lindissimas, por onde se vê a habilidade de versificação de que dispõe Casimiro d'Abreu; é admiravel a multidão de pensamentos que elle encerra em um só verso.

«Ail se eu te visse em languidez sublime,
«Na face as rosas virginaes do pejo,
«Trémula a falla a protestar baixinho...
«Vermelha a bôca, soluçando um beijo...
«Dize—que sina da pureza de anjo
«Das vestes alvas—do candor das azas?
«Tu te queimáras a pisar—descalça,
«Creação louca,—sobre um chão de brasas.»

E esta imagem é lindissima.

Amor e Medo—é uma revelação franca de mais; porém é revelação feita com muita arte.

Scena intima—é uma scena de ciúmes, de arrufos, como se diz vulgarmente; o anjo está zangado com o poeta; com toda a graça se offerece em holocausto para pagar seus peccados.

«Prende-me... n'estes teus braços
«Em doces, longos abraços
 «Com paixão.
«Ordena com gesto altivo
«Que te beije este captivo
 «Essa mão.

«Mata-me sim... de ventura
«Com mil beijos de ternura,
 «Sem ter dó.
«Que eu prometto, anjo querido,
«Não desprender um gemido
 «Nem um só.»

O Juramento—é gracioso e cordial: é um juramento de dar quarenta beijos por dia e dez abraços por hora; *Segredos*—é a semi-confissão de seus bellos amores.

Quando—é um interessante dialogo, cujas personagens não é necessario dizer: é uma conversa sobre o passado; —*ella* lembra-se de tudo; porém no fim a memoria fraqueia.

«Como tremias—allí, vida,
«Se em mim os olhos fitavas!
«Como eras linda—querida,
«Quando de amor suspiravas
«N'aquella encantada aurora,
 «Ora!
«E diz-me:—não te recordas
«—Debaixo do cajueiro—
«Lá das lagôas nas bordas
«Aquelle beijo primeiro?
«Já o dia ia findando...
 Quando?!»

O segundo livro das *Primaveras* está assim cheio de bellas paginas: uma abundante e facil maneira graciosa de

apresentar as imagens, comparações riquíssimas, são qualidade que ahí se observam a cada passo.

Não é sem commoção que passamos a tratar do terceiro e ultimo livro das *Primaveras*.

Como dissemos, o final do volume é repassado de tristeza. As scenas da infancia ha muito que se acabaram, e só entre harmonias sentidas é que vem um ou outro canto sereno.

É o orgão sonoro que acorda o immenso templo da natureza com hosannas de amor, e que termina lentamente em surdo murmurio, no meio de notas graves e solemnes.

É a lua, que por uma bella noite de estio, trocando seus raios de amor com os olhares pensativos de alguma virgem, ou alumiando um rosto de mancebo na febre de insomnia, vai finalmente sepultar-se pallida e descórada no meio da floresta escura.

Apparece ahí por vezes um sorriso, alguma nota alegre, que o orgão deixa escapar entre soluços, algum raio vivo, que a lua desprende á sua morte.

E é unicamente no principio, porque o *Livro Negro* é todo elle sombrio, pesaroso e dominado por uma dôr profunda. O *Livro Negro*, é o ultimo arranco de agonia.

Minh'alma é triste—é a poesia mais tocante do começo do terceiro livro. É assim realmente que se falla quando a dôr nos abraça:

«Minh'alma é triste como a voz do sino
«Carpindo o morto sobre a lagem fria,
«É doce e grave qual no templo um hymno,
«Ou como a prece ao desmaiar do dia.

«Se passa um bote com as velas soltas,
«Minh'alma o segue n'amplidão dos mares;
«E longas horas acompanha as voltas
«Das andorinhas recortando os ares.

«Ás vezes louca, n'um scismar perdida,
«Minh'alma triste vai vagando á tóa,
«Bem como a folha que do sul batida
«Boia nas aguas de gentil lagôa!»

Já tivemos occasião de fallar na belleza de comparações que se encontra nas *Primaveras*; teem quasi todas um character de singeleza e de candura admiraveis.

- «Como a creança, que banhada em prantos
- «Procura o brinco que levou-lhe o rio,
- «Minh'alma quiz resuscitar nos cantos
- «Um só dos lyrios que murchou o estio.»

Ou então :

- «Ai loucos sonhos de mancebo ardente!
- «Esp'ranças altas... Eil-as já tão razas!
- «Pombo selvagem quiz voar contente...
- «Feriu-me a bala no bater das azas.»

A côr *lamartiniana* espalhada n'este triste painel, não se desmente nunca: o verso é cadenciado e terno, murmurando um queixume da alma.

Minh'alma é triste—não é uma conjuração negra do destino, blasphemia no meio de imprecações; é uma lamentação branda e melancholica.

Não é o hymno em que se grita de raiva, é o hymno em que se chora de dôr.

- «Dizem que ha gosos no correr da vida...
- «Só eu não sei em que o prazer consiste!
- «No amor, na gloria, na mundana lida
- «Foram-se as flôres, a minh'alma é triste.»

À *Morte de Messeder* — é tambem composição nótavel; a saudação a *Macedo Junior* prima pelo vigor do pensamento, e, com quanto saudação frenetica, o poeta abi derramou algumas côres negras, sempre que falla de si.

Palavras a alguém—está escripta com muita verdade: é um conselho dado de coração.

Fallando a *esse alguém*, diz o poeta:

- «Conchinha das lisas praias,
- «Nasceste em alvas areias,
- «Não corras tu para os charcos,
- «Arreatada nas cheias.
- «Os teus vestidos são brancos,
- «Olha que tu te enlameias.»

O Baile — tem seus leves toques de ironia. Quadra perfeitamente a essas donzellas, que no vergel da mocidade,

podendo aspirar o doce perfume que exhalam as flôres do céu e cultivarem um amor puro e sancto, que Deus abençôa, gastam toda a sua attenção no salão do baile, seus sonhos na walsa desenfreada, e assim deixam correr seus dias entre um elegante *psyché* e os babados d'um vestido novo.

O coração para ellas é cousa inutil; pôde bem ficar em casa guardado na caixinha das joias.

Pobres creaturas! Preferem o resplendor do lustre á luz serena da divindade da noite, e sabe Deus quanta nuvem de poeira não vai morrendo n'essas almas de creança.

Tornam-se ainda recommendaveis no terceiro livro *A Ilusão, Uma historia, No Leito* e outras mais.

Dissemos que ha seus vislumbres de prazer aqui e acolá: *Sonhando* — é uma prova de nossa asserção. Ao lado da scena contemporanea ha a scena dramatica intitulada — *No Jardim*.

«Ella estava sentada em meus joelhos,
«E brincava comigo; o anjo louro,
«E passando as mãosinhas no meu rosto,
«Sacudia, rindo, seus cabellos d'ouro.»

Apparece uma borboleta.

«Toda azul como os olhos grandes d'ella,
«Oh como é linda, disse o louro anjinho
«No doce accento da virginea falla;
«Mamã me ralha se eu ficar cansada;
«Mas, dizia a correr, hei de apanhal-a.»

A menina corre e o poeta extasia-se no brinquedo infantil.

«Iam, vinham á roda das acacias
«Brincavam no rosal das violetas,
«E eu de longe dizia:—Que doudinhas!
«Meu Deus, meu Deus! são duas borboletas.»

O *Livro Negro* agradou-nos summamente.

Dôres — é poesia de primeira ordem, não só pelo lado do pensamento, como pela convicção e alma com que foi escripta.

É das poesias que mais nos impressionaram.

«Ha dôres fundas, agonias lentas,
«Dramas pungentes que ningem consola,
«Ou suspeita sequer!

«Magoas maiores do que a dôr d'um dia,
«Do que a morte bebida em taça morna
«Dos labios de mulher!»

Não são as dôres que se experimentam por causa de uma
sombra que nosso amor procura, a que o poeta se refere.

«Doces fallas de amor, que o vento espalha,
«Juras sentidas de constancia eterna
«Quebradas ao nascer;
«Perfidia e olvido de passados beijos...
«São dôres essas que o tempo cicatriza
«Dos annos no volver.»

O coração suspira, é verdade, a fronte abate-se.

«Mas depois outros olhos nos captivam
«E loucos vamos em delirios novos
«Arder n'outra paixão.»

Então diz o poeta:

«Não! a dôr sem cura, a dôr que mata,
«E moço ainda a perceber na mente
«A duvida a sorrir!
«É a perda dura de um futuro inteiro
«E o desfolhar sentido das gentis corôas,
«Dos sonhos do porvir!»

E assim vae descrevendo em versos plangentes, e ao mes-
mo tempo altivos, a magoa profunda, sob cuja influencia
funesta uma alma joven succumbe pouco e pouco.

A compressão moral começa a esmagar o peito: o cora-
ção vae perdendo todo o viço—os labios descoram e o sui-
cidio nos acena ao longe.

E o que acontece...

«Ergue-se a taça do festim da orgia,
«Gasta-se a vida em noites de luxuria,
«No leito dos bordeis,
«E o veneno se sorve a longos tragos
«Nos seios brancos e nos labios frios
«Das languidas Phrynês!»

E mais adiante:

«A dôr se apaga no fervor dos vinhos,
«E no regaço das Marco-modernas
«É doce então morrer.»

Ainda não é tudo. Falta o mundo, que faz o mesmo officio que o côro na tragedia antiga: está sempre de observação para approvar ou reprovar. Por que leis? Por leis que só elle entende.

Personagem sêcco, frio, estúpido, seu rosto de bronze se contrahe às vezes por um sorriso sardonico e com braço de ferro esmaga os criminosos, que fazem oscillar um pouco sua balança infernal.

«Depois o mundo diz:—Que libertino!
«A folgar no delirio dos alcouces,
«As azas empanou!
«Como se elle, algoz das esperanças,
«As crenças infantis e a vida d'alma
«Não fosse quem matou.»

O mundo! o mundo! É a grande palavra de todas as questões, é a grande questão de todos os dias.

Que importa ser esse legislador mau como um espirito infernal e falso como a mentira? Ha de ser respeitado sempre. O que ousar perguntar-lhe em face com que direito falla, ver-se-ha immediatamente condemnado a um ostracismo perpetuo; proteste-se embora, falle-se em Deus, — na razão; — são palavras ôcas, a sentença ha de cumprir-se, porque o mundo vale mais que tudo isso.

O canto do *Livro Negro*, que começa:

«Pobre creança, que te affliges tanto,
«Porque sou triste, se chorar me vês,
«E, que borrhifas com teu doce pranto,
«Meus pobres hymnos sem calor talvez.»

é como as outras do mesmo livro, intima e profunda.

Ultima folha — é a ultima falla entrecortada de soluços; é o ultimo grito de estertor em um leito de dôres.

É a ultima voz, e por isso lenta, grave, e meio abafada. *Ultima folha*—é digno remate do *Livro Negro*.

Agora, que temos summariamente examinado as *Primaveras*, aventuremos algumas idéas a respeito de sua ultima parte, considerada no ponto de vista artistico.

Apparece hoje uma classe de falsos regeneradores, com mania de classicos, que pretendem arrancar á poesia certos attributos, que para elles são gravissimos defeitos.

São paladinos *aquichotados*, que querem livrar o tabernaculo sagrado da arte, da injuria dos vandalos litterarios. Além d'outras cousas, entra nos seus planos guerra encarniçada aos poetas *sombrios*, como elles chamam.

Entendamo-nos.

A poesia, filha do coração, é a sua voz, seu ecco, e como tal os sons que desfere sempre devem ser fieis. Se o coração pula, a penna corre pelo papel, e ahi deixa estampado um hymno de felicidade e gratidão.

Se o coração se contrahe, o hymno necessariamente é de magoa.

Por isso não admittimos que se condemne com epithetos ridiculos o poeta, que sem rebuço, candida e naturalmente, vem contar-nos o que sente. Será possivel que se queira banir do mundo a dôr, a imagem negra que vem sentar-se a nosso lado no quarto ou nos festins ruidosos, e que nos abraça mesmo quando dormimos?

Não, certamente; seria até irrisorio dizel-o: por conseguinte tal condemnação é injusta.

Não queremos justificar os vôos infructiferos dos imitadores de Byron: como todos os imitadores, tonteiam e perdem-se lá nas alturas. Porém não consentimos que se lance o estigma sobre os poetas, que, compungidos, exhalam sua alma em canticos sonoros, relatando martyrios que talvez não possam ser consolados por uma voz de amigo.

Ab! não: deixae que na poesia pelo menos o coração se espraie sempre; deixai o poeta contar tudo que o impressiona; não leveis a mal que seus labios murmurem uma canção de agonia; a mal porque?

«Tu és homem, *donc tu souffres*» diz Chateaubriand, e ha de dizer-se ao poeta: «tu não tens direito de chorar?»

Não, meus senhores, não queremos affectação e estudo de sentimentos, mas sim a naturalidade e um raio de fogo divino: havendo isso, admiramos o poeta quando elle ri, e abraçamol-o quando elle chora.

É nossa regra.

Comprehendemos toda a grandeza e liberdade da arte, e

jámais desculparemos a esses, que á capa de regeneração, querem tirar-lhe o que ella tem de mais sublime, para depois sujeital-a a principios acanhados e absurdos.

A arte fez-se com o genio, e como tal é livre e é immensa.

Seguimos a opinião do chefe da escola romantica em França, ou antes do *liberalismo litterario*. Quando se examina um livro não se trata de saber se o assumpto é bem ou mau; porém se está bem ou mal desenvolvido. Ou antes, todos os assumptos são bons.

Ainda algumas observações sobre as *Primaveras* e teremos concluido.

Casimiro d'Abreu tem seus defeitos como todos os poetas.

Uma das censuras que se lhe pôde fazer é o emprego de certas imagens estranhas á nossa natureza.

Elle, que sabe tão bem colorir seus versos com as côres de nosso céu e de nossos campos, para que nos ha de fallar por vezes — em *rouxinol*, em *carvalhos* e cousas semelhantes? Por ventura falham-nos imagens seductoras e expressivas? Não é tão esplendido nosso solo, e não offerece elle ao poeta um campo tão vasto e tão rico para suas phantasias?

Bem sabemos que Casimiro d'Abreu assim falla uma vez ou outra, em razão de ter habitado por algum tempo um paiz estrangeiro; porém, não importa, deveria servir-se unicamente d'essa linguagem tropical, que diz tão bem a nossos versos.

Em maior falta incorre o poeta, quando na mesma composição colloca lado a lado os objectos de duas naturezas tão diversas. Por exemplo:

- A gota de orvalho
- Tremendo no galho
- Do velho *carvalho*
- Nas folhas do *ingá*.»

A rima do joven poeta é uma de suas qualidades mais salientes; é sempre natural e azada. Porém não podemos deixar de pedir-lhe que se abstenha de rimar *mãe*, porque a rima com as palavras em *em* é inteiramente forçada. Na poesia—*Canção do Exilio*, assim diz elle:

- O paiz estrangeiro mais bellezas.
- Do que a patria não *tem*,
- E este mundo não vale um só dos beijos
- Tão doces de uma *mãe*.»

É isso commum nos poetas portuguezes; porém não podemos acompanhá-los de modo algum.

Outras pequenas faltas tem Casimiro d'Abreu; mas são faltas de cantor da primeira idade, que o tempo dissipará, e sobre as quaes não vale a pena fallar.

O poeta das *Primaveras* pôde incorrer na pecha de repetir algumas vezes suas imagens; nós consideraremos tal tendencia como defeituosa, desde o momento em que se nos mostrar um poeta que não tenha suas imagens favoritas.

Bem entendido, não queremos o abuso de tal liberdade, porque então revela-se pobreza de imaginação e falta de bom gosto: porém a repetição com certos limites, como nas *Primaveras*, não indica nem uma nem outra cousa.

Além d'isso, nas *Primaveras* ha mais d'uma rosa e mais d'um sabiá.

Rematando aqui nosso trabalho não podemos deixar de soltar um grito de enthusiasmo e sympathya ao nosso poeta.

O Brasil é um paiz cheio de vida; o campo da poesia é vasto como o infinito, e ahi está em eterna florescencia, apesar de seus eternos exploradores; o talento tem por estrellá o olhar do Eterno. Por tudo isso esperamos que Casimiro d'Abreu, coração de fogo e cabeça pensadora, verá um dia seu nome gravado no nosso pantheon litterario.

Damos agora um abraço de irmão ao poeta no meio das flôres de suas *Primaveras*; oxalá que possamos fazer o mesmo quando vier o outomno com seus fructos dourados.

Rio—10 de fevereiro de 1860.

PEDRO LUIZ P. DE SOUSA.

Ao norte do Rio de Janeiro, um pequeno rio desce da Serra dos Orgãos, e vai perder-se no Atlantico, passando em frente a uma modesta villa. Suas margens são pittorescas; erguem-se pelas collinas restos de matas, que unem á noite o seu doce murmúrio com o das aguas que correm rapidas. Ahi o amator da pesca passa tardes de meditação a bordo de sua canôa, resguardado do sol pela sombra das largas folhas das bananeiras, e vendo passar os destroços das florestas na corrente caprichosa do rio.

Em uma de suas margens abre-se a fazenda do Indayasú, por varzeas tapetadas de relva florida, que tem mou-

tas de laranjeiras, onde as almas amantes irão repetir os versos immortaes d'aquelle que as cantou.

Na casa de vivenda, em o dia que tractamos, havia o alvoroço d'uma grande novidade. Em um dos corredores interiores, á porta d'um quarto, estavam varias pessoas paradas, com a inquietação na physionomia, e commentando com gestos expressivos o menor ruido que dentro se percebia. Entrando no quarto, via-se um grupo affectuoso e triste, para o qual se passava talvez então uma das horas solennes da vida. Sobre um leito singelo, como aquelle modo d'existir do campo, estava deitado um joven de feições meigas, testa harmoniosamente contornada; traços aprofundados pela doença, olhos languidos e internados, e labios emurchecidos, em que ainda pairava o ultimo sorriso da jovialidade. Com o corpo apoiado sobre o braço direito, segurando com a mão esquerda, já debil, um livro aberto sobre o aparador proximo, repartia o seu olhar, sereno como um raio de lua no estio, entre as paginas d'aquelle escripto, e uma senhora, que estava em pé junto ao leito, com o rosto entre solícito e afflicto.

Esta dama, em idade mediana, tinha o rosto varonil da verdadeira mãe, e havia no todo energico de suas feições certa força, que não deixava de ter relações com a riqueza intellectual desenhada no rosto do mancebo. Do outro lado da cama, estava um homem de feições menos expressivas, mas benevolentes; calmo, sem a resignação que dá a indiferença, mas seguindo com cuidado reflectido todas as phases d'aquella scena, da qual conhecia as origens, e antevia a fatal consequencia. O homem d'idade era o tio paterno, e a senhora a mãe do joven doente, que os medicos haviam condemnado, e para quem só havia esperança de vida n'aquella affeição materna, que resiste a toda a evidencia.

Vendo sua mãe tão inquieta, o joven tirou da gaveta do aparador alguns papeis, e disse-lhe:

— Já leu estes ultimos versos, que escrevi no recanto da minha serra? Leia-os; verá que antevejo meu fim sem inquietação; o dia d'amanhã ha de ser bello para mim, quando raiar na eternidade.

— Meu filho, tu has de viver. Não é possivel que Deus te roube á minha amizade, quando podemos viver unidos, ricos e felizes.

— Acredita, pois, que a riqueza foi formada para os desherdados da felicidade, para os sonhadores do ideal? Que

nós, os trabalhadores sem paga d'este mundo, que vive pelas idéas, mas amaldiçoa os seus authores, devemos também assentar-nos ao banquete social, para recebermos uma parte, embora mesquinha? Engana-se, minha mãe.—Quando me deu o ser, já eu vinha marcado com o stigma de fogo do destino. Viver por entre os bosques, scismar á noite nas bordas dos navios, passar por entre sorrisos de mofa nas ruas da cidade, e em paga de todos os affectos adquiridos, encontrarmos a indifferença, ou a morte de quem amamos,—eis o destino dos poetas. Acredite-me, minha mãe; só ha felicidade para mim, além d'aquelles montes nublosos, que vê através da cortina, e que se vão erguendo até á minha serra querida: e sabe porque? Lá em cima está o céu.

A pobre senhora debulhou-se em pranto, o tio empallideceu; o mancebo tomou a mão d'aquella que tanto o queria, e levou-a aos labios. Ella disse-lhe:

—Mas quando tu eras pequeno, nunca te vi triste; corrias pelos campos, subias aos coqueiros, e cantavas alegre ao voltar para casa com algum sabiá prêso.

—Lembra-se da minha infancia? Foi feliz, é verdade. Porque não me dá outra vez a Providencia aquella vida da borboleta, que não pára em um só ramo, e não se prende a flôr alguma? Correr pelos campos, aspirar o ar fresco da madrugada, ouvir os sabiás trinando o hymno do alvorecer, ir escutar á beira da mata o sussurro dos animaes selvaticos, que saltam de ramo em ramo, é uma vida tão rapida, tão tranquilla para o coração! Mas depois, minha mãe, succede ao alvorecer das manhãs, o alvorecer do coração; vem o amor; uns primeiros olhos pretos, umas fallas doces murmuradas á sombra dos coqueiros; e quando a primeira prenda d'amor, o primeiro beijo resôa pelas abobadas de verdura do laranjal, parece-nos que a vida é um canto infindo, que só tem principio no coração, e sempre a elle volta...

Aqui uma tosse cavernosa e estridente atacou o joven, seus olhos perderam por momentos o fulgor; os assistentes apressaram-se a ir buscar uma beberragem, e deram-lhe algumas colheres d'ella. O doente voltou-se para sua mãe, e disse-lhe:

—Dê-me um beijo, minha querida.

A mãe pousou as faces sobre os labios do filho, e este apertou-lhe a cabeça d'encontro á fronte, depois ergueu-se

illuminado por um clarão de poesia; brilhavam-lhe os olhos como estrelas refulgentes em manto negro de tempestade; as palavras melancolicamente accentuadas, tinham a aspiração dolorosa para a felicidade perdida.

—Esconda-me esses versos, minha mãe: não quero reavivar recordações dos ultimos annos. Quem sabe se podia um raio de luz penetrar ainda n'esta selva escura, em que fui buscar a morte? Quem sabe se esgotei antes de tempo o calix da vida? Morrer tão moço, minha mãe; quando cantam as aves n'aquelles coqueiros da varzea, quando aquelle céu azul me está sorrindo nos longes da montanha, como é cruel! como ha falta de piedade para os corações por quem fui amado! A gloria nunca me negára os seus sorrisos d'esperança: quem sabe se amanhã me coroariam de flôres? Quem sabe se havia em minha imaginação um mundo ideal; que iria ennobrecer a patria, que eu tanto amava, e que ainda amo n'esta hora derradeira! Terra do meu nascimento, e tu querida, que tanto amei, tu sombra amada da juventude, adeus! minha mãe, adeus!

Corrêra a mãe a prendel-o nos braços, e disse-lhe anhelante:

—Não, meu filho, tu não has de morrer agora!

Ergueu a cabeça, um derradeiro sorriso pairou em seus labios, e respondeu:

—Pois é a morte tão temivel?

Depois cerraram-se-lhe os olhos, e a serenidade da paz baixou sobre suas feições.

Perdêra o Brazil um dos seus mais illustres filhos.

Morrêra Casimiro d'Abreu.

REINALDO CARLOS MONTÓRO.

Casimiro d'Abreu era uma d'estas raras intelligencias e heroicas vontades que, voadoras temporãs, luctam contra todos os obstaculos do fossilismo e da indifferença, e ganham força na propria lucta.

Poeta creança, como Millevoye, e como elle contrariado pela solitudine da familia,—acabou por triumphar em segredo;—e, sem pronunciar o *promitto* de Ovidio, baixou a cerviz ante o quero da authoridade paterna, erguendo o

coração e o pensamento á luz e ao posso do genio. Menos feliz, porém, do que o illustre elegiaco francez, não sahio das mãos guiadoras e previdentes d'um douto Collenot para entrar no escriptorio de um rábula impertinente, nem viveu trinta e tres annos para cultivar o raro talento e colher o fructo de tantas e tão bellas flôres, que lhe brotavam n'alma ardente e apaixonada.

Casimiro d'Abreu, morreu em fins de 1860, aos vinte e um annos de idade, author d'um volume de poesias (1855-1858), das quaes a critica mais severa ha de acceitar muitas como formosas e todas como promettedoras. Sem mestres nem livros, empurrado barbaramente para o positivismo do commercio, Casimiro pendia a bella frente e em sua quasi ininterrompida meditação—não aprendia, adivinhava—como, talvez, não com mais justiça, disse M. de Pongerville do admiravel author do—*Amour maternel* e de *Emma et Égirard*.

E assim se fez um poeta, e esse poeta fez um livro,—eloquente protesto contra as mãos sacrilegas que transplantam para os rochedos incendiados, para as brazas petrificadas de S. Vicente, um arbusto mimoso e raro dos jardins Van-Houte!

- «Tudo me roubam meus crueis tyrannos:
- «Familia, amor, felicidade, tudo!
- «Palmas da gloria, meus laureis do estudo,
- «Fogo do genio, aspirações dos annos!...»

É formoso e doe esse grito d'uma grande alma, que não pôde voar aonde aspira, por medo de abandonar de todo aquelle corpo debil e já vergado, como a palmeira do deserto ao sopro do simoum.

Casimiro, o author das *Primaveras*, entrou hontem no mundo com as mãos cheias de flôres, que hoje, ainda verdes e perfumosas, lhe servem a adornar a campá.

Como Alvares d'Azevedo, a victima de si propria, como Junqueira Freire, o martyr do claustro, como Dutra e Mello, como Macedo Junior, a creança de quinze annos, que sahio do berço para entrar no tumulo, espalhando assucenas no caminho,—Casimiro é uma gloria roubada ás letras brasileiras e a todos que fallam a lingua de Camões.

Lamenta-se que a rapidez com que passou na terra o não deixasse perpetuar o seu nomé. André Chénier morreu

em 1794; e 1819, á frente da 1.^a edição das suas poesias, escrevia Henri de Latouche: «André Chénier deixára apenas, na memoria d'alguns amigos das letras, um nome prometido á celebridade. A sua gloria era menos fundada sobre titulos do que sobre esperanças. Para que, pois, entregaremos os fructos imperfeitos d'esta musa ao risco das nossas preoccupações!»

Mais tarde porém, nas seguintes edições, lê-se: «Hoje temos a certificar o immenso successo do seu livro, e a influencia d'um talento, completamente regenerador, sobre o futuro da poesia em França.» Sainte-Beuve o caracterizou; e o desgraçado author da *Invention* e do *Aveugle*, o mimoso e desventurado poeta da *Jeune captive*, é um dos maiores ornamentos da moderna litteratura franceza, e com Gilbert e Malfilatre fórma, no fim do seculo XVIII, a trindade dos astros, cujos dous horisontes quasi se tocaram—orient e occidente.

Quem sabe pois se mais tarde, quando a critica se der ao trabalho de ler e meditar os livros de Azevedo, Freire e Abreu não achará muito de bom, que certamente fará mais sentida ás letras a morte prematura d'esses talentos, mas que tambem lhes trocará em aureo véo de gloria o manto verde-pallido de esperanças mortas, com que lhes envolvem os versos?

Esperemos.

Para mim,—e d'esta vez, pobre exigente, me não contento com pouco,—para mim a musa, que inspirou o *Amor e Medo*, merece bem as attenções da litteratura patria. E pois que o meu livro buscou protecção no tumulto, fechado apenas, de Casimiro d'Abreu, permittam-me que aquella sua mimosa e doce poesia venha aqui, por unica e emprestada riqueza, perfumar as pobres flôres que lhe offereci. A lua é escura e pede ao sol que a prateie. ¹

Meu Deus! que é doloroso vêr tão verdes annos e tão brilhante porvir quebrarem-se na sombra da sepultura!

E assim, Gonçalves Braga, joven poeta portuguez, um dos companheiros de Casimiro,—fallecido no Rio de Janeiro, aos vinte e dous annos de idade, sob as lagrimas e o tecto d'um illustre litterato, patricio, amigo e, digamol-o, guia e mestre do infeliz author da formosissima nenia a uma suicida! E assim, Antonio Coelho Lousada, poeta e

¹ Veja-se adiante a poesia intitulada *Amor e Medo*.

romancista portuense, bem mais rico de talentos que de venturas! E assim, Soares de Passos; e assim tantos!

Uma dôr resignada e religiosamente soffrida verte na maior parte dos versos de Casimiro d'Abreu um perfume de melancholia, melancholia que encanta e entristece. Tambem, presentira elle a morte, e, no dia em que dizia o extremo adeus a Affonso Messeder, que no tumulo o precedera de dous annos, prophetisou-a com notavel resignação e singeleza, em um só verso:

«Descansa! se no céu ha luz mais pura,
«De certo gosarás n'essa ventura
 «Do justo a placidez!
«Se ha doces sonhos no viver celeste,
«Dorme tranquillo á sombra do cypreste...
 «Não tarda a minha vez!»

Nos ultimos dias de dezembro de 1860, no momento em que principiava a colleccionar e ordenar este volume, recebi a noticia da realisação d'essa triste prophesia. Casimiro d'Abreu, o doce poeta das *Primaveras*, fôra nos roubado; — não tardou a sua vez! Abri a primeira pagina do livro e consagrei-lh'ô. Se uma lagrima nodou a folha, era de saudade e subiu do coração aos olhos.

ERNESTO CIBRÃO.

Mais um livro no mundo das letras patrias, mais uma centelhasinha luminosa no céu azul d'esta terra bemfadada, porém eivada já de descrença e desalento no verdor dos annos, porque desprovida d'animação entibiam-se as forças, minguem-se as esperanças e esvae-se a fé no futuro, porque o presente é frieirão e desanimador para tudo, menos para o vapor, que com sua velocidade nos tem trazido o açodamento de fazer fortuna depressa. Collocam-se trilhos ainda sobre pedrouços desabridos, que nos conduzem a Californias e Australias, e deixam-se em desaproveitamento e cobertas d'urzes estradas de boa viação, que nos levem a areopagos, que nos alumiem a intelligencia e que nos enriqueçam as nossas amesquinhas e esquecidas bibliothecas.

Bem vindo seja pois o livro das *Primaveras*. Casimiro d'Abreu é um operario do futuro, carrega sobre seus hombros um pedaço de cantaria lavrada e facetada a cinzel, que ha de um dia ajustar-se ao edificio da litteratura patria. Mas ai! que lhe não soprem lufadas desabridas, que desfolhem e matem a florinha, que desabrocha a custo sob a pressão gélida d'uma indiferença esterilizadora.

Thomaz Chatterton morre de cansaço e de descrença aos 17 annos d'idade! Oh! que primavera fôra a d'aquelle prodigio sublime de precocidade nos vôos do genio; que decepções não experimentou o archanjo, que d'um céu de sonhos dourados viera conspurcar as azas candidas n'um mundo de loucuras, de torpezas, e desenganos! André Chénier morre aos 32 annos, porque a alma nobre e generosa do poeta lavrará um protesto solemne contra a sêde de sangue dos monstros da revolução franceza, e como o cysne nos trances do passamento, soltára as ultimas notas do canto magestoso dos anjos, cercado já do ether luminoso da eternidade, que transmite de geração em geração o zêlo indelevel da immortalidade e da veneração para as victimas dos homens abastardados de coração e desagradecidos d'animo.

Dutra Mello, Alvares d'Azevedo e Junqueira Freire, passaram como meteóros luminosos em noite caliginosa; mas deixaram apoz de si longo esteiro de luz; seus nomes estão cercados da auréola da gloria, que a não mareia o indifferentismo dos homens glaciaes, idolatras das divindades dos Midas e dos Cressos.

Ai, não roubem ao poeta seus sonhos dourados; não gastem os perfumes inebriantes da flôr de suas crenças; não lhe apaguem o lume que Deus lhe pozera no coração; deixem-n'ó que viva elle no seu mundo innocente e arrebatador, que o alinde de miragens multicôres, que o povoe de fadas seductoras, que o opulente de pompas e de folguedos, e que dos angulos de seu edificio lhe respondam harpas inspiradas pela melodia dos anjos, que não deixem morrer os cantos, entorpecidos pelo desalento.

Primavera, época de flôres e de perfumes, symbolo de primicias e de juventude; sendal dourado que esconde entre côres deslumbrantes e phantasticas o inverno de hontem, e que faz esquecer por alguns momentos com suas pompas e atavios o inverno que ha de vir com seus nevoeiros negros, com suas tempestades desencadeadas, com seu des-

crer, pela desnudez d'alma, que vae colher á farta desillusões esterilizadoras e aborridas.

Primaveras—Eis pois o livro com que nos mimoseia Casimiro d'Abreu. É o repositório de seus sonhos de poeta jovem a quem a natureza deu muito e a arte pouco, porque suas vocações foram transviadas, suas aspirações foram estorvadas; aguiá, já na infancia aquilatou suas forças, ensaiou seus vôos, adejou sobre regiões altas e livres, pairou algum tempo, e lá de cima soltou alguns threnos do devanear d'alma do que nascera poeta e queria amplidão para satisfazer á necessidade de seus instinctos; quando porém descêra de seus primeiros vôos, agourentaram-lhe as azas, pozeram-lhe peias, e os vôos ficaram tolhidos pela pressão esmagadora d'uma atmosphera de ferro. Eis Casimiro d'Abreu, eis nma vocação, senão perdida «porque tudo pôde Deus, e muito o genio» ao menos fanada e transviada pela contrariedade que o tolhe, o enerva e lhe recheia de torturas o coração, que ulcerado, solta gemidos com Harvey e Eduardo Young em lugar de desatar-se em risos e delicias com Moscho, Sapho e Anacreonte.

Como todo o livro de canções, é o de Casimiro d'Abreu um complexo de folhas soltas, pôde apanhar-se uma ou outra sem que o vergel soffra em sua symetria e harmonia. A florinha singela e pallida do resedá, a soberba e aprimorada magnolia, a humilde trepadeira silvestre, a esplendida e fragrante rosa, a modesta violeta que se esconde, o jasmim d'Italia que se ostenta orgulhoso de seu perfume, tudo se acha enovelado no jardim, e n'esta agglomeração consiste sua mais aprimorada louçainha, sua mais culminante e seductora belleza

As canções são inspirações de momento e trovadas de jacto; o objecto que as inspirou embebe-se inteiro nas suas estrophes e fecha-as com o que tem de melhor: não se escapam, nem se pejam de circumloquios e sobegidões. O azul do céu, o astro do dia, os astros da noite, o alcantil ennegrido das montanhas, a alcatifa verdejante dos campos, o perpassar preguiçoso do regato, que serpêa e rumoreja, o mar, que tumultuoso róla incessante suas ondas alvacentas no rochedo da encosta, o bramir do trovão, a brandura das auras matinaes, o gorgeio dos passarinhos, o amor casto e puro, ou antes o ideal do amor, tudo arrebatá, tudo extasia, tudo enche o peito do poeta, tudo o inspira.

Cada um d'estes objectos, cada hora de meditação, cada

circunstancia da vida, desenham um quadro differencial, modelado diversamente, diversamente colorido, adereçado e recamado com donaires e louçainhas de galas e folguedos, ou com o dô e desatavies de magoas e pesadumes. E no entanto as lagrimas tem sua poesia solemne e sublime. A côr melancholica, que repassa o canto, tem tanta suavidade, tanta uncção, que interessa e arrebatá. Essa contençaõ do espirito, que perscruta os entre-seios d'alma, e lhes arranca os segredos intimos, tem tanta sanctidade, que nos desperta tambem sentimentos nobres, porque desapega o homem das impurezas terrestres e o eleva á contemplação do infiinito e com ella á idéa suprema da omnipotencia. E no entanto, na placidez, na tranquillidade, no silencio, ha muita poesia. O arrebol duvidoso que precede o bruxolear da manhã, tem mais poesia que o sol no meridiano opulento de raios deslumbrantes; a sua côr de prata subindo vagarosa pelo campo azul do céu recamado de globos que fulguram em uma noite serena, tem encantos como um seio de virgem palpitando a um primeiro amor; o regato que foge manso e manso rumorejando a medo, escondendo-se na selva da campina namorado pelo enxame de borboletas iriantes que o beijam, recuam e voltam a fruir novos gôsos, tem mais poesia que o mar desenfreado bramindo de furor; na mudez da selva, nos perfumes das flôres silvestres, no gorgeio amoroso do sabiá sobre o leque das palmeiras, ha mais poesia que nos saraus das cidades, no ruido estrepitoso dos carros e nas musicas estrondosas dos amphitheatros.

As Primaveras—Oh! sim, tenho este florilegio diante dos olhos, vou colher as flôres que n'elle se enfaixam, ligadas por fios côr de rosa, mas por vezes entressachadas com a côr sombria do azedume e com a pallidez morbida do desalento.

Temos como certo que a poesia hodierna com seus vôos liberrimos, não quer nem pôde acceitar as classificações, preceitos e mandamentos caprichosos da arte antiga. A escola nova, em via de desenvolvimento e de progresso, ainda não foi rigorosamente formada e definida; refutam-se accepções varias e contradictorias ácerca da noção genuina da escola dita romantica. O pensamento vóa á vontade; sem peias não conhece os senatus consultos d'outras eras; é revel aos codigos velhos e obsoletos; cavalleiro truanesco da idade media, vae pelo mundo com sua cóta d'armas e capellina, com seu broquel e lança em cata d'aventuras, não

se subordina a generos exclusivos, nem se estreita nos moldes homericos, aristotelicos e horacianos.

Modulam-se canções d'amores, entoam-se dethyrambos nos festins ruidosos, descrevem-se as scenas da natureza campezina, geme-se de dôr nos luctos e pesadumes da elegia; tudo isto se enfaixa, tudo isto se associa, tudo vem como ramilhetes cheios de variedade; ao lado dos goivos e da saudade veem as rosas festivas dos noivados e dos sa-raus; não se tem julgado a poesia nova obrigada á regularidade e symetria das estancias, como querem antigos; em compensação porém a melodia rhythmica tem chegado ao mais requintado grau de aperfeiçoamento, a cadencia metrica parece haver tocado a méta do primor artistico: dão-nos excellentes exemplos e modelos Antonio Feliciano de Castilho, João de Lemos e alguns outros.

Almeida Garrett é o Moysés portuguez da litteratura nova; conduziu os Israelitas á terra da promissão; deixou-lhes o Genesis para a reformação, insinuando-lhes (como outros já o haviam feito) a sacudir o jugo de practicas pagãs, porém aquella montanha immensa, que não podia conter o fogo que ardia em seu seio, tinha explosões amiudadas e as lavas multicôres e luminosas que se succediam, projectavam-se por todos os caminhos, que nem tempo havia para effectuar estradas, nem para recamar e aprimorar leitos para tão magestosos hospedes, e por vezes a familia soberana dos sonhos e devaneios d'um dos maiores poetas do nosso seculo, caminha com suas vestes roçagantes de purpura e d'ouro sobre asperezas e âlgares pouco aproveitaveis; mas emfim o mestre não dava contas, creava o seu mundo como lhe aprazia: os reformadores soem ser excessivos: é sestro antigo e quiçá providencial. Casimiro d'Abreu acceta esta direcção; as *Primaveras* parecem-nos filiadas a esta escola. O seu primeiro livro contém saudades da patria; é a nostalgia poetica; é o *gosto amargo d'infelizes*; o *pungir delicioso d'acerbo espinho*. Este sentimento mavioso, que tem por séde um peito que muito amou, e que ama ainda, e que não pôde voar, não pôde franquear o espaço para abraçar tantos objectos que o arrebatam; é por certo uma mina de opulencia inexgotavel para cantos; sensibilisa sempre; move affectos com uma ternura merencorica, difficil de definir.

Se Casimiro d'Abreu não pôde encontrar veeiros dos mais fartos e opulentos, não é culpa sua, nem tão pouco o será

de qualquer outro; é que Gonçalves Dias, mais feliz, opulento-se escavando e apropriando-se de grande somma de preciosidades com que realça e aprimora seus carmes a duas mil legoas das montanhas verdes do paiz natal.

É necessario cavar muito fundo para achar a bêta tão bem explorada; demais, as canções do exilio foram trovadas por um joven que ainda tinha visto e ouvido pouco; eram vôos do espirito, repassados de dôr intima, na ausencia do que lhe era mais caro; eram effluvios das flôres do genio ao dispartar de uma primavera precoce.

Ao primeiro livro seguem-se algumas poesias a que o author denominou *Brazilianas*. Fôra sem duvida intento seu desenhar n'estes quadros as luzes e sombras do *ninho seu paterno*, e dar-lhes o que em linguagem hodierna se diz —côr local—; por outra, imprimir n'estes cantos o caracter nacional, ou typo americano. Empreza difficil e ardua nos parece o extremar estes arraiaes. Com a mesma linguagem que de nossos avós herdamos, com a mesma indole; habitos, usos e costumes identicos, a mesma civilisação; quando tudo nos vem cahindo paralelo, ao par e ao passo, não acreditamos em separação de provincias litterarias com typos e caracteristicos differenciaes; nem crêmos que meia duzia de nomes proprios e appellativos e a descripção de ceremonias e lithurgias barbaras e achavascadas, colhidas sabe Deus como, adivinhado o resto, possam ser os marcos da extrema de arraiaes litterarios; mas, emfim, nem todos assim pensam; deixemos a cada um seu livre alvedrio, nem a nosso proposito vem questão de semelhante jaez; passemos pois ao assumpto que nos chama a terreiro e sejamos breve.

A primeira poesia d'esta collecção tem por titulo *Moreninha*; é em metro de sete syllabas, está bem trovada em sextilhas, rimando desaffrontadamente de dous a dous versos, e terminando artisticamente sempre em agudo, o que em verdade lhe dá primor; com todas estas bellezas de fórma, é comtudo a moreninha do nosso poeta um typo que não conhecemos, porque não o temos como nol-o pinta. Uma joven que enrubece ao mais ligeiro cortejo, com suas tranças graciosamente ataviadas de fitas, com suas flôres no samburá, rufando seu pandeiro, sentada n'um banquinho da praça publica, esperando que lhe venham feirar as flôres, será um bello sonho, uma creação phantastica bonita; existirá esse typo algures, mas nós sem duvida o não possuímos.

As demais poesias d'esta collecção são mais ou menos graciosas e em diversas metrificações. No encaço das *Brasilianas* vem o segundo livro; ahí deparamos lórs com bellas poesias, pensamentos arrojados, elegancia de fórmãs, symetria nos delineamentos, correcção nos contornos; é um jardimzinho bem traçado e caprichosamente alinhado por um desenho feliz; seus canteirinhos estão symetricos, e seus alfobres deixam correr graciosamente as aguas que vicejaram o plantio e que fizeram brotar tão amenas flôres em manhã de primavera.

O primeiro canto que se nos offerece aqui é um hymno à primavera; é em quadras de medida saphica, rimando os dous extremos entre si, assim como os dous meios, corre com fluidez e bem. As duas poesias que seguem—*Scena intima*—e—*Juramento*—são em metro de sete syllabas, o primeiro entremeia-se com um quebrado de tres syllabas, rimando com outro similhante que põe remate a cada estancia.

Estas duas canções dão-nos uns longes das suavissimas e fragrantas folhas cahidas de Almeida Garrett, folhas allegoricas e mysteriosas, que nem por cahidas deixam de exalar um balsamo que suavisa e se embebe nos seios d'alma. No meio porém d'estes bellos cantos temos para nós como muito bons, o que tem por titulo—*Canto de Amor*—e outro—*Amor e Medo*—: ambos são saphicos; o primeiro tem rima obrigada, alterando nos quatro versos de cada estrophe, o segundo rima o segundo e quarto. Estas duas poesias estão opulentas de pensamento e bellas de metrificacão, correm com summa fluidez, porque seu mechanismo é bem elaborado, e por isso sua afinação agrada a qualquer ouvido avezado ao almiré de melodias metricas.

No terceiro livro a lyra não desmente a primorosa afinação de suas cordas; ha n'este bello repositorio cantos que podem sem fatuidade pretenciosa alear as altas regiões da poesia lyrica, emparelhar-se com as mais escolhidas producções, não desmerecer primazias, nem destoar da gamma ferida pelos mestres d'arte.

A segunda poesia d'este livro tem por titulo—*Illusão*—; ahí o poeta mostra-nos que pôde haver-se bem com o metro de nove syllabas; para nós as tres pausas que regem necessariamente este genero de versos, tornam-o de uma suavidade e cadencia a que nada iguala, nem podemos conceber o porquê o illustre professor Freire de Carvalho,

em suas lições de poetica, chamando-o erradamente verso de dez syllabas, ou de Gregorio de Mattos (quando Metastasio já d'esses havia usado) nos diz que nem lhes sente melodia, nem lhes descobre graça; é por certo inconcebível este juizo do distincto professor do lyceu de Lisboa. Em summa; dizem alguns desculpadores de desacertos alheios, que em materia de gosto se não admittem controversias; temos para nós que assim não é, porque o gosto tem normas, tem preceitos; e ai da poesia e da litteratura se esta apreciação se fizesse a talante de qualquer contrabandista desalmado, que nos viesse dizer: a vossa producção não presta, sem que nos trouxesse os porquês, bem arranjadinhos, bem arrazoados e bem comparados com os modelos tidos e havidos como normas legitimas. Hajam se o quizerem como cancellada e não escripta a nossa digressão; deixemos a obliquidade *per accidens* e vamos'nosso caminho.

Temos n'este livro o canto — *Minh'alma é triste*. — Esta nenia, em verso saphico, é em quadras obrigadas á rima, alternando nos quatro versos de cada estrophe; é um suspiro magoado; é o lamentar d'uma alma que não encontra o prazer em parte alguma, não o conhece, não sabe em que elle consiste, e que não tem saboreado os fructos sazonados da felicidade; será isto assim? É porém inverosimil; comtudo é boa inspiração e instrumentada em cadencia que agrada e deleita. O canto funereo á morte de Affonso Messeder, é uma elegia plangente, é uma guaia repassada do sentimento puro da saudade d'um amigo, que era um irmão; essa nenia falla-nos ao coração; revela-nos um pensamento sombrio de morte, que paira sobre o espirito do poeta, e mostra-nos uma alma que começa a enfermar de descrença e desalento; é em metro decasyllabo com quebrado; está regularmente desenhado.

A poesia a Macedo Junior, em sextilhas decasyllabicas com quebrados, rimando apenas este em cada estancia, é sonora e cadente; mas ainda tem mais riqueza no pensamento que a domina; são bons conselhos dados a um moço de quatorze annos; cheio de inspirações, opulento de talentos precoces; ha n'este canto preceitos bons de seguir: ha um pharolsinho que aponta a róta para evitar desaproveitamentos e excessos de enthusiasmos, que tem transviado tanta gente, e gente que podia valer alguma cousa para nós outros, que conversamos com as letras, e que contemplos com meditação séria as producções do espirito.

No Leito—Eis um canto magoado, muito de ouvir e muito de deliciar-nos, porque sente-se-lhe os perfumes da poesia do coração. É este canto em metro de sete syllabas e corre fluido e desempedido. Aqui o poeta estava enfermo, tinha febre, seu coração, suas arterias palpitavam com aquella accelleração tumultuosa que nos attestam esse orgasmo da vida em que a mente se exalta a regiões supremas; em que existe por vezes tanta lucidez, que aquelle que soffre torna-se por momentos um orador, ou um poeta, porque o espirito sobe acima de seu nivel ordinario nos éstos do calor vital.

Recommendamos a leitura d'este hymno de amor, de incerteza, de saudades e de despedidas.

Fecha o poeta o seu volume de — *Primaveras* — com o *Livro Negro*.—Oh, que antes o houvera rematado com um livro côr de rosa, recamado de matizes do céu, ao annunciar o erguer do sol no meio das aguas do oceano no seu banho da madrugada.

Nas paginas d'este livro trava-se muito soffrer; por seus cantos turvos e melancholicos revela-se muita descrença, muita desesperança; nas guaias que alli se escutam, ha muita dôr, muito pesadume; a alma está envolta nos crepes sombrios e lutuosos d'um padecimento que a entorpece e desalenta, e por isso o alânde tambem desce um pouco da afinação e destôa uma ou outra corda, porque no fim de tantas harmonias as cordas não comportam tensão tanto tempo prolongada e lá vem descendo alguma, e certo é o desafinar.

O cantor que nos faz ouvir harmonias melodiosas e arrebatadoras por muito tempo, lá lhe vae por fim falseando uma ou outra nota e acaba por enrouquecer, ainda que seja Duprez, Ronconi e Taquinardi, traduzindo as melodias arrebatadoras de Porpora, Paesiello, ou Cimarrosa. Em summa, o soffrer intimo tem arcanos impenetraveis. Respeito aos segredos d'um coração que se estorce em dôres intimas. Silencio sobre o *Livro Negro*.

O poeta, emfim, pôde fazer calar aos curiosos e maldizentes com aquelles bellos versos do suavissimo Castilho

«Ao sem ventura, que entender meu canto,
«Meu canto e minhas lagrimas envio.»

Macahé—15 de Setembro de 1860.

J. M. VELHO DA SILVA.

DOUS GENIOS E UM SÓ DESTINO

I

O viajor que contempla a queda dos imperios tendo diante de seus olhos as ruinas d'essas mesmas nacionalidades, não pôde entristecer-se mais do que o espirito humano folheando as pagins de livros, que são outros tantos legados que deixam á posteridade, vultos cujos nomes são immortaes padrões de gloria.

O Brasil, paiz novo e cujos passos na carreira das letras são ainda muito lentos, já tem comtudo visto perecer muitos filhos illustres, uns chorando no exilio a familia de que para sempre se achavam separados, outros exalando no seio d'ella seus ultimos suspiros, tornando talvez mais acerba a sua dôr, e outros que se não morrem physicamente perdem a existencia moral, descrendo d'uma sociedade que caminha cegamente para o abysmo das ambições e interesses. D'entre esses vultos envolvidos hoje nas lages do sepulchro, dous ha que desejamos, ainda que momentaneamente, fitar em suas frentes angustas, nossos olhos timidos e escurecidos pela descrença. São elles, Alvares d'Azevedo e Casimiro d'Abreu.

II

O primeiro, é o cysne da poesia *byronica* personificada n'um homem fraco e em cujo peito a paixão devorava uma alma pura. Amou no idealismo, o que na realidade não achou quem lhe recompensasse. O entusiasmo de sua intelligencia subia ao palacio para descer á taverna mais insignificante. Percorreu todo o mundo feminino, e não encontrou um só peito que entendesse o seu; era que elle não nascêra para a terra! Só encontrou beijos vendidos da messalina das ruas, ou peitos frios de mulheres que não o comprehendiam. Então foi poeta; escreveu, e escreveu em dous volumes, o que muitos talentos não escreveriam em vinte. Cantou essa *Noite na Taverna*, tão cheia de poesia, e onde o espirito do leitor recua de horror em cada pagina que lê. Seu espirito percorria o mundo inteiro; via as mulheres mais bellas da Italia em torno de si, em quanto sua penna percorria com velocidade o papel, onde escrevia não tudo, porém parte de seus sublimes pensamentos.

Leu muito, e quando em Byron apreciava essa melancolia e descrença do cantor do *Child-Harold*, regosijava-se de achar um peito igual ao seu.

Depois d'esta lucta entre a paixão e o indifferentismo que encontrava, descreu; e a dôr d'esta terrivel molestia em breve o sepultou nas frias lages do tumulo onde repousa tranquillo das lides da vida humana. Repousa, oh poeta! que foi longo o teu soffrer sobre a terra!

III

Agora, uma vista d'olhos sobre o cantor das *Primaveras*. Cheio de crença e possuidor d'um verdadeiro talento, Casimiro d'Abreu foi um d'estes genios que parecem ter nascido poetas. Espirito de melancolica tristeza, porém forte e altivo, conservou-se puro até o instante de fechar os olhos. Nunca penetrou n'esses lodaçoes, que pervertem a mocidade, e sua alma virgem, só tinha sanctas ambições. Apaixonado e cheio de fé, julgou sempre que o mundo o comprehendera e nunca o beijo immundo do scepticismo lhe manchou a fronte. Entretanto, elle soffria e muito, e quem quizer certificar-se leia o seu *Livro Negro*, que faz parte de suas bellas *Primaveras*, e ahi verão os suspiros tristes e melancolicos do poeta sertanejo. Entretanto, a descarnada e negra mão da morte ceifou para sempre de nós esse genio, cuja morte tantas lagrimas arrancou áquelles que o conheceram! E porque, meu Deus, não haverá uma lei da natureza que immortalise a existencia na terra d'esses genios tão bellos? Necessariamente porque a terra não os merece, e elles vão no seio do Senhor fruir uma existencia a que tem jus!

IV

E eis ahi dous filhos illustres que o Brasil hoje chora, cujos corpos ennegrecidos pelo pó da tumba, apenas se reconhecem como cadaveres! E eis dous vultos que se somem do campo da intelligencia, porque a mão da morte esgotou o sangue do enthusiasmo, que lhes circulava nas veias, porque absorveu as lavas da intelligencia, que seus craneos expandiam, porque apertou seus peitos debeis com seus braços de ferro, e no auge de seu furor arrancou a vida de dous genios illustres, riscando seus nomes immortaes da lista dos viventes!...

Rio de Janeiro—10 de Janeiro de 1861.

W.

Da republica das letras desapareceu um tão joven quanto denodado combatente.

A perda foi por demais sensivel !

Não lamentam seus companheiros sómente o passamento d'um irmão d'armas, tambem sentem a perda d'um amigo fiel e dedicado.

Por isso o chefe da republica, d'accordo com os membros do conselho superior das letras, expediu as precisas ordens para que o nome e os feitos do companheiro que pranteiam, ficassem gravados na memoria da geração presente e na dos vindouros, e que, para se pagar uma divida de gratidão, lhe fosse erguido um monumento.

O nome d'esse guerreiro ?

Casimiro d'Abreu.

Seus feitos ?

As producções em prosa e em verso impressas separadamente, e *As flôres das suas Primaveras* reunidas n'um volume de poesias.

Qual será o monumento ?

As suas composições ineditas offerecidas a um amigo, a biographia do finado cantor e todas as noticias sobre o seu passamento.

Ainda bem que cedo se pretende solver tão magnanimo compromisso !

.....
Rendemos hoje um tributo de veneração aos manes de Casimiro d'Abreu. Esse tributo não é só em remuneração aos serviços que ás letras prestou o fallecido cantor das *Primaveras*, mas tambem pelo espirito de classe, pois que elle sobejamente illustrou a corporação commercial á qual pertencera.

Pertencendo os fundadores e sustentadores d'este jornal em sua quasi totalidade ao commercio, e desejando desenvolver-se no cultivo das letras, dupla razão lhes assiste na prestação da homenagem devida a esse joven, já como poeta, já como caixeiro.

E como elle, cumpre-nos exclamar:

«Meu Deus ! tu que és tão bom e tão clemente,

«P'ra que apagas, Senhor, a chamma ardente

«N'um craneo de vulcão ?

«P'ra que poupas o cedro já vetusto,

«E, sem dó, vaes ferir o pobre arbusto

«Ás vezes no embryão ? !...»

Pobre arbusto ! Apoz o florescer e quando os fructos já
despontados começavam a amadurecer, veio o impio furacão
arremessal-o por terra.

É mais uma esperança perdida !
Pranteémol-a !

30 de novembro de 1860.

DA REDACÇÃO DO ACAJÁ.

Li as tuas Primas-véras,
Devéras mimosas são;
São lindas como os amores,
Parecem primas de flôres...
Quizera ser teu irmão.

Que vida nos seios d'ellas !
Que perfumes que ellas tem !
Não ha sultão mais ditoso !
És um primo venturoso,
Não tem mais primas ninguem.

Alegres como andorinhas
Tens umas primas, Jesus !
As moreninhas faceiras !...
São jurytis ás carreiras
Pelas moitas dos bambús.

Outras pallidas suspiram,
Tão descontentes de si,
Que fazem dó !. . coitadinhas !
Nos olhos das moreninhas
Terão ciumes de ti.

Outras são... ora, são tantas...
Não tem mais primas ninguem,
Não ha sultão mais ditoso,
És um primo venturoso,
De primas tens um harem !

Beijei-as uma por uma ;
Não te faças Zelador !
Não fazem mal os meus beijos,
Que os labios dos sertanejos
São como ninhos de flôr.

Mas... perdão ! és um tyranno !
Repito ainda—perdão !
És um tyranno de raça:
Expôl-as assim na praça,
Para vendêl-as ?—Pois não !

Para applausos ?—Faço ideia !
Has de ter muitos—pois não !
Aqui no paiz das tretas,
Não se quer primas de letras,
Quer-se manteiga e feijão.

Se és um primo venturoso,
Que mimosas primas tens;
N'ellas vejo os teus azares,
Dou-te pois os meus pezares,
E retiro os parabens.

..... 1859.

BRUNO SEABRA.

Como André Chénier, no craneo a ugusto,
Alguma cousa tens!

C. D'ABREU.

I

Poeta ! Derramou-te Deus na fronte
A luz da inspiração omnipotente,
Ensinou-te a sentir;
E marcou ao teu genio um horisonte
De crenças e esperanças no presente,
De glorias no porvir !

E tu, co'a fronte ungida e radiante
Firmaste o pé na estrada do progresso,
Modulando canções !

Caminha ! Ergue o alaúde triumphante,
Despresa a geração que adora um Cresso,
E que olvida um Camões !

Sobre a escabrosa estrada do futuro
De encontro aos passos teus, mais de um espinho
 Irá teus pés magoar;
Não voltes, que renegas ! vae seguro,
Caminha, que no fim do teu caminho
 Louros has de encontrar.

Caminha, e deixa em seu prazer mundano
A esses, que aos poetas estão vendo
 Com escarneo sem fim;
Encara-os como Byron lusitano,
E dize-lhes: «De vós eu nada entendo,
 «E vós nada de mim !

A elles o destino deu por sorte
O fogo da ambição, que os incendeia,
 A nós a lyra e a cruz !
Elles tem das riquezas o transporte,
Que aviventa a materia e mata a ideia,
 Mas nós temos a luz !

.....

II

Oh ! poeta da frente pensativa,
Recebe na alma candida, inspirada
 A saudação do irmão !
Eu me arretrato, ouvindo a lyra altiva,
Mas a tua poesia enamorada
 Me falla ao coração !

Nos perfumes da timida innocencia,
Como as houris nos banhos do Oriente,
 Tu'alma se banhou;
E por entre o sorrir da adolescencia
Logo dos labios teus pura, indolente,
 A poesia brotou !

Depois o amor, doce mysterio d'alma,
Por entre o medo, a que ninguem resiste,
 Tu'alma surpreendeu:
Tambem cingiste do martyrio a palma,
E o doce canto da tu'alma triste
 Minh'alma entristeceu!

Como choras no leito dos teus sonhos,
Prostrado pela horrenda enfermidade,
 Ao teu anjo a rogar
Que os seus olhos, outr'ora tão risonhos
Sobre o frio portal da eternidade
 Por ti fossem chorar!...

Mas tu porque tão cedo desesperas,
Deixando dos teus labios, inda ardentes
 Amargura correr?
Tu, mimoso cantor das *Primaveras*,
Do *Livro Negro* as paginas descrentes
 Porque foste escrever!

Ah! não vás, meu poeta dos amores,
Manchar a c'rôa á virgem da poesia,
 Que tão pura te amou!
Não te illudam do *Goethe* os esplendores,
Que esse deus da sublime zombaria
 O coração matou!

Inspira-te do céu da patria tua
Ante o qual ninguem ha que não se incline
 Pela manhã gentil;
Canta a aurora ao nascer, á noite a lua,
E assim darás tambem um Lamartine
 Às musas do Brasil!

Poeta! Crê no amor das almas puras,
Canta a patria, o futuro, a liberdade,
 O puro amor de Deus!
Eu te antevejo a aurora das venturas,
E o teu Brasil, com as palmas da amizade
 C'roando os cantos teus!

Setembro de 1859.

GONÇALVES BRAGA.

... Vêr o pobre mancebo
Em quem a seiva reluz,
No sonho candido e puro,
Nas glorias do seu futuro,
Dourando a vida de luz,
De crenças, de amor, de fé,
Vêl-o finar-se tão cedo,
Como as vozes d'um segredo...
É dôr de mais—pois não é?...
CASIMIRO D'ABREU.

Aquella pallida fronte,
Ardente como um vulcão,
Em que um brilhante horisonte
Sorria de inspiração;
Cuja musa, em meigos cantos,
Sorrindo ou vertendo prantos,
Sempre cantando, encantava;
—Pallida agora, mas fria,
Não mais desprende a harmonia
Que no seu antro encerrava !

Que é d'elle, o joven cantor,
Astro brasileiro a surgir,
Que entre os seus cantos de amor
Fazia amores sentir?...
Que é d'elle, o joven amante,
Que do seu berço distante,
No verdor da mocidade,
Vendo outro céu, outras flôres,
Não lhes achava primores
Por ter da patria saudade ?...

Viram-no as margens do Tejo
Murmurar hymnos de amor,
À patria mandando um beijo
Com dedicado fervor !
Que puro amor terno e santo
Revela aquelle seu canto
A sua mãe, lembrando
A falta d'essas caricias
Que eram as suas delicias
No patrio ninho habitando !...

Tambem as margens do Douro
Viram-no triste, a gemer,
Dizendo na lyra d'ouro:
«Brasileiro hei de morrer.»
Só vendo ao longe a belleza,
Primores da natureza,
Encantos a mil e mil,
Que em longas, remotas eras
Quiz marcar nas — Primaveraes
Eternas no seu Brasil.

Quem é que ao pranto resiste,
Seja poeta ou não seja,
Ouvindo — *Minh'alma é triste;*
Que o *Livro Negro* reveja?...
Parece que o soffrimento,
Funesto presentimento
D'amargor lhe enchia o peito!...
Cantava... — mas que cantar!
Era um bardo a suspirar,
Sempre em lagrimas desfeito!

Era a canção do exilado,
Que tristes magoas encerra,
Soltando um ecco abafado
Que sôa de serra em serra!
Elle era o nauta dos mares,
Procurando os patrios lares
C'os torvos olhos saudosos;
E ao rouco gemer do vento
Unindo um triste lamento
Entre suspiros queixosos!

Que terno amor! que poesia
Na mente lhe borbulhava
Quando a saudade e harmonia
Do sabiá recordava!
D'esse cantor das palmeiras,
Que nas matas brasileiras
Modula os ternos queixumes.
Que fogo de amor intenso,
Cantando o Brasil immenso,
Cercado de mil perfumes!...

Que coração de poeta
(Livre das loucas orgias),
Que em musa casta e discreta,
Batia, ao som de harmonias!...
Que brandas, sentidas queixas
Ao som de ternas endeixas
Revelando os seus amores!...
Que bella esp'rança perdida,
Nesse futuro da vida
Do outomno, com seus primores!...

E tudo tombou—cahiu
Da praça ao tufão medonho,
Que no sepulchro sumiu
Tão bello arbusto risonho!...
Esse tufão, que tão cedo
A Dutra, Amaro e Azevedo
Na primavera cortou,
Sedento de atroz furor,
Ao fluminense cantor
Na terra em furia lançou.

E quatro lustros sómente,
Cheios de vida e fulgor,
Perderam seu brilho ardente
Na campa, em gelido horror!...
Que verde esp'rança murchada!
Que flôr tão bella, esmagada,
Hoje sem brilho e sem côr!...
Que galardão tão subido,
Que de futuro perdido
N'esse brasileiro cantor!...

Só d'elle resta a lembrança,
Que mudamente suspira
Accorde, mas sem esp'rança,
Nos tristes eccos da lyra!
Chora a familia saudosa,
Chora a musa lacrimosa,
Chora o Brasil, que o perdeu,
Chorará quem n'outras eras
Lêr com magoa as *Primaveras*
De—Casimiro de Abreu.

J. V. DA SILVA AZEVEDO.

Canta e canta sempre!
C. D'ABREU.

Eu tambem li as tuas—primaveras,
E vi d'ellas as flôres tão mimosas.
De jubilo beijei-as!
É que sentia em mim vir espelhar-se
A melodia terna de teus cantos,
De magicas sereias!

Vi tuas flôres rebentarem lindas!
Vi os teus cantos de pungentes dôres,
E outros de esperança;
Cantos, já de um mancebo pensativo,
E outros de saudades—cantos ternos,
Balbucios de creança!

Eu vi n'essas florinhas tão mimosas,
Um cantor promettendo ás nossas letras
Mais cantos no futuro;
E apenas n'esse céu todo estrellado,
N'essa roseira enfioreada e linda,
Eu vi um ponto escuro.

Era o teu—*Livro Negro*—negro? embora!
O coração do homem tambem sente
Alegrias e dôres!
Como sons d'harpa meiga de poeta,
Que ás vezes choram e outras vezes riem
Nos canticos d'amores.

Vi—saudar-te esse irmão de teus cantares,
Mais uma c'rôa te lançar na frente,
Abraçar-te em seu canto;
E tu, agradecer-lhe em cantos d'alma,
Tendo n'ella os mais tristes desalentos
E nos olhos o pranto!

É tarde! que disseste? Tu não viste
Como—Azevedo—se escondeu na campa?
Não viste, meu amigo?
A gloria não te importa? ao menos, poeta,
Com cantos de esperança encobre as penas
Que já trazes contigo.

É tão triste o morrer-se quando a aurora
Da vida—em flôr—nos vem banhar o craneo,
Aonde o fogo arde!
É tão triste o morrer-se! e ouvir um poeta
Dizer a quem o anima: «Aii já não posso...
Agora... é muito tarde!...»

O desalento é qual o sonho horrído
Que sempre que dormimos nos persegue;
E á noite a sombra nossa
Quando vagamos ao calor da lua:
E a esperança é a virgem que dá a vida,
Que os corações remoça!

Aii é tão triste vêr a flôr que outr'ora
—Inda em botão—no hastil, tão indolente,
Sobre a terra cahida!
Cahiu, porque faltou-lhe a brisa meiga.
Assim, se te faltar a esperança,
Tu cahirás sem vida.

Não deixes de cantar! inda é tão cedo!...
O sol da nossa patria brilha agora
Com pallido abandono...
E a lua que prateia o lago liso,
Que desenha no chão todas as flôres,
Parece que tem somno!...

Brinca o mar, geme a onda sobre a praia...
A mansa brisa vem cantar ás flôres
Seus dons innocentinhos...
Na mata, á tarde, geme a rôla triste...
E os chilros se ouvem virem lá do bosque
De tenros passarinhos!...

E o sol, e a lua, e o mar que geme manso,
E a brisa, e a rôla, e os passaros dos bosques
Elevam um hymno a Deus!
Oh! canta, e vae á noite, solitario,
A Elle, e ao sol e á lua macilenta,
Soltar os cantos teus!

A ti qu'importa a festa do futuro?
Ah! se tu cantas, não almejas louros,
Nem paginas na historia.
Eu bem o sei. Cantar na flôr dos annos,
Quando o peito é um vergel todo amoroso...
É a verdadeira gloria!

Como a flôr que é botão inda entre-aberto,
Tendo perfumes—flôr de primavera,—
Assim é nossa infancia,
Na juventude o coração é louco;
Na adolescencia a poesia é vida;
É um céu de fragrancia!

Oh! canta! e despe o véo dos desalentos
Que cobre a tua musa tão mimosa,
Que é como tu singela;
E despertando de tua harpa as vozes,
As canções surgirão ainda mais puras
Que beijos de donzella!

Eia! ávante poeta! Canta ainda,
Um pouco... mais... pois que o cantar é vida!
Oh! canta os sonhos teus!
E se não queres ter d'aqui as glorias,
Canta o céu tão azul, o sol, a lua...
E canta o nosso Deus!...

Rio—11 de outubro de 1859.

ALMEIDA CUNHA.

Recebe este voto, amigo,
.....
Em poucos versos singelos.
Qualquer os fará mais bellos;
Ninguem tão d'alma os faria.

ALMEIDA GARRETT.

Inda o cypreste não roçára o tope
Na cruz do tumulo;
E nem a relva tapetára a base
Do teu sepulchro.

O chorão não soltou as folhas mortas
E as doces lagrimas;
E nem as rosas da primeira corôa
Murcharam inda.

Mas tu não vives! desfolhou-se o arbusto
Na quadra florida!
E a brisa perfumada do oriente
Passou assim na terra.

Creança e moço
Dêste ao mundo um rosal de primaveras...
Mal veio o estio... Nem colheste o fructo!
.....

E eu venho aqui,—á sombra do cadaver
E á luz do espirito
Que brilha lá no céu,—depor um cofre
De gôso e mágoas;

Que em noites de tristeza me sorriam
Estrellas fulgidas;
Que, em dias de pesar, o sol ás vezes
Me alumiára.

A ti a flôr que aos risos da ventura
Abrira o calix;
A ti o pranto que orvalhou a rosa
Por conservar-lhe o viço!

Guarda-o, poeta,
Á sombra protectora do cypreste
E á luz da tua gloria.

Paris—26 de dezembro de 1860.

ERNESTO CIBRÃO.

Viveu como uma flôr tão curta vida,
Ou foi uma esperança fallecida,
Ou sonho que acabou;
Sem gosar dos festins que o mundo afaga,
Como um batel que a tempestade traga,
Os dias seus passou.

Cantou suas passadas primaveras,
Tendo saudades d'essas lindas eras
Em que tudo é sonhar;
Seus pesares gemeu e suas dôres,
Esperanças cantou o seu penar.

Morreu inda na flôr da mocidade
Entoando uma nenia de saudade
Por sobre os sonhos seus!
Foi saudar nova vida, novo sol,
Subiu inda da vida no arrebol,
Alegre aos pés de Deus.

io de Janeiro—outubro 1861.

CLIMACO ANANIAS BARBOSA DE OLIVEIRA.

PRIMAVERAS

F. OCTAVIANO

São as flôres das minhas primaveras
Rebentadas a sombra dos coqueiros.

TEIXEIRA DE MELLO—*Sombras e Sonhos.*

Um dia—além dos Orgãos, na poetica Friburgo—isolado dos meus companheiros de estudo, tive saudades da casa paterna e chorei.

Era de tarde; o crepusculo descia sobre a crista das montanhas e a natureza como que se recolhia para entoar o canticó da noite; as sombras estendiam-se pelo leito dos valles e o silencio tornava mais solemne a voz melancholica do cahir das cachoeiras. Era a hora da merenda em nossa casa e pareceu-me ouvir o echo das risadas infantis de minha mana pequena! As lagrimas corrêrão e fiz os primeiros versos da minha vida, que intitulei—*As Ave-Marias*:—a saudade havia sido a minha primeira musa.

Era um canto simples e natural como o dos passarinhos, e para possuil-o hoje eu dera em troca este volume inutil, que nem conserva ao menos o sabor virginal d'aquelles preludios!

Depois, mais tarde, nas ribas pittorescas do Donro ou nas varzeas do Tejo, tive saudades do meu ninho das flores-tas e cantei; a nostalgia me apagava a vida e as veigas risonhas do Minho não tinhão a belleza magestosa dos ser-tões.

Eu era entusiasta então e escrevia muito, porque me embalava á sombra d'uma esperanza que nunca pude ver realisada. N'uma hora de desalento rasguei muitas d'essas paginas candidas e quasi que pedi o balsamo da sepultura para as ulceras recentes do coração; é que as primeiras illu-sões da vida, abertas de noite—cahem pela manhã como as flôres cheirosas das lorangeiras!

Flôres e estrellas, murmurios da terra e mysterios do céu,

sonhos de virgem e risos de criança, tudo o que é bello e tudo o que é grande, veio por seu turno debruçar-se sobre o espelho magico da minha alma e ahi estampar a sua imagem fugitiva. Se n'essa collecção d'imagens predomina o perfil gracioso de uma virgem, facilmente se explica:—era a filha do céu que vinha vibrar o alaúde adormecido do pobre filho do sertão.

Rico ou pobre, contradictorio ou não, este livro fez-se por si, naturalmente, sem esforço, e os cantos sahirão conforme as circumstancias e os lugares os ião despertando. Um dia a pasta pejada de tanto papel pedia que lhe dêsse um destino qualquer, e foi então que resolvi a publicação das — *Primaveras*; depois separei muitos cantos sombrios, guardei outros que constituem o meu—livro intimo—e no fim de mudanças infinitas e caprichosas, pude ver o volume completo e o entrego hoje sem receio e sem pretensões.

Todos ahi acharão cantigas de criança, trovas de mancebo, e rarissimos lampejos de reflexão e d'estudo: é o coração que se espraia sobre o eterno thema do amor e que soletra o seu poema mysterioso ao luar melancolico das nossas noites.

Meu Deus! que se ha de escrever aos vinte annos, quando a alma conserva ainda um pouco da crença e da virgindade do berço? Eu creio que sempre ha tempo de sermos — **HOMEM SERIO**, — e de preferirmos uma moeda de cobre a uma pagina de Lamartine.

De certo, tudo isto são ensaios; a mocidade palpita, e na sêde que a devora, decepa os louros inda verdes e antes de tempo quer ajustar as cordas do instrumento, que só a madureza da idade e trato dos mestres poderão temperar.

O filho dos tropicos deve escrever n'uma linguagem — propriamente sua — languida como elle, quente como o sol que o abrasa, grande e mysteriosa como as suas matas seculares; o beijo apaixonado das Celutas deve inspirar epopeias como a dos — **Tymbiras** — e acordar aos Renés enfatiados do desalento que os mata. Até então, até seguirmos o vôo arrojado do poeta de — **Yuca-Pirama** — nós cantores noveis, somos as vozes secundarias que se perdem no conjuncto d'uma grande orhestra; ha o unico merito de não ficarmos calados.

Assim, as minhas — *Primaveras* não passam d'um ramalhete das flôres proprias da estação, — flôres que o vento esfolhará amanhã, e que apenas valem como promessa dos fructos do outomno.

Rio—20 de Agosto de 1859.

CASIMIRO DE ABREU.

A * * *

Fallo a ti—doce virgem dos meus sonhos,
Visão dourada d'um scismar tão puro,
Que sorrias por noites de vigilia
Entre as rosas gentjs do meu futuro.

Tu m'inspiraste, oh musa do silencio,
Mimosa flôr da languida saudade!
Por ti correu meu estro ardente e louco
Nos verdores febris da mocidade.

Tu vinhas pelas horas das tristezas
Sobre o meu hombro debruçar-te a medo,
A dizer-me baixinho mil cantigas,
Como vozes subtis d'algum segredo!

Por ti eu me embarquei, cantando e rindo,
—Marinheiro de amor—no batel curvo,
Rasgando affouto em hymnos d'esperança
As ondas verde-azues d'um mar que é turvo,

Por ti corri sedento atraz da gloria;
Por ti queimei-me cedo em seus fulgores;
Queria de harmonia encher-te a vida,
Palmas na fronte—no regaço flôres!

Tu, que foste a vestal dos sonhos d'ouro,
O anjo-tutelar dos meus anhelos,
Estende sobre mim as asas brancas...
Desenrola os anneis dos teus cabellos!

Muito gélo, meu Deus, crestou-me as galas;
Muito vento do sul varreu-me as flôres!
—Ai de mim—se o relento de teus risos
Não molhasse o jardim dos meus amores!

Não t'esqueças de mim ! Eu tenho o peito
De santas illusões, de crenças cheio !
—Guarda os cantos do louco sertanejo
No leito virginal que tens no seio.

Pôdes ler o *meu livro*:—adoro a infancia,
Deixo a esmola na enxerga do mendigo,
Creio em Deus, amo a patria, e em noites lindas
Minh'alma—aberta em flôr—sonha contigo.

Se entre as rosas das minhas—Primaveras—
Houver rosas gentis, de espinhos nuas;
Se o futuro atirar-me algumas palmas,
As palmas do cantor—são todas tuas!

Agosto 20—1859.

LIVRO PRIMEIRO

Heureux ceux qui n'ont point vu a
fumée des fêtes de l'étranger, et qui ne se
sont assis qu'aux festins de leurs pères!

CHATEAUBRIAND.

CANÇÕES DO EXILIO

EXILIO

Oh! mon pays sera mes amours
Toujours.

CHATEAUBRIAND.

Eu nasci além dos mares:
Os meus lares,
Meus amores ficão lá!
—Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Suspiros o sabiá!

Oh que céu, que terra aquella,
Rica e bella
Como o céu de claro anil!
Que seiva, que luz, que galas
Não exhalas,
Não exhalas, meu Brasil!

Oh! que saudades tamanhas
Das montanhas,
D'aquelles campos nataes!
D'aquelle céu de saphyra
Que se mira,
Que se mira nos crystaes!

Não amo a terra do exílio,
Sou bom filho,
Quero a patria, o meu paiz,
Quero a terra das mangueiras
E as palmeiras,
E as palmeiras tão gentis!

Como a ave dos palmares
Pelos ares
Fugindo do caçador;
Eu vivo longe do ninho,
Sem carinho,
Sem carinho e sem amor!

Debalde eu ôlho e procuro...
Tudo escuro
Só vejo em roda de mim!
Falta a luz do lar paterno
Doce e terno,
Doce e terno para mim.

Distante do solo amado
—Desterrado—
A vida não é feliz.
N'essa eterna primavera
Quem me dera,
Quem me dera o meu paiz!

Lisboa—1855.

MINHA TERRA

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.
G. DIAS.

Todos cantão sua terra,
Tambem vou cantar a minha,
Nas debeis cordas da lyra
Hei-de fazel-a rainha;
—Hei-de dar-lhe a realeza
N'esse throno de belleza
Em que a mão da natureza
Esmerou-se em quanto tinha.

Correi pr'as bandas do sul:
Debaixo d'um céu de anil
Encontrareis o gigante
Santa Cruz, hoje Brasil;
— É uma terra de amores
Alcatifada de flôres
Onde a brisa falla amores
Nas bellas tardes de Abril.

Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
— É uma terra encantada
— Mimoso jardim de fada —
Do mundo todo invejada,
Que o mundo não tem igual.

Não, não tem, que Deus fadou-a
D'entre todas — a primeira:
Deu-lhe esses campos bordados,
Deu-lhe os leques da palmeira,
E a borboleta que adeja
Sobre as flôres que ella beija,
Quando o vento rumoreja
E a folhagem da mangueira.

É um paiz magestoso
Essa terra de Tupá,
Desd'o Amazonas ao Prata,
Do Rio Grande ao Pará!
— Tem serranias gigantes,
E tem bosques verdejantes
Que repetem incessantes
Os cantos do sabiá.

Ao lado da cachoeira,
Que se despenha fremente,
Dos galhos da sapucaia
Nas horas do sol ardente,
Sobre um solo d'açucenas,
Suspensa a rêde de pennas
Alli nas tardes amenas
Se embala o indio indolente.

Foi alli que n'outro tempo
Á sombra do cajazeiro
Soltava seus doces carmes
O Petrarca brasileiro;
E a bella que o escutava
Um sorriso deslisava
Para o brado que pulsava
Seu alaúde fagueiro.

Quando Dirceu e Marilia
Em ternissimos enleios
Se beijavão com ternura
Em celestes devaneios:
Da selva o vate inspirado,
O sabiá namorado,
Na lorangeira pousado
Soltava ternos gorgeios.

Foi alli, foi no Ypiranga,
Que com toda a magestade
Rompeu de labios agustos
O brado da liberdade;
Aquella voz soberana
Vôou na plaga indiana
Desde o palacio á choupana,
Desde a floresta á cidade!

Um povo ergueu-se cantando
— Mancebos e anciãos —
E, filhos da mesma terra,
Alegres derão-se as mãos;
Foi bello vêr esse povo
Em suas glorias tão novo,
Bradando cheio de fugo:
— Portugal! somos irmãos!

Quando nasci, esse brado
Já não soava na serra,
Nem os eccos da montanha
Ao longe dizião — guerra!
Mas não sei o que sentia
Quando, a sós, eu repetia
Cheio de nobre ousadia
O nome da minha terra!

Se brasileiro eu nasci
Brasileiro hei-de morrer,
Que um filho d'aquellas matas
Ama o céu que o vio nascer;
Chora, sim, porque tem prantos,
E são sentidos e santos
Se chora pelos encantos
Que nunca mais ha-de vêr.

Chora, sim, como suspiro
Por esses campos que eu amo,
Pelas mangueiras copadas
E o canto do gaturamo;
Pelo rio caudaloso,
Pelo prado tão relvoso,
E pelo tyê formoso
Da goiabeira no ramo!

Quiz cantar a minha terra,
Mas não póde mais a lyra;
Que outro filho das montanhas,
O mesmo canto desfira.
Que o proscripto, o desterrado,
De ternos prantos banhado,
De saudades torturado,
Em vez de cantar—suspira!

Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
—É uma terra de amores
Alcatifada de flôres,
Onde a brisa em seus rumores
Murmura:—não tem rival!

Lisboa — 1856.

SAUDADES

Nas horas mortaes da noite
Como é doce o meditar
Quando as estrellas scintillão
Nas ondas quietas do mar;

Quando a lua magestosa
Surgindo linda e formosa,
Como donzella vaidosa
Nas aguas se vai mirar!

N'essas horas de silencio,
De tristezas e de amor,
Eu gosto de ouvir ao longe,
Cheio de magoa e de dôr,
O sino do campanario,
Que falla tão solitario
Com esse som mortuario
Que nos enche de pavor.

Então—proscripto e sósinho—
Eu sólto aos eccos da serra
Suspiros d'essa saudade
Que no meu peito se encerra.
Esses prantos de amargores
São prantos cheios de dôres:
—Saudades—dos meus amores,
—Saudades—da minha terra!

... 1856.

O MEU LAR

Se eu tenho de morrer na flôr dos annos,
Meu Deus! não seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá!

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
Respirando este ar;
Faz que viva, Senhor! dá-me de novo
Os gozos do meu lar!

O paiz estrangeiro mais bellezas
Do que a patria, não tem;
E este mundo não val um só dos beijos
Tão doces d'uma mãe!

Dá-me os sitios gentis onde eu brincava
Lá na quadra infantil;
Dá que eu veja uma vez o céu da patria,
O céu do meu Brasil!

Se eu tenho de morrer na flôr dos annos,
Meu Deus! não seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá!

Quero ver esse céu da minha terra
Tão lindo e tão azul!
E a nuvem côr de rosa que passava
Correndo lá do sul!

Quero dormir á sombra dos coqueiros,
As folhas por docel;
E vêr se apanho a borboleta branca,
Que vôa no vergel!

Quero sentar-me á beira do riacho
Das tardes ao cahir,
E sósinho scismando no crepusculo
Os sonhos do porvir!

Se eu tenho de morrer na flôr dos annos,
Meu Deus! não seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
A voz do sabiá!

Quero morrer cercado dos perfumes
D'um clima tropical,
E sentir, expirando, as harmonias
Do meu berço natal!

Minha campa será entre as mangueiras
Banhada do luar,
E eu contente dormirei tranquillo
Á sombra do meu lar!

As cachoeiras chorarão sentidas
Porque cedo morri,
E eu sonho no sepulchro os meus amores
Na terra onde nasci!

Primaveras

Se eu tenho de morrer na flôr dos annos,
Meu Deus! não seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá!

Lisboa — 1857.

MINHA MÃE

Oh! l'amour d'une mère! amour que nul n'oublie.
V. Hugo.

Da patria formosa distante e saudoso,
Chorando e gemendo meus cantos de dôr,
Eu guardo no peito a imagem querida
Do mais verdadeiro, do mais santo amor:
— Minha Mãi! —

Nas horas caladas das noites d'estio
Sentado sósinho co'a face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chamava
— « Oh filho querido do meu coração! » —
— Minha Mãi! —

No berço, pendente dos ramos floridos,
Em que eu pequenino feliz dormitava:
Quem é que esse berço com todo o cuidado,
Cantando cantigas, alegre embalava?
— Minha Mãi! —

De noite, alta noite, quando eu já dormia
Sonhando esses sonhos dos anjos dos céos,
Quem é que meus labios dormentes roçava
Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus?
— Minha Mãi! —

Feliz o bom filho que pôde contente
Na casa paterna de noite e de dia
Sentir as caricias do anjo de amores,
Da estrella brilhante que a vida nos guia!
— Uma Mãi! —

Por isso eu agora na terra do exílio,
Sentado sósinho co'a face na mão,
Suspiro e soluço por quem me chamava:
— « Oh filho querido do meu coração! » —
— Minha Mãi! —

Lisboa — 1855.

ROSA MURCHA

Esta rosa desbotada
Já tantas vezes beijada,
Pallido emblema de amor;
É uma folha cahida
Do livro da minha vida,
Um canto immenso de dôr!

Ha que tempos! Bem me lembro...
Foi n'um dia de Novembro:
Deixava a terra natal,
A minha patria tão cara,
O meu lindo Guanabara,
Em busca de Portugal.

Na hora da despedida,
Tão cruel e tão sentida
P'ra quem sahe do lar fagueiro;
D'uma lagrima orvalhada,
Esta rosa foi-me dada
Ao som d'um beijo primeiro.

Deixava a patria, é verdade,
la morrer de saudade
N'outros climas, n'outras plagas;
Mas tinha orações ferventes
D'uns labios inda innocentes
Em quanto cortasse as vagas.

E hoje, e hoje, meu Deus?!
— Hei-de ir junto aos mausoleus
No fundo dos cemiterios,
E ao baço clarão da lua
Da campa na pedra nua
Interrogar os mysterios!

Carpir o lyrio pendido
Pelo vento desabrido...
Da divindade aos arcanos
Dobrando a fronte saudosa,
Chorar a virgem formosa
Morta na flôr dos annos!

Era um anjo! Foi pr'o céu
Envolta em mystico véo
Nas azas d'um cherubim:
Já dorme o somno profundo,
E despedio-se do mundo
Pensando talvez em mim!

Oh! esta flôr desbotada,
Já tantas vezes beijada,
Que de mysterios não tem!
Em troca do seu perfume,
Quanta saudade resume
E quantos prantos tambem!

Lisboa — 1855.

JURITY

Na minha terra, no bulir do mato,
A jurity suspira;
E como o arrulo das gentis amores,
São os meus cantos de secretas dôres
No chorar da lyra.

De tarde a pomba vem gemer sentida
À beira do caminho;
— Talvez perdida na floresta ingente—
A triste geme n'essa voz plangente
Saudades do seu ninho.

Sou como a pomba e como as vozes d'ella
É triste o meu cantar;
— Fôr dos tropicos—cá na Europa fria
Eu definho, chorando noite e dia
Saudades do meu lar.

A jurity suspira sobre as folhas seccas
Seu canto de sandade;
Hymno de angustia, fervido lamento,
Um poema de amor e sentimento,
Um grito d'orphandade!

Depois... o caçador chega cantando,
A pomba faz o tiro...
A bala acerta e ella cahe de bruços,
E a voz lhe morre nos gentis soluços,
No final suspiro.

E como o caçador, a morte em breve
Levar-me-ha comsigo;
E descuidado no sorrir da vida,
Irei sósinho, a voz desfallecida,
Dormir no meu jazigo.

E—morta— a pomba nunca mais suspira
À beira do caminho;
E como a jurity, — longe dos lares —
Nunca mais chorarei nos meus cantares
Saudades do meu ninho!

Lisboa—1857.

MEUS OITO ANNOS

Oh! souvenirs! printemps! aurores!
V. HUGO.

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flôres,
N'aquellas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos larangaes!

Como são bellos os dias
Do despontar da existencia!
— Respira a alma innocencia
Como perfumes a flôr;

O mar é—lago sereno,
O céu—um manto azulado,
O mundo—um sonho dourado,
A vida—um hymno d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
N'aquella doce alegria,
N'aquelle ingenuo folgar!
O céu bordado d'estrellas,
A terra d'aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infancia!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
N'essa risonha manhã!
Em vez das magoas de agora,
Eu tinha n'essas delicias
De minha mãe as caricias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
—Pés descalços, braços nus—
Correndo pelas campinas
À-roda das cachoeiras,
Atraz das azas ligeiras
Das borboletas azues!

N'aquelles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava á beira do mar;
Resava ás Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais!

—Que amor, que sonhos, que flôres,
N'aquellas tardes fagueiras
A sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjaes!

Lisboa—1857.

NO ALBUM DE J. C. M.

N'estas folhas perfumadas
Pelas rosas desfolhadas
D'esses cantos de amizade,
Permitte que venha agora
Quem longe da patria chora
Bem triste gravar:—saudade!

Lisboa.

TRES CANTOS

Quando se brinca contente
Ao despontar da existencia
Nos folguedos da innocencia,
Nos delirios de criança;
A alma, que desabrocha
Alegre, candida e pura—
N'essa continua ventura
É toda um hymno:—esperança!

Depois... na quadra ditosa,
Nos dias da juventude,
Quando o peito é um alaúde,
E que a fronte tem calor;
A alma que então se expande
Ardente, ferosa e bella—
Idolatrando a donzella
Soletta em trovas:—amor!

Mas quando a crença se esgota
Na taça dos desenganos,
E o lento correr dos annos
Envenena a mocidade;

Então a alma cançada
Dos bellos sonhos despida,
Chorando a passada vida,
Só tem um canto:—saudade!

Fevereiro—1858.

ILLUSÃO

Quando o astro do dia desmaia
Só brilhando com pallido lume,
E que a onda que brinca na praia
No murmúrio soletra um queixume;

Quando a brisa da tarde respira
O perfume das rosas do prado,
E que a fronte do valle suspira
Como o nauta da patria afastado;

Quando o bronze da torre da aldeia
Seus gemidos aos echos envia,
E que o peito que em magoas anceia
Bebe louco essa grave harmonia;

Quando a terra, da vida cançada,
Adormece n'um leito de flôres
Qual donzella formosa emhalada
Pelos cantos dos seus trovadores;

Eu de pé sobre as rochas erguidas
Sinto o pranto que manso desliza
E repito essas queixas sentidas
Que murmurão as ondas co'a brisa.

É então que a minha alma dormente
D'uma vaga tristeza se inunda,
E que um rosto formoso, innocente,
Me desperta saudade profunda.

Julgo ver sobre o mar socegado
Um navio nas sombras fugindo,
E na pôpa esse rosto adorado
Entre prantos p'ra mim se sorrindo!

Comprehendo esse amargo sorriso,
Sobre as ondas correr eu quizera...
E de pé sobre a rocha, indeciso,
Eu lhe brado:—não fuja,—espera!

Mas o vento já leva ligeiro
Esse sonho querido d'um dia,
Essa virgem de rosto fagueiro,
Esse rosto de tanta poesia!...

E depois... quando a lua illumina
O horisonte com luz prateada,
Julgo ver essa fronte divina
Sobre as vagas scismando, inclinada!

E depois... vejo uns olhos ardentes
Em delirio nos meus se fitando,
E uma voz em accents plangentes
Vem de longe um—adeus—soluçando!

Illusão!... que a minha alma, coitada,
De illusões hoje em dia é que vive;
É chorando una gloria passada,
É carpindo uns amores que eu tive!

Lisboa—1856.

SUSPIROS

À minha terra formosa
Que eu amo do coração,
Quero enviar uns suspiros
Nas azas da viração.

Corre brisa, pressurosa
Sobre esses plainos de anil,
Vae brincar pelas campinas,
Pelos vergeis do Brasil.

Lá verás um céu mui lindo
Como tão lindo não ha:
Lá ouvirás os gorgeios
Os cantos do sabiá.

Lá verás bellas palmeiras,
Lindas fiôres com perfumes,
O regato que murinura,
A fonte que diz queixumes.

Lá verás a minha bella
Sentada no seu jardim,
Na mão encostada a face,
Saudosa, pensando em mim.

Ô brisa linda e travêssa,
No teu mais doce bafejo
Em seus labios côr de rosa
Bem de manso, dá-lhe um beijo.

Se uma lagrima furtiva
Nos olhos lhe balouçar...
Traz-me esse pranto d'amor,
Que quem chora, sabe amar.

Diz-lhe que o amante fiel
Só por ella suspirava,
E que nas brisas da tarde
Seus suspiros enviava.

Diz-lhe que o filho estremoso
O mesmo affecto inda tem,
E que constricto e fervente
Orava por sua mãe.

Diz-lhe que o pobre proscripto,
Da noute na magestade,
Chorava por sua terra
Longos prantos de saudade.

Diz-lhe que o triste poeta
Cantava cantos de dôr,
Que sua lyra gemendo
Dizia:—Brasil e amor!—

Abril—1856.

BRASILIANAS

NO LAR

Terra da minha patria, abre-me o seio
Na morte—ao menos.....

ALMEIDA GARRETT.

I

Longe da patria, sob um céu diverso
Onde o sol como aqui tanto não arde,
Chorei saudades do meu lar querido
—Ave sem ninho que suspira á tarde.—

No mar—de noite—solitario e triste
Fitando os lumes que no céu tremião,
Avido e louco nos meus sonhos d'alma
Folguei nos campos que meus olhos vião.

Era patria e familia e vida e tudo,
Gloria, amores, mocidade e crença,
E, todo em choros, vim beijar as praias
Porque chorara n'essa longa ausencia.

Eis-me na patria, no paiz das flôres,
—O filho pródigo a seus lares volve,
E concertando as suas vestes rotas,
O seu passado com prazer revolve!—

Eis meu lar, minha casa, meus amores,
A terra onde nasci, meu lecto amigo,
A gruta, a sombra, a solidão, o rio
Onde o amor me nasceu—cresceu comigo.

Os mesmos campos que eu deixei criança,
Arvores novas... tanta flôr no prado!...
Oh! como és linda, minha terra d'alma,
—Noiva enfeitada para o seu noivado!—

Foi aqui, foi alli, além... mais longe,
Que eu sentei-me a chorar no fim do dia;
—Lá vejo o atalho que vae dar na varzea...
Lá o barranco por onde eu subia!...

Acho agora mais sêcca a cachoeira
Onde banhei-me no infantil cansaço...
—Como está velho o laranjal tamanho
Onde eu caçava o sanhassú a laçot!...

Como eu me tembro dos meus dias puros!
Nada m'esquece... e esquecer quem ha-de?...
—Cada pedra que eu palpo, ou tronco, ou folha,
Falla-me ainda d'essa doce idade!

Eu me remoço recordando a infancia,
E tanto a vida me palpita agora
Que eu dera oh! Deus! a mocidade inteira
Por um só dia do viver d'outr'ora!

E a casa?... as sallas, estes moveis... tudo,
O crucifixo pendurado ao muro...
O quarto do oratorio... a salla grande
Onde eu temia penetrar no escuro!...

E alli... n'aquelle canto... o berço armado!
E minha mana, tão gentil, dormindo!
E mamãi a contar-me historias lindas
Quando eu chorava e a beijava rindo!

Oh! primavera! oh! minha mãe querida!
Oh! mana!—anjinho que eu amei com ancia—
Vinde ver-me, em soluços—de joelhos—
Beijando em choros este pó da infancia!

II

Meu Deus! eu chorei tanto lá no exiliot
Tanta dôr me cortou a voz sentida,
Que agora n'este gozo de proscripto
Chora minh'álma e me succumbe a vida!

Quero amor! quero vida! e longa e bella
Que eu, Senhor! não vivi—dormi apenas!
Minh'alma que s'expande e se entenece
Despe o seu luto nas canções amenas.

Que sêde que eu sentia n'essas noites!
Quanto beijo roçou-me os labios quentest
E, pallido, acordava no meu leito
—Sósinho—e orphão das visões ardentest!

Quero amor! quero vida! aqui, na sombra,
No silencio e na voz d'esta natura;
—Da primavera de minh'alma os cantos
Caso co'as flôres da estação mais pura.

Quero amor! quero vida! os labios ardem...
Preciso as dôres d'um sentir profundo!
—Soffrego a taça esgotarei d'um trago
Embora a morte vá topar no fundo.

Quero amor! quero vida! Um rosto virgem,
—Alma de archanjo que me falle amores,
Que ria e chore, que suspire e gema
E doure a vida sobre um chão de flôres.

Quero amor! quero amor!—Uns dedos brancos
Que passem a brincar nos meus cabellos;
Rosto lindo de fada vaporosa
Que dê-me vida e que me mate em zelos!

Oh! céu de minha terra—azu! sem mancha—
Oh! sol de fogo que me queima a fronte,
Nuvens douradas que correis no occaso,
Nevoas da tarde que cobris o monte;

Perfumes da floresta, vozes doces,
Mansa lagôa que o luar pratêa,
Claros riachos, cachoeiras altas,
Ondas tranquillias que morreis na arêa;

Aves dos bosques, brisas das montanhas,
Bentevis do campo, sabiás da praia,
—Cantai, correi, brilhai—minh'alma em ancias
Treme de gozo e de prazer desmaia!

Flôres, perfumes, solidões, gorgeios,
Amor, ternura—modulai-me a lyra!
—Seja um poema este ferver de idéas
Que a mente cala e o coração suspira.

Oh! mocidade! hem te sinto e vejo!
De amor e vida me trasborda o peito...
—Basta-me um anno!... e depois... na sombra...
Onde tive o berço quero ter meu leito!

Eu canto, eu choro, eu ria, e grato e louco
Nos pobres hymnos te bemdigo, oh! Deus!
Deste-me os gozos do meu lar querido...
Bemdito sejas!—vou viver c'os meus!

Inday'assú—1857.

MORENINHA

Moreninha, Moreninha.
Tu és do campo a rainha,
Tu és senhora de mim;
Tu matas todos d'amores,
Faceira, vendendo as flôres
Que colhes no teu jardim.

Quando tu passas n'aldeia
Diz o povo á bocca cheia:
—«Mulher mais linda não ha!
«Ai! vejão como é bonita
«Co'as tranças presas na fita,
«Co'as flôres no samburá!»—

Tu és meiga, és innocente
Como a rôla que contente
Vôa e folga no rosal;
Envolta nas simples galas,
Na voz, no riso, nas fallas,
Morena—não tens rival!

Tu, hontem, vinhas do monte
E parastes ao pé da fonte

À fresca sombra do til;
Regando as flôres, sósinha.
Nem tu sabes, Moreninha,
O quanto achei-te gentil!

Depois segui-te calado
Como o passaro esfaimado
Vai seguindo a jurity;
Mas tão pura ias brincando,
Pelas pedrinhas saltando,
Que eu tive pena de til!

E disse então:—Moreninha,
Se um dia tu fores minha,
Que amor, que amor não terás
Eu dou-te noites de rosas
Cantando canções formosas
Ao som dos meus ternos ais.

Morena, minha sereia,
Tu és a rosa da aldeia,
Mulher mais linda não ha;
Ninguém t'iguala ou t'imita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flôres no samburá!

Tu és a deosa da praça,
E todo o homem que passa
Apenas vio-te... parou!
Segue depois seu caminho
Mas vai calado e sósinho
Por que sua alma ficou!

Tu és bella, Moreninha,
Sentada em tua banquinha
Cercada de todos nós;
Rufando ategre o pandeiro,
Como a ave no espinheiro
Tu soltas também a voz:

—«Oh! quem me compra estas flôres?
«São lindas como os amores,

«Tão bellas não ha assim!
«Forão banhadas de orvalho,
«São flôres do men serralho,
«Colhi-as no meu jardim.»

Morena, minha Morena,
És bella, mas não tens pena
De quem morre de paixão!
—Tu vendes flôres singellas
E guardas as flôres bellas,
As rosas do coração?!...

Moreninha, Moreninha,
Tu és das bellas rainha,
Mas nos amores és má:
—Como tu ficas bonita
C'o as tranças presas na fita,
Co'as flôres no samburá!

Eu disse então:—«Meus amores,
«Deixa mirar tuas flôres,
«Deixa perfumes sentir!»
Mas n'aquelle doce enleio,
Em vez das flôres, no seio,
No seio te fui bulir!

Como nuvem desmaiada
Se tinge de madrugada
Ao doce albor da manhã;
Assim ficaste, querida.
A face em pejo accendida,
Vermelha como a romã!

Tu fugiste, feiticeira,
E de certo mais ligeira
Qualquer gazella não é:
Tu ias de sala curta...
Saltando a moita de murta
Mostraste, mostraste o pé!

Ai! Morena, ai! meus amores,
Eu quero comprar-te as flôres,

Mas dá me um beijo também;
Que importão rosas do prado
Sem o sorriso engraçado
Que a tua boquinha tem ?

Apenas vi-te; sereia,
Chamei-te—rosa da aldeia—
Como mais linda não ha.
—Jesus! Como eras bonita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flôres no samburá!

Inday'assú—1857.

NA REDE

Nas horas ardentes do pino do dia
Aos bosques corri;
E qual linda imagem dos castos amores,
Dormindo e sonhando cercada de flôres
Nos bosques a vi!

Dormia deitada na rede de pennas
—O céu por docel,
De leve embalada no quieto balanço
Qual nauta scismando n'um lago bem manso
N'um leve batel!

Dormia e sonhava—no rosto serena
Qual um serafim;
Os cilios pendidos nos olhos tão bellos,
E a brisa brincando nos soltos cabellos
De fino setim!

Dormia e sonhava—formosa embebida
No doce sonhar,
E doce e sereno n'um magico anceio
Debaixo das roupas batia-lhe o seio
No seu palpitar!

Dormia e sonhava—a bocca entre-aberta,
O labio a sorrir;
No peito cruzados os braços dormentes,
Compridos e lisos quaes brancas serpentes
No collo a dormir!

Primaveras

7

Dormia e sonhava—no sonho de amores
Chamava por mim,
E a voz suspirosa nos labios morria
Tão terna e tão meiga qual vaga harmonia
De algum bandolim !

Dormia e sonhava—de manso cheguei-me
Sem leve rumor,
Pendi-me tremendo e qual fraco vagido,
Qual sopro da brisa, baixinho ao ouvido
Fallei-lhe de amor !

Ao halito ardente o peito palpita...
Mas sem despertar;
E como nas ancias d'um sonho que é lindo,
A virgem na rede córando e sorrindo...
Beijou-me—a sonhar !

Junho—1858.

A VOZ DO RIO

N'UM ALBUM

Nosso sol é de fogo, o campo é verde,
O mar é manso, nosso céu azul !
—Ai ! porque deixas este patrio ninho
Pelas friezas dos vergeis do sul ?

Lá n'essa terra onde o Guahyba chora
Não são as noites, como aqui, formosas,
E as duras asas do Pampeiro iroso
Quebra as tulipas e desfolha as rosas.

A lua é doce, nosso mar tranquillo,
Mais leve a brisa, nosso céu azul !
—Tupá ! quem troca pelo patrio ninho
As ventanias dos vergeis do sul ? !

Lá novos campos outros campos ligão
E a vista fraca na extensão se perde !
E tu sózinha viverás no exilio
—Garça perdida n'esse mar que é verde !—

Nossas campinas como doces noivas
Vivem co'os montes sob o céu azul!
—Ha vida e amores n'este patrio ninho
Mais rico e bello que os vergeis do sul!

Essas palmeiras não tem tantos leques,
O sol das Pampas mareou seu brilho.
Nem cresce o tronco que susteve um dia
O berço lindo em que dormio teu filho!

Nossas florestas sacudindo os galhos
Tocão co'os braços este céu azul!...
—Se tudo é grande n'este patrio ninho.
Porque deixal-o p'ra viver no sul?!

Embora digas:—essa terra fria
Merece amores, é irmã da minha—
Quem dar-te pode este calor do ninho,
A luz suave que o teu berço tinha?!

Eu—Guanabara—no meu longo espelho
Reflico as nuvens d'este céu azul;
—Ó minha filha! acalentei-te o somno,
Porque me deixas p'ra viver no sul?!...

Lá, quando a terra s'embuçar nas sombras
E o sol medroso s'esconder nas agoas,
Teu pensamento, como o sol que morre,
Hade scismando mergulhar-se em magoas!

Mas se forçoso t'è deixar a patria
Pelas friezas dos vergeis do sul,
Ó minha filha! não t'esqueças nunca
D'estas montanhas, d'este céu azul.

Tupá bondoso te derrame graças,
Doce ventura te bafeje e siga.
E nos meus braços—ao voltar do exílio—
Saudando o berço que teu labio diga:

«Volvo contente para o patrio ninho,
«Deixei sorrindo esses vergeis do sul;
«Tinha saudades d'este sol de fogo...
«Não deixo mais este meu céu azul...»

SETE DE SETEMBRO

A D. PEDRO II

I

Foi um dia de gloria!—O povo altivo
Trocou sorrindo as vozes de captivo
Pelo cantar das festas!
O leão indomavel do deserto
Bramio soberbo, dos grilhões liberto,
No meio das florestas!

Lá no Ypiranga do Brasil o Marte
Enrolado nas dobras do estandarte
Erguia o augusto porte;
Cercada a fronte dos laureis da gloria
Soltou tremendo o brado da victoria:
—Independencia ou morte!

O santo amor dos corações ardentes
Achou echo no peito dos valentes
No campo e na cidade;
E nos salões—do pescador nos lares,
Livres soarão hymnos populares
À voz da liberdade!

II

Annos correrão;—no torrão fecundo
Ao sol de fogo d'este novo-mundo
A semente brotou;
E franca e leda, a geração nascente
À copa altiva da arvore frondente
Segura se abrigou!

À roda da bandeira sacrosanta
Um povo esperançoso se levanta
Infante e a sorrir!
A nação do lethargo se desperta,
E—livre—marcha pela estrada aberta
As glorias do porvir!

O paiz, n'alegria todo immerso,
Velava attento á roda só d'um berço...

Era o vosso, Senhor!

Vós do tronco feliz doce renovo,
Vêde agora, Senhor, na voz do povo
Quão grande é seu amor!

Rio—1858.

CANTICOS

POESIA E AMOR

A tarde que expira,
A flor que suspira,
O canto da lyra,
Da lua o clarão;
Dos mares na raia
A luz que desmaia,
E as ondas na praia
Lambendo-lhe o chão;

Da noite a harmonia
Melhor que a do dia,
E a viva ardentia
Das aguas do mar;
A virgem incauta,
As vozes da flauta,
E o canto do nauta
Chorando o seu lar;

Os trémulos lumes,
Da fonte os queixumes,
E os meigos perfumes
Que sóta o vergel;
As noites brilhantes,
E os doces instantes
Dos noivos amantes
Na lua de mel;

Do templo nas naves
As notas suaves,
E o trino das aves
Saudando o arrebol;
As tardes estivas,
E as rosas lascivas
Erguendo-se altivas
Aos raios do sol;

A gota de orvalho
Tremendo no galho
Do velho carvalho,
Nas folhas do ingá;
O bater do seio,
Dos bosques no meio
O doce gorgéio
D'algun sabiá;

A orphã que chora,
A flor que se cora
Aos raios da aurora,
No albor da manhã;
Os sonhos eternos,
Os gosos mais ternos,
Os beijos maternos,
E as vozes de irmã;

O sino da torre
Carpindo quem morre,
E o rio que corre
Banhando o chorão;
O triste que vela
Cantando á donzella
A trova singella
Do seu coração;

A luz da alvorada,
E a nuvem dourada
Qual berço de fada
N'um céu todo azul;
No lago e nos brejos
Os fervidos beijos
E os loucos bafejos
Das brisas do sul;

Toda essa ternura
Que a rica natura
Soletta e murmura
Nos halitos seus,
Da terra os encantos,
Das noites os prantos,
São hymnos, são cantos
Que sobem a Deus!

Os trêmulos lumes,
Da veiga os perfumes,
Da fonte os queixumes,
Dos prados a flor,
Do mar a ardentia,
Da noite a harmonia,
Tudo isso é—poesia!
Tudo isso é—amor!

Inday'assú—1857.

ORAÇÕES

A * * *

A alma, como o incenso, ao céu s'eleva
Da fêrvida oração nas asas puras,
E Deus recebe como um longo hosanna
O cantico de amor das creaturas.

Do throno d'ouro que circumdão anjos
Sorrindo ao mundo a Virgem-Mãe s'inclina
Ouvindo as vozes d'innocencia bella
Dos labios virginaes d'uma menina.

Da tarde morta o murmurar se cala
Ante a prece infantil, que sobe e vôa
Fresca e serena qual perfume doce
Das frescas rosas de gentil corôa.

As doces fallas de tua alma santa ;
Valem mais do que eu valho oh! cherubim!
Quando resares por teu mano, á noite,
Não t'esqueças—tambem resa per mim!

Rio—1858.

BALSAMO

Eu vi-a lacrimosa sobre as pedras,
Rojar-se essa mulher que a dôr ferira!
A morte lhe roubara d'uma só golpe
Marido e filho, encaneceu-lhe a fronte,
E deixou-a sósinha e desgrenhada
—Estatua da afflicção aos pés d'um tumulto!—
O esqualido coveiro p'ra dois corpos
Ergueu a mesma enxada, e n'essa noite
A mesma cova os teve!

E a mãe chorava,
E mais alto que o choro erguia as vozes!

No entanto o sacerdote—fronte branca
Pelo gêlo dos annos—a seu lado
Tentava consolal-a.

A mãe afflicta
Sublime d'esse bello despêro
As vozes não lhe ouvia; a dôr suprema
Toldava-lhe a rasão no duro trance.

«Oh! padre!—disse a pobre s'estorcendo
«Co'a voz cortada dos soluços d'alma—
«Onde o balsamo, as fallas d'esperança,
«O allivio á minha dôr?!

Grave e solemne,
O padre não fallou—mostrou-lhe o céu!

Rio—1858.

DEUS!

Eu me lembro! eu me lembro! — Era pequeno
E brincava na praia; o mar bramia
E erguendo o dorso altivo, sacudia
A branca espuma para o céu sereno.

E eu disse a minha mãe n'esse momento:
«Que dura orchestra! Que furor insano!
«Que pôde haver maior do que o oceano,
«Ou que seja mais forte do que o vento?!»

Minha mãe a sorrir olhou p'r'os céos
E respondeu: — «Um Ser que nós não vemos
«É maior do que o mar que nós tememos,
«Mais forte que o tufão! meu filho, é — Deus!»

Dezembro — 1858.

LIVRO SEGUNDO

La chanson la plus charmante
Est la chanson des amours!

V. HUGO.

CANTOS DE AMOR

PRIMAVERAS

Primavera! juventud del anno,
Mocidad! primavera della vita.

METASTASIO.

I

A primavera é a estação dos risos,
Deus fita o mundo com celeste afago,
Tremem as folhas e palpita o lago
Da brisa louca aos amorosos frisos.

Na primavera tudo é viço e gala,
Trinão as aves a canção de amores,
E doce e bella no tapiz das flôres
Melhor perfume a violeta exhala.

Na primavera tudo é riso e festa,
Brotão aromas do vergel florido,
E o ramo verde de manhã colhido
Enfeita a frente da aldeã modesta.

A natureza se desperta rindo,
Um hymno immenso a criação modula,
Canta a calhandra, a juryty arrulla,
O mar é calmo porque o céu é lindo.

Alegre e verde se balança o galho,
Suspira a fonte na linguagem meiga,
Murmura a brisa:—Como é linda a veigat
Responde a rosa:—Como é doce o orvalho!

II

Mas como ás vezes sobre o céu sereno
Corre uma nuvem que a tormenta guia,
Tambem a lyra alguma vez sombria
Sólta gemendo de amargura um threno.

São flôres murchas;—o jasmim fenece,
Mas bafejado s'erguerá de novo
Bem como o galho do gentil renovo
Durante a noite, quando o orvalho desce.

Se um canto amargo de ironia cheio
Treme nos labios do cantor mancebo,
Em breve a virgem do seu casto enlevo
Dá-lhe um sorriso e lhe entumece o seio.

Na primavera—na manhã da vida—
Deus ás tristezas ó sorriso enlaça,
E a tempestade se dissipa e passa
À voz mimosa da mulher querida.

Na mocidade, na estação fogosa,
Ama-se a vida—a mocidade é crença,
E a alma virgem n'esta festa immensa
Canta, palpita, s'extasia e goza.

1.º de Julho—1858.

SCENA INTIMA

Como estás hoje zangada
E como oltas despeitada
Só p'ra mim!
—Ora diz-me: esses queixumes,
Esses injustos ciúmes
Não tem fim?

Que pequei eu bem conheço,
Mas castigo não mereço.
Por pecar;

Pois tu queres chamar crime
Render-me á chamma sublime
D'um olhar !

Por ventura te esqueceste
Quando de amor me perdeste
N'um sorrir ?
Agora em colera immensa
Já queres dar a sentença
Sem me ouvir ?

E depois, se eu te repito
Que n'esse instante maldito
—Sem querer—
Arrastado por magia
Mil torrentes de poesia
Fui beber !

Erão uns olhos escuros
Muito bellos, muito puros,
Como os teus !
Uns olhos assim tão lindos
Mostrando gozos infínidos,
Só dos céos !

Quando os vi fulgindo tanto
Senti no peito um encanto
Que não sei !
Juro fallar-te a verdade...
Foi de certo—sem vontade—
Que eu pequei !

Mas hoje, minha querida,
Eu dera até esta vida
P'ra poupar
Essas lagrimas queixosas,
Que as tuas faees mimosas
Vem molhar !

Sabe ainda ser clemente,
Perdó a um erro innocente,
Minha flor !

Seja grande embora o crime
O perdão sempre é sublime,
Meu amor!

Mas se queres com maldade
Castigar quem — sem vontade —
Só peccou;
Olha, linda, eu não me queixo,
A teus pés cahir me deixo...
Aqui 'stou!

Mas se me deste, formosa,
De amor na taça mimosa
Doce mel;
Ai! deixa que peça agora
Esses extremos d'outr'ora
O infiel:

Prende-me... n'esses teus braços
Em doces, longos abraços
Com paixão;
Ordena com gesto altivo...
Que te beije este captivo
Essa mão!

Mata-me sim... de ventura,
Com mil beijos de ternura
Sem ter dó,
Que eu prometto, anjo querido,
Não desprender um gemido,
Nem um só!

JURAMENTO

Tu dizes, oh Mariquinhas,
Que não crês nas juras minhas,
Que nunca cumpridas são!
Mas se eu não te jurei nada,
Como hasde tu, estouvada,
Saber se eu as cumpro ou não?!

Tu dizes que eu sempre minto,
Que protesto o que não sinto,
Que todo o poeta é vário,
Que é borboleta inconstante;
Mas agora, n'este instante,
Eu vou provar-te o contrario.

Vem cá, sentada a meu lado
Com esse rosto adorado
Brilhante de sentimento,
Ao collo o braço cingido,
Olhar no meu embebido,
Escuta o meu juramento.

Espera:—inclina essa fronte...
Assim!...—Pareces no monte
Alvo lyrio debruçado!
—Agora, se em mim te fias,
Fica séria, não te rias,
O juramento é sagrado.

«—Eu juro sobre estas tranças,
«E pelas chammas que lanças
«D'esses teus olhos divinos;
«Eu juro, minha innocente,
«Embalar-te docemente
«Ao som dos mais ternos hymnos!

«Pelas ondas, pelas flôres,
«Que se estremecem de amores
«Da brisa ao sôpro lascivo;
«Eu juro, por minha vida,
«Deitar-me a teus pés, querida,
«Humilde como um captivo!

«Pelos lyrios, pelas rosas,
«Pelas estrellas formosas,
«Pelo sol que brilha agora
«—Eu juro dar-te, Maria,
«Quarenta beijos por dia,
«E dez abraços por hora!

O juramento está feito,
Foi dito co'a mão no peito.

Apontando ao coração;
E agora—por vida minha,
Tu verás, ó moreninha,
Tu verás se o cumpro ou não!...

Rio—1857.

PERFUMES E AMOR

NA PRIMEIRA FOLHA D'UM ALBUM

A flor mimosa que abrilhanta o prado
Ao sol nascente vai pedir fulgor;
E o sol, abrindo da açucena as folhas,
Dá-lhe perfumes—e não nega amor.

Eu que não tenho, como o sol, seus raios,
Embora sinta n'esta fronte ardor,
Sempre quizera ao encetar teu album
Dar-lhe perfumes—desejar-lhe amor.

Meu Deus! nas folhas d'este livro puro
Não manche o pranto da innocencia o alvor,
Mas cada canto que cahir dos labios
Traga perfumes—e murmure amor.

Aqui se junte, qual n'um ramo santo,
Do nardo o aroma e da camelia a côr,
E possa a virgem, percorrendo as folhas,
Sorver perfumes—respirar amor.

Encontre a bella, caprichosa sempre,
Nos ternos hymnos d'infantil frescor
Entrelaçados na grinalda amiga
Doces perfumes—e celeste amor.

Talvez que diga, recordando tarde
O doce anelo do feliz cantor,
—«Meu Deus! nas folhas do meu livro d'alma
Sobráo perfumes—e não falta amor!»

Junho—1858.

SEGREDOS

Eu tenbo uns amores—quem é que os não tinha
Nos tempos antigos?—Amar não faz mal;
As almas que sentem paixão como a minha
Que digão, que fallem em regra geral.

—A flôr dos meus sonhos é moça e bonita
Qual flôr entr'aberta do dia ao raiar,
Mas onde ella mora, que casa ella habita,
Não quero, não posso, não devo contar!

Seu rosto é formoso, seu talhe elegante,
Seus labios de rosa, a falla é de mel,
As tranças compridas, qual livre bacchante,
O pé de eriança, cintura de anel;

—Os olhos rasgados são côr das saphyras
Serenos e puros, azues como o mar;
Se fallão sinceros, se prégão mentiras,
Não quero, não posso, não devo contar!

Oh! hontem no baile com ella walsando
Senti as delicias dos anjos do céu!
Na dança ligeira qual sylpho vôando
Cahio-lhe do rosto seu candido véo!

—Que noite e que baile!—Seu halito virgem
Queimava-me as faces no louco walsar,
As fallas sentidas que os olhos fallavão
Não posso, não quero, não devo contar!

Depois indolente firmou-se em meu braço,
Fugimos das salas, do mundo talvez!
Inda era mais bello rendida ao cansaço
Morrendo de amores em tal languidez!

—Que noite e que festa! e que languido rosto
Banhado ao reflexo do branco luar!
A neve do collo e as ondas dos seios
Não quero, não posso, não devo contar!

A noite é sublime!—Tem longos queixumes,
Mysterios profundos que eu mesmo não sei:
Do mar os gemidos, do prado os perfumes,
De amor me matarão, de amor suspirei!

—Agora eu vos juro... Palavra!—não mintof
Ouvi-a formosa tambem suspirar;
Os doces suspiros que os echos ouvirão
Não quero, não posso, não devo contar!

Então n'esse instante nas aguas do rio
Passava uma barca, e o bom remador
Cantava na flauta:—«Nas noites d'estio
O céu tem estrellas, o mar tem amor!»
—E a voz maviosa do bom gondoleiro
Repete cantando:—«viver é amar!»—
Se os peitos respondem á voz do barqueiro...
Não quero, não posso, não devo contar!

Trememos de medo... a bocca emmudece
Mas sentem-se os pulos do meu coração!
Seu seio nevado de amor se entumece...
E os labios se toção no ardor da paixão!
—Depois... mas já vejo que vós, meus senhores,
Com fina malicia quereis-me enganar;
Aqui faço ponto;—segredos de amores
Não quero, não posso, não devo contar!

Rio—1857.

A WALSA

A. M. ***

Tu hontem,
Na dança
Que cança,
Voavas
Co'as faces
Em rosas
Formosas
De vivo,
Lascivo
Carmim:
Na walsa
Tão falsa,
Corrias,

Primaveras

8

Fugias,
Ardente,
Contente,
Tranquilla,
Serena,
Sem pena
De mim!
Quem dera
Que sintas
As dôres
De amorea
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi!...

Walsavas:
— Teus bellos
Cabellos,
Já soltos,
Revoltos,
Saltavão,
Voavão,
Brincavão,
No colo
Que é meu;
E os olhos
Escuros
Tão puros,
Os olhos
Perjuros
Volvias,
Tremias,
Sorrias
P'ra outro
Não eu!
Quem dera
Que sintas
As dôres
De amores

Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi!...

Meu Deus!
Eras bella
Donzella,
Walsando,
Sorrindo,
Fugindo,
Qual sypho
Risonho
Que em sonho
Nos vêm t
Mas esse
Sorriso
Tão liso
Que tinhas
Nos labios
De rosa,
Formosa,
Tu davas,
Mandavas
A quem?!
Quem dera
Que sintas
As dôres
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas!...
— Eu vi!...

Calado,
Sosinho,
Mesquinho,

Em zelos
Ardendo,
Eu vi-te
Correndo
Tão falsa
Na walsa
Veloz !
Eu triste
Vi tudo !
Mas mudo
Não tive
Nas galas
Das salas,
Nem fallas,
Nem cantos,
Nem prantos
Nem voz !
Quem dera
Que sintas
As dôres
De amores
Que louco
Senti !
Quem dera
Que sintas !...
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi !...

Na walsa
Cançaste ;
Ficaste
Prostrada,
Turbada !
Pensavas,
Scismavas,
E estavas
Tão pallida
Então ;
Qual pallida
Rosa,
Mimosa,
No valle

Do vento
Cruento
Batida,
Cahida
Sem vida
No chão !
Quem dera
Que sintas .
As dôres
De amores
Que lonco
Senti !
Quem dera
Que sintas !...
—Não negues,
Não mintas...
—Eu vi !...

Rio—1858.

BORBOLETA

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as flôres,
Porque és voluvel assim ?
Porque deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vais beijar o jasmim ?

Pois essa alma é tão sedenta
Que um só amor não contenta
É louca quer variar ?
Se já teus amores bellos,
P'ra que vais dar teus desvellos
Aos goivos da beira-mar ?

Não sabes que a flôr trabida
Na debil haste pendida
Em breve murcha será ?
Que de ciúmes fenece
E nunca mais estremece
Aos beijos que a brisa dá ?...

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as flôres,
Porque és volúvel assim?
Porque deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vais beijar o jasmim?

Tu vês a flôr da campina,
E bella e terna é divina,
Tu dás-lhe o que essa alma tem;
Depois, passado o delirio,
Esqueces o pobre lyrio
Em troca d'uma cecêm!

Mas tu não sabes, louquinha,
Que a flôr que pobre definha
Merece mais compaixão?
Que a desgraçada precisa,
Como do sópro da brisa.
Os ais do teu coração?

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as flôres,
Porque és volúvel assim?
Porque deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vais beijar o jasmim?

Se a borboleta dourada
Esquece a rosa encarnada
Em troca d'uma outra flôr;
Ella—a triste, mollemente
Pendida sobre a corrente,
Fallece á mingoa d'amor.

Tu também, minha inconstante,
Tens tido mais d'um amante
E nunca amastes a um só!
Elles morrem de saudade,
Mas tu na *variedade*
Vais vivendo e não tens dó!

Ai! és muito caprichosa!
Sem pena deixas a rosa
E vais beijar outras flôres;
Esqueces os que te amão...
Por isso todos te chamão:
—Borboleta dos amores!

Rio—1858.

QUANDO TU CHORAS

Quando tu choras, meu amor, teu rosto
Brilha formoso com mais doce encanto,
E as leves sombras de infantil desgosto
Tornão mais bello o crystalino pranto.

Oh! n'essa idade da paixão lasciva
Como o prazer, é o chorar preciso,
Mas breve passa—qual a chuva estiva—
E quasi ao pranto se mistura o riso.

É doce o pranto de gentil donzella,
É sempre bello quando a virgem chora;
—Semelha a rosa pudibunda e bella
Toda banhada do orvalhar da aurora.

Da noite o pranto, que tão pouco dura,
Brilha nas folhas como um rir celeste,
E a mesma gota transparente e pura
Treme na relva que a campina veste.

Depois o sol, como sultão brilhante,
De luz inunda o seu gentil serralho,
E ás flôres todas—tão feliz amante!—
Cioso sorve o matutino orvalho.

Assim, se choras, inda és mais formosa,
Brilha teu rosto com mais doce encanto:
—Serei o sol e tu serás a rosa...
Chora meu anjo,—beberei teu pranto!

Rio—1858.

CANTO DE AMOR

A M. . . .

I

Eu vi-a e minha alma antes de vê-la
Sonhára-a linda como agora a vi;
Nos puros olhos e na face bella,
Dos meus sonhos a virgem conheci.

Era a mesma expressão, o mesmo rosto,
Os mesmos olhos só nadando em luz,
E uns doces longes, como d'um desgosto,
Toldando a fronte que de amor seduz!

E seu talhe era o mesmo, esbelto, airoso
Como a palmeira que se ergue ao ar,
Como a tulipa ao pôr-do-sol saudoso,
Molle vergando á viração do mar.

Era a mesma visão que eu d'antes via,
Quando a minha alma transbordava em fé;
E n'esta eu creio como na outra eu cria,
Porque é a mesma visão, bem sei que é!

No silencio da noite a virgem vinha
Solta as tranças junto a mim dormir;
E era bella, meu Deus, assim sózinha
No seu somno d'infantê inda a sorrir!...

II

Vi-a e não vi-a! Foi n'um só segundo,
Tal como a brisa ao perpassar na flôr,
Mas n'esse instante resumi um mundo
De sonhos de ouro e de encantado amor.

O seu olhar não me cobriu d'affago,
E minha imagem nem sequer guardou,
Qual se reflecte sobre a flôr d'um lago
A branca nuvem que no céu passou.

A sua vista esparecendo vaga,
Quasi indolente, não me viu, ai, não!
Mas eu que sinto tão profunda a chaga
Ainda a vejo como a vi então.

Que rosto d'anjo, qual estatua antiga
No altar erguida, já cahido o véo!
Que olhar de fogo, que a paixão instiga!
Que niveo collo promettendo um céu.

Vi-a e amei-a, que a minha alma ardente
Em longos sonhos a sonhara assim;
O ideal sublime, que eu criei na mente,
Que em vão buscava e que encontrei por fim!

III

P'ra ti, formosa, o meu sonhar de louco
E o dom fatal, que desde o berço é meu:
Mas se os cantos da lyra achares pouco,
Pede-me a vida, porque tudo é teu.

Se queres culto — como um crente adoro,
Se preito queres — eu te caio aos pés,
Se rires — rio, se chorares — choro,
E bebo o pranto que banhar-te a tez.

Dá-me em teus labios um sorrir fagueiro.
E d'esses olhos um volver, um só;
E verás que meu estro, hoje rasteiro,
Cantando amores s'erguerá do pó!

Vem reclinar-te, como a flôr pendida,
Sobre este peito cuja voz calei:
Pede-me um beijo... e tu terás, querida,
Toda a paixão que para ti guardei.

Do morto peito vem turbar a calma,
Virgem, terás o que ninguem te dá;
Em delirios d'amor dou-te a minha alma,
Na terra, a vida, a eternidade — lá!

IV

Se tu, oh linda, em chistima igual te abrasas,
Oh! não me tardes, não me tardes,—vem!
Da fantasia nas douradas azas
—Nós viveremos n'outro mundo—além!

De bellos sonhos nosso amor povôo,
Vida bebendo nos olhares teus;
E como a garça que levanta o vôo,
Minha alma em hymnos fallará com Deus!

Juntas, unidas n'um estreito abraço,
As nossas almas uma só serão;
E a fronte enferma sobre o teu regaço
Criará poemas d'immortal paixão!

Oh! vêm, formosa, meu amor é santo,
É grande e bello como é grande o mar,
E doce e triste como d'harpa um canto
Na corda extrema que já vai quebrar!

Oh! vem depressa, minha vida foge...
Sou como o lyrio que já murcho cabe!
Ampara o lyrio que inda é tempo hoje!
Orvalha o lyrio que morrendo vae!...

Rio—1858.

VIOLETA

Sempre teu labio severo
Me chama de borboleta!
—Se eu deixo as rosas do prado
É só por ti—violeta!

Tu és formosa e modesta,
As outras são tão vaidosas!
Embora vivas na sombra
Amo-te mais do que ás rosas.

A borboleta travêssa
Vive do sol e de flôres...
—Eu quero o sol de teus olhos,
O nectar dos teus amores!

Captivo de teu perfume
Não mais serei borboleta;
—Deixa eu dormir no teu seio,
Dá-me o teu mel—violeta!—

4 de Abril.

O QUE?

Em que scismas, poeta? Que saudades
Te adormecem na magica fragrancia
Das rosas do passado já perdidas?
Nos sonhos d'alma que te lembra?
—A infancia!

Que sombra, que fantasma vem banhado
No doce effluvio d'essa quadra linda?
E a mente a folhear os dias idos
Que nome te recorda agora?
—Arinda!

Mas se passa essa quadra fugitiva,
Qual no horisonte solitaria vela,
Porque scismar na vida e no passado?
E de quem são essas saudades?
—D'ella!

E se a virgem viesse agora mesmo
Surgindo bella qual visão de amores,
Tu, p'ra saudal-a bem do imo d'alma
Diz-me, poeta—o que escolhias?
—Flores!

E se ella, farta dos aromas doces
Que tem achado nos jardins divinos,
Tão caprichosa machucasse as rosas...
Diz-me, meu louco, o que mais tinhas?
—Hymnos!

E se, teimosa, rejeitando a lyra,
A fronte virgem para ti pendida,
D'um beijo a paga te pedisse altiva...
O que lhe davas, meu poeta?

— A vida!

Rio—1858.

SONHOS DE VIRGEM

A M. . . .

I

Que sonhas, virgem, nos sonhos
Que á mente te vem risinhos
Na primavera inda em flôr?
No celeste devaneio,
No doce bater do seio,
Que sonhas, virgem?—amor?

Que céos, que jardins, que flôres.
Que longos cantos de amores
Nos lindos sonhos te vem?
E quando a mente delira,
E quando o peito suspira,
Suspira o peito — por quem?

Sonhando mesmo acordada,
Pendida a fronte adorada
N'um scismar vago e sem fim;
Do olhar o fogo tão vivo,
A voz, o riso lascivo,
O pensamento é — por mim?!

II

Quando tu dormes tranquilla,
Cerrada a negra pupilla
E o labio doce a sorrir;
Então o sonho dourado
Nas dobras do cortinado
Vem esmaltar teu dormir!

Oh! sonha! — Feliz a idade
Das rosas da virgindade,
Dos sonhos do coração!
— Puro vergel de açucenas
Ou lago d'agoas serenas
Que estremece á viração!

Feliz! Feliz quem pudera
Colher-te na primavera
De galas rica e louçã!
Feliz oh! flôr dos amores.
Quem te heber os odores
Nos orvalhos da manhã!

Rio—1858.

ASSIM!

A M. . . .

Viste o lyrio da campina?
Lá s'inclina
E murcho no hastil pendeu!
— Viste o lyrio da campina?
Pois, divina,
Como o lyrio assim sou eu!

Nunca ouviste a voz da flauta,
A dôr do nauta
Suspirando no alto mar?
— Nunca ouviste a voz da flauta?
Como o nauta
É tão triste o meu cantar!

Não viste a rola sem ninho
No caminho
Gemendo, se a noite vem?
— Não viste a rola sem ninho?
Pois, anjinho,
Assim eu gemo, também!

Não viste a barca perdida,
Sacudida
Nas azas d'algum tufão?
— Não viste a barca fendida?
Pois, querida,
Assim vae meu coração!

Rio—1858.

QUANDO?!...

Não era bello, Maria,
Aquelle tempo de amores,
Quando o mundo nos sorria,
Quando a terra era só flôres
Da vida na primavera?
— Era!

Não tinha o prado mais rosas,
O sabiá mais gorgeios,
O céu mais nuvens formosas,
E mais puros devaneios
A tua alma innocentinha?
— Tinha!

E como achavas, Maria,
Aquelles doces instantes
De poetica harmonia
Em que as brisas doudejantes
Folgavam nos teus cabellos?
— Bellos!

Como tremias oh! vida,
Se em mim os olhos stavas!
Como eras linda, querida,
Quando d'amor suspiravas
N'aquella encantada aurora!
— Ora!

E diz-me: não te recordas
— Debaixo do cajueiro,
Lá da lagoa nas bordas

Aquelle beijo primeiro?
Ia o dia já findando...

— Quando?!...

Rio — 1858.

SEMPRE SONHOS?!...

Se eu tivesse, meu Deus, santos amores,
Eu m'erguera cantando essa paixão,
E atirára p'ra longe — sem saudade —
Este véo que me cobre a mocidade
De tanta escuridão!

Eu que sou como o cardo do rochedo
Quasi morto dos ventos ao rigor,
Encontrára de novo a minha vida,
O sol da primavera e a luz perdida,
Nos braços d'esse amor!

Minha frente, que pende soffredora,
Acharia, meu Deus, inspirações,
E o fogo que queimou Gilbert e Dante,
Correria mais puro e mais constante
Na lyra das canções!

No mundo tão gentil dos devaneios
Minh'alma mais feliz saudára a luz,
E apagára, Senhor, n'um beijo puro
A dôr immensa da perda do futuro
Que a morte me conduz.

Por ella eu deixaria a voz das tarbas
E esta ancia infeliz da gloria vã;
Na vida que nos corre tão sombria
Eu seria, meu Deus, seu doce guia,
E ella — minha irmã!

Eu velára, Senhor, pelos seus dias,
Como a mãe vela o filho que dormia:
Se um dia ella soltasse um só gemido,
Eu iria saber porque ferido
Seu seio assim boliu!

Como á sombra das arvores da patria
S'embala a doce filha dos tupis,
A sombra da ventura e da esperança
Embalára, meu Deus, essa criança
Nos cantos juvenis!

Como o nauta olha o céu de primavera,
Eu, sentado a seus pés, ebrio de amor,
Espreitára tremendo no seu rosto
A sombra fugitiva d'um desgosto,
A nuvem d'uma dôr!

Eu lhe iria mostrar nos hymnos d'alma
Outro mundo, outro céu, outros vergeis;
Nossa vida seria um doce affago,
Nós — dois cysnes vogando em manso lago,
— Amor — nossos, bateis!

Se eu tivesse, meu Deus, santos amores,
Eu deixara este amor da gloria vã;
N'esse mundo de luz, de ceo e risonho,
A pudibunda virgem de meu sonho
Seria minha irmã!

... — 1858.

PALAVRAS NO MAR

Se eu fosse amado!...
Se uma resto virgem
Doce vertigem
Me desse n'alma
Turbando a calma
Que me enlanguece!...
Oh! se eu pedesse
Hoje — se-quer —
Fartar desejos
Nos longos beijos
D'uma mulher!...
Se o peitô morto
Doce conforto
Sentisse agora

Na sua dôr:
Talvez n'est'hora
Viver quizera,
Na primavera
De casto amor!
Então minh'alma,
Turbada a calma,
—Harpa vibrada
Por mão de fada—
Como a calhandra
Saúda o dia,
Em meigos cantos
Se exhalaria
Na melodia
Dos sonhos meus;
E lonca e terna
N'essa vertigem
Amara a virgem
Cantando a Deus!...

Avon—1857.

PEPITA

A toi! toujours a toi!
V. Hugo.

Minh'alma é mundo virge'— ilha perdida—
Em lagos de crystaes;
Vem, Pepita,— Colombo dos amores,—
Vem descobril-o, no paiz das flôres
Sultana reinarás!

Eu serei teu vassallo e teu captivo
Nas terras onde és rei;
Á sombra dos bambús vem tu ser minha;
Teu reinado de amor, doce rainha,
Na lyra cantarei.

Minh'alma é como o pombo inda sem pennas
Sósinho a pipilar;
—Vem tu, Pepita, visital-o ao ninho;
As azas a bater, o passarinho
Comtigo irá voar.

Minh'alma é como a rocha toda esteril
Nos plainos do Sarah;
Vem tu — fada de amor — dar-lhe co'a vara...
— Qual do penedo que Moisés tocara
O jorro saltará.

Minh'alma é um livro lindo, encadernado,
Co'as folhas de setim;
— Vem tu, Pepita, soletral-o um dia...
Tem poemas de amor, tem melodia
Em canticos sem fim!

Minh'alma é o batel prendido á margem
Sem leme, em ocio vil;
— Vem soltal-o, Pepita, e correremos
— Sôltas as velas — despresando remos,
Que o mar é todo anil.

Minh'alma é um jardim occulto em sombras
Co'as flôres em botão;
— Vem ser da primavera o sôpro louco,
Vem tu, Pepita, bafejar-me um pouco
Que as rosas abrirão.

O mundo em que eu habito tem mais sonhos,
A vida mais prazer;
— Vem, Pepita, das tardes no remanso,
Da rêde dos amores no balanço
Comigo adormecer.

Oh! vem! eu sou a flôr aberta á noite
Pendida no arrebol!
Dá-me um carinho d'essa voz lasciva,
E a flôr pendida s'erguerá mais viva
Aos raios d'esse sol!

Bem vês, sou como a planta que definha
Torrada do calor.
— Dá-me o riso feliz em vez da magoa...
O lyrio morto quer a gotta d'agoa,
— Eu quero o teu amor!

VISÃO

Uma noite, meu Deus, que noite aquella!
Por entre as galas, no fervor da dança,
Vi passar, qual n'um sonho vaporoso,
O rosto virginal d'uma criança.

Sorri-me;— era o sonho de minh'alma
Esse riso infantil que o labio tinha:
— Talvez que essa alma dos amores puros
Podesse um dia conversar co'a minha!

Eu olhei, ella olhou... doce mysterio!
Minh'alma despertou-se á luz da vida,
E as vozes d'uma lyra e d'um piano
Juntas se unirão na canção querida.

Depois eu, indolente, descuidei-me
Da planta nova dos gentis amores,
E a criança, correndo pela vida,
Foi colher nos jardins mais lindas flôres.

Não voltou;— talvez ella adormecesse
Junto á fonte, deitada na verdura,
E— sonhando — a criança se recorde
Do moço que ella viu e que a procura!

Corri pelas campinas noite e dia
Atraz do berço d'ouro d'essa fada;
Rasguei-me nos espinhos do caminho...
Cancei-me a procurar e não vi nada!

Agora como um louco eu fito as turbas
Sempre a ver se descubro a face linda...
— Os outros a sorrir paixão cantando,
Só eu a suspirar procuro ainda!...

Onde foste, visão dos meus amores!
Minh'alma sem te ver louca suspira!
— Nunca mais unirás, sombra encantada,
O som do teu piano á voz da lyra?!...

Setembro—1858.

QUEIXUMES

Olho e vejo... tudo é gala,
Tudo canta e tudo falla,
Só minh'alma
Não se acalma,
Muda e triste não se ri!
Minha mente já delira,
E meu peito só suspira
Por ti! Por ti!

Ai! quem me dera essa vida
Tão bella e doce vivida
Nos meus lares
Sem pezares
No socego só d'alli!
Não tinha-te visto as tranças,
Nem rasgado as esperanças
Por ti! Por ti!

Perdi as flôres da idade
E na flôr da mocidade
É meu canto
— Todo pranto —
Qual a voz do jurity!
No teu sorriso embebido
Deixei meu sonho querido
Por ti! Por ti!

Ai! se eu pudesse, formosa,
Roçar-te os labios de rosa
Como ás flôres
— Seus amores —
Faz o louco colibri;
Esta minh'alma nos hymnos
Erguera cantos divinos
Por ti! Por ti!

Ai! assim viver não posso!
Morrerei, meu Deus, bem moço,
— Qual n'aurora
Que descora,

Desfolhado bogari;
Mas lá da campã na beira
Será a voz derradeira
Por ti! Por ti!

Ai! não m'esqueças já morto!
À minh'alma dá conforto,
Diz na lousa;
— «Elle repousa,
«Coitado! descança aqui!»
Ai! não te esqueças, senhora,
Da flôr pendida n'aurora
Por ti! Por ti!

Junho—1858.

AMOR E MEDO

I

Quando eu to fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, oh! bella,
Contigo dizes, suspirando amores:
«—Meu Deus! que gélo, que frieza aquella!»

Como te enganas! meu amor é chamma
Que se alimenta no voraz segredo,
E se te fujo é que te adoro louco...
És bella — eu moço; tens amor — eu medo!...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silencio ou vozes,
Das folhas seccas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O véo da noite me atormenta em dôres
A luz da aurora me entumece os seios,
E ao vento fresco do cair das tardes
Eu me estremeço de crueis receios.

É que esse vento que na varzea — ao longe,
Do colmo o fumo caprichoso ondêa,
Soprando um dia tornaria incendio
A chamma viva que teu riso atéa!

Ai! se abrazado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia,
Diz: —que seria da plantinha humilde
Que á sombra d'elle tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco
Torrára a planta qual queimára o galho,
E a pobre nunca reviver podéra
Chovesse embora paternal orvalho!

II

Ai! se eu te visse no calor da sesta,
A mão tremente no calor das tuas,
Amarrotado o teu vestido branco.
Sóltos cabellos nas espaduas nuas!...

Ai! se eu te visse, Magdalena pura,
Sobre o velludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volupia doce,
Os braços frouxos — palpitante o seio!...

Ai! se eu te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginaes do pejo,
Trémula a falla a protestar baixinho...
Vermelha a bocca, soluçando um beijo!...

Diz: —que seria da pureza d'anjo,
Das vestes alvas, do candor das azas?
— Tu te queimáras, a pizar descalça,
— Criança louca, — sobre um chão de brasas!

No fogo vivo eu me abrasára inteiro!
Ebrio e sedento na fugaz vertigem
Vil, machucára com meu dedo impuro
As pobres flôres da grinalda virgem!

Vampiro infame, eu sorveria em beijos
Toda a innocencia que teu labio encerra,
E tu serias no lascivo abraço
Anjo enlodado nos paés da terra.

Depois... desperta no febril delirio,
— Olhos pisados — como um vão lamento,
Tu perguntáras: — qu'è da minha c'róa?...
Eu te diria: — Desfolhou-a o vento!...

Oh! não me chames coração de gêlo!
Bem vês: trahi-me no fatal segredo.
Se de ti fujo é que te adoro e muito,
Ès bella — eu moço; tens amor, eu — medo!...

Outubro—1858.

PERDÃO

I

Choraste?! — E a face mimosa
Perdeu as cores da rosa
E o seio todo tremeu?!
Choraste, pomba adorada?!
E a lagrima crystalina
Banhou-te a face divina
E a bella fronte inspirada
Pallida e triste pendeu?!
4

Choraste?! — E longe não pude
Sorver-te a lagrima pura
Que banhou-te a formosura!
Ouvir-te a voz de alaúde
A lamentar-se sentida!
Humilde cahir-te aos pés,
Offerecer-te esta vida
No sacrificio mais santo,
Para poupar esse pranto
Que te rolou sobre a tez!
Choraste?! — De envergonhada,
No teu pudor offendida,
Porque minh'alma atrevida
No seu palacio de fada,

No sonhar da fantasia —
Ardeu em loucos desejos,
Ousou cobrir-te de beijos
E quiz manchar-te na orgia!

.....

II

Perdão p'r'o pobre demente
Culpado, sim,— innocente —
Que se te amou, foi de mais!
Perdão p'ra mim que não pude
Calar a voz do alaúde,
Nem comprimir os meus ais!

Perdão oh! flor dor amores,
Se quiz manchar-te os verdores,
Se quiz tirar-te do hastil!
— Na voz que a paixão resume
Tentei sorver-te o perfume...
E fui covarde e fui vil!...

.....

III

Eu sei, devera sosinho
Soffrer comigo o tormento
E na dôr do pensamento
Devorar essa agonia!
— Devêra, sedento algoz,
Em vez de sonhos felizes,
Cortar no peito as raizes
D'esse amor, e tão descrido
Dos hymnos matar-lhe a voz!
— Devêra, pobre fingido,
Tendo n'alma atroz desgosto,
Mostrar sorrisos no rosto,
Em vez de magoas — prazer,
E mudo e triste e penando,
Como um perdido te amando,
Sentir, calar-me e — morrer!

.....

Não pude! — A mente fervia,
O coração trasbordava,
Interna voz me fallava,
E louco ouvindo a harmonia
Que a alma continha em si,
Soltei na febre o meu canto
E do delirio no pranto
Morri de amores — por ti!

.....

IV

Perdão! se fui desvairado
Manchar-te a flôr d'innocencia,
E do meu canto n'ardencia
Ferir-te no coração!
— Será enorme o peccado,
Mas tremenda a expiação
Se me deres por sentença
Da tua alma a indiferença,
Do teu labio a maldição!...

.....

Perdão, senhora!... Perdão!...

Junho—1858.

MOCIDADE

Ninon, Ninon, que fais-tu de la vie?
L'heure s'enfuit, le jour succède au jour.
Rose ce soir, demain flétrie,
Comment vis-tu, toi qui n'as pas d'amour?!...
MUSSET.

Doce filha da languida tristeza
Ergue a fronte pendida — o sol fulgura!
Quando a terra sorri-se e o mar suspira
Porque te banha o rosto essa amargura?!

Porque chorar quando a natura é risos,
Quando no prado a primavera é flôres?
— Não foge a rosa quando o sol a busca,
Antes se abrasa nos gentis fulgores.

Não!— Viver é amar, é ter um dia
Um amigo, uma mão que nos affague;
Uma voz que nos diga seus queixumes,
Que as nossas magoas com amor apague.

A vida é um deserto aborrecido
Sem sombra doce, ou viração calmante;
— Amor — é a fonte que nasceu nas pedras
E mata a sêde á caravana errante.

Amai-vos! — disse Deus creando o mundo,
Amemos! — disse Adão no paraiso,
Amor! — murmura o mar nos seus queixumes,
Amor! — repete a terra n'um sorriso!

Doce filha da languida tristeza
Tua alma a suspirar de amor definha...
— Abre os olhos gentis á luz da vida;
Vem ouvir no silencio a voz da minha!

Amemos! Este mundo é tão tristonho!
A vida, como um sonho — brilha e passa;
Porque não havemos p'ra acalmar as dôres
Chegar aos labios o licor da taça?

O mundo! o mundo!—E que te importa o mundo?
—Velho invejoso, a resmungar baixinho!
Nada perturba a paz serena e doce
Que as rolas gosão no seu casto ninho.

Amemos! — tudo vive e tudo canta...
Cantemos! seja a vida — hymnos e flôres;
De azul se veste o céu... vistamos ambos
O manto perfumado dos amores.

.....

Doce filha da languida tristeza
Ergue a fronte pendida—o sol fulgura!
—Como a flôr indolente da campina
Abre ao sol da paixão tua alma pura!

Setembro—1858.

NOIVADO

Filha do céu—oh flôr das esperanças,
Eu sinto um mundo no bater do peito!
Quando a lua brilhar n'um céu sem nuvens
Desfolha rosas no virgineo leito.

.....

Nas horas do silencio inda és mais bella!
Banhada do luar, n'um vago anseio,
Os negros olhos de volupia mortos
Por sob a gaze te estremece o seio!

Vem! a noite é linda, o mar é calmo,
Dorme a floresta—meu amor só, vela;
Suspira a fonte e minha voz sentida
É doce e triste como as vozes d'ella.

Qual echo fraco de amorosa queixa
Perpassa a brisa na magnolia verde,
E o som magoado do tremer das folhas
Longe—bem longe—devagar se perde.

Que céu tão puro! que silencio augusto!
Que aromas doces! que natura esta!
Cançada a terra adormecem sorrindo
Bem como a virgem no cahir da sesta!

Vem! tudo é tranquillo, a terra dorme,
Bebe o sereno o lyrio do vallado...
—Sosinhos, sobre a relva da campina,
Que bello que será nosso noivado!

Tu dormirás ao som dos meus cantares
Oh! filha do sertão! sobre o meu peito!
O moço triste, o sonhador mancebo
Desfolha rosas no teu casto leito.

.....
...—1858.

DE JOELHOS

Qual resa o irmão pelas irmãs queridas,
Ou a mãe que soffre pela filha bella,
Eu—de joelhos—com as mãos erguidas,
Supplico ao céu a felicidade *d'ella*.

—«Senhor meu Deus, que sois clemente e justo,
Que dais voz ás brisas e perfume á rosa,
Oh! protegei-a com o manto augusto
A doce virgem que sorri medrosa!

Lançai os olhos sobre a linda filha,
Dai-lhe o socego no seu casto ninho,
E da vereda que seu pé já trilha
Tirai a pedra e desviai o espinho!

Senhor! livrai-a da rajada dura
A flôr mimosa que desponta agora;
Deitai-lhe orvalho na corolla pura,
Dai-lhe bafejos, prolongai-lhe a aurora!

A doce virgem como a terna planta
Nunca floresce sobre terra ingrata;
—Bem como a rôla—qualquer folha a espanta,
—Bem como o lyrio—qualquer vento a mata.

Ella é a rôla que a floresta cria,
Ella é o lyrio que a manhã descerra...
Senhor, amai-a!—a sua voz macia
Como a das aves, a innocencia encerra!

Sua alma pura na novel vertigem
Pede ao amor o futuro inteiro...
— Sênhor! ouvi o suspirar da virgem,
Dourai-lhe os sonhos no sonhar primeiro!

A mocidade, como a deusa antiga,
Na fronte virgem lhe derrama flôres...
— Abri-lhe as rosas da grinalda amiga,
Na mocidade derramai-lhe amores!

Cercai-a sempre de bondade terna,
Lançai orvalho sobre a flôr querida;
Fazei-lhe oh Deus! a primavera eterna,
Dai-lhe bafejos — prolongai-lhe a vida!

Depois — de joelhos — eu direi sois justo,
Senhor! mil graças eu vos rendo agora!
Vós protegestes com o manto augusto
A doce virgem que a minha alma adora!

Dezembro—1858.

SONHANDO

Um dia, oh linda, embalada
Ao canto do gondoleiro,
Adormeceste innocente
No teu delirio primeiro,
— Por leito o berço das ondas,
Meu collo por travesseiro!

Eu, pensativo, scismava
N'algum remoto desgosto,
Avivado na tristeza
Que a tarde tem, ao sol-posto,
E ora mirava as nuvens,
Ora fitava teu rosto.

Sonhavas então, querida,
E prêsa de vago anceio

Debaixo das roupas brancas
Senti bater o teu seio,
E meu nome n'um soluço
À flôr dos labios te veio!

Tremeste com a tulipa
Batida do vento frio...
Suspirastes como a folha
Da brisa ao doce cicio...
E abriste os olhos sorrindo
Às agoas quietas do rio!

Depois — uma vez — sentados
Sob a copa do arvoredo,
Fallei-te d'esse soluço
Que os labios abriu-te a mêdo...
— Mas tu, fugindo, guardaste
D'aquelle sonho o segredo!...

Lisboa—1858.

LEMBRAS-TE

Diz-me Julia, não te lembras
Da nossa aurora de amor,
D'aquelle beijo primeiro
Dado com tanto temor,
Palavras apaixonadas
De beijos entrecortadas;
E tuas faces coradas
De virgindade e pudor?

Como era bello esse tempo
Em que tudo nos sorria!
Os campos tinham mais vida,
As tardes mais poesia,
As noites eram formosas,
As brisas voluptuosas,
O jardim tinha mais rosas,
O bosque mais harmonia!

Os dias eram mais curtos,
As horas... essas fugiam,
Os regatos murmuravam,
As fontes já não gemiam:
O porvir era brilhante,
De sonhos, embriagante,
E lá na praia distante
As mesmas ondas dormiam!

Era vida, mocidade,
Era amor, era ternura,
Em cada hora — uma esperança,
Cada dia — uma ventura,
Cada rosa — uma illusão;
Nos labios — uma canção,
Aqui no peito — um vulcão,
Em ti, Julia, — a formosura!

Mas diz-me: tu não te lembras
D'aquella tarde de Abril,
Em que eu mirava gostoso
Esse teu rosto gentil?
D'aquella tarde formosa
Em que a brisa era amorosa,
Em que a fonte era saudosa,
Em que o céu era d'anil?...

N'um jardim todo florido
No mesmo banco sentados,
Não te lembras dos olhares
Ardentes, apaixonados?
Como eu sorvia aubelante,
Quasi louco, delirante
O sorrir interessante
De teus labios tão corados?

Os teus olhos eram — chammas,
A tua bocca — um portento,
As tuas faces — mimosas,
Tua expressão — sentimento:
Eu olhava extasiado,
Eu soffria calado
Esse sentir abrazado,
Esse amor que era — tormento!

Os olhos então fallavam
Uma sublime linguagem,
Modulada pelas queixas
Que soltava a branda aragem,
Embalando docemente
Ora as agoas da corrente,
Ora uma rosa indolente,
Ora do choupo a folhagem.

Pouco a pouco embriagado
Dos teus olhos no fulgor,
Uni meus labios aos teus
Que abrasavam de calor.
Como coraste de pejo
Ao matar esse desejo...
Como foi longo esse beijo,
Primeiro beijo de amor!

Diz-me, Julia, não te lembras
D'aquella tarde de Abril
Em que eu mirava gostoso
Esse teu rosto gentil?...
D'aquella tarde formosa
Em que a brisa era amorosa,
Em que a fonte era saudosa,
Em que o céu era d'anil?...

Março—1856.

DESEJOS

Se eu soubesse que no mundo
Existia um coração,
Que só por mim palpitasse
De amor em terna expansão;
Do peito calara as magoas,
Bem feliz eu era então!

Se essa mulher fosse linda
Como os anjos lindos são,
Se tivesse quinze annos,
Se fosse rosa em botão,

Se inda brincasse innocente
Descuidosa no gazão ;

Se tivesse a tez morena,
Os olhos com expressão,
Negros, negros, que matassem,
Que morressem de paixão,
Impondo sempre tyrannos
Um jugo de seducção ;

Se as tranças fossem escuras,
Lá castanhas é que não,
E que caissem formosas
Ao sopro da viração,
Sobre uns hombros torneados,
Em amavel confusão ;

Se a frente pura e serena
Brilhasse d'inspiração,
Se o tronco fosse flexivel
Como a rama do chorão,
Se tivesse os labios rubros,
Pé pequeno e linda mão ;

Se a voz fosse harmoniosa
Como d'harpa a vibração,
Suave como a da rôla
Que geme na solidão,
Apaixonada e sentida
Como do bardo a canção ;

E se o peito lhe ondulasse
Em suave ondulação,
Occultando em brancas vestes
Na mais branda commoção,
Thesouros de seios virgens,
Dois pomos de tentação ;

E se essa mulher formosa
Que me apparece em visão,
Possuisse uma alma ardente,
Fosse de amor um vulcão :
Por ella tudo daria...

— A vida, o céu, a razão !

HONTEM Á NOITE

Hontem — sósinhos — eu e tu, sentados,
Nos contemplámos, quando a noite veio:
Queixosa e mansa a viração dos prados
Beijava o rosto e te affagava o seio,
Que palpitava como — ao longe — o mar,
E lá no céu esses rubins pregados
Brilhavam menos, que teu vivo olhar!

Co'a mão nas minhas, no silencio augusto,
Tu me fallavas sem mentido susto,
E nunca a virgem, que a paixão revela,
Passou-me em sonhos tão formosa assim!
Vendo a noite pura, e vendo a ti tão bella,
Eu disse aos astros: — dai o céu a ella!
Disse a teus olhos: — dai amor p'ra mim!

1859.

LIVRO TERCEIRO

Nascer, lutar, soffrer — eis toda a vida!
GONÇALVES DIAS.

POESIAS DIVERSAS

O BAILE!

Se junto de mim te vejo
Abre-te a bocca um bocejo,
Só pelo baile suspiras!
Deixas amor — pelas galas,
E vais ouvir pelas salas
Essas douradas mentiras!

Tens razão! Mais valem risos
Fingidos, d'esses Narcisos
— Bonecos que a moda enfeita —
Do que a voz sincera e rude
De quem, presando a virtude,
Os atavios rejeita.

Tens razão! — Walsa, donzella,
A mocidade é tão bella,
E a vida dura tão pouco!
No borborinho das salas,
Cercada de amor e galas,
Sê tu feliz — eu sou louco!

E quando eu seja dormido
Sem luz, sem voz, sem gemido,
No somno que a dôr conforta;
Ao concertar tuas tranças
No meio das contradanças
Diz tu sorrindo: — «Qu'importa?...»

«Era um louco, em noites bellas
«Vinha fitar as estrellas
«Nas praias, co'a fronte nua!
«Chorava canções sentidas
«E ficava horas perdidas
«Sosinho, mirando a lua!

«Tremia quando fallava
«E — pobre tonto — chamava
«O baile — alegrias falsas!
«— Eu gosto mais d'essas fallas
«Que me murmurão nas salas
«No ritornello das walsas.—»

Tens razão! — Walsa, donzella,
A mocidade é tão bella
E a vida dura tão pouco!
P'ra que fez Deus as mulheres,
P'ra que ha na vida prazeres?
Tu tens razão... eu sou louco!

Sim, walsa, é doce a alegria,
Mas ai! que eu não veja um dia
No meio de tantas galas,
Dos prazeres na vertigem,
A tua corôa de virgem
Rolando no pó das salas!...

Julho—1858.

PALAVRAS A ALGUEM

Tu folgas travêssa e louca
Sem ouvires meu lamento,
Sonhas jardins d'esmeralda
N'esse virgem pensamento,
Mas olha que essa grinalda
Bem pôde murchal-a o vento!

Ai que louca! abriste o livro
Da minh'alma, livro santo,

Escrepto em noites d'angustia,
Regado com muito pranto,
E... quasi rasgaste as folhas
Sem entenderes o canto!

Agora corres nos charcos
Em vez das alvas areias!...
Deleita-te a voz fingida
D'essas formosas sereias...
Mas eu te fallo e te aviso:
—«Olha que tu te enlamêas!»—

Tu és a pomba innocente,
Eu sou teu anjo-da-guarda,
Devo dizer-te baixinho:
—«Olha que a morte não tarda!
«Mariposa dos amores
«Deixa a luz, embora arda.

«A chamma seduz e brilha
—«Qual diamante entre as gazas—
«E tu no fogo maldito
«Tão descuidosa te abrasas!
«Mariposa, mariposa,
«Tu vais queimar tuas azas!»

Conchinha das lisas praias
Nascestes em alvas areias,
Não corras tu para os charcos
Arrebatada nas cheias!...
— Os teus vestidos são brancos...
Olha que tu te enlamêas!...

... — 1858.

FOLHA NEGRA

Sinhá, um outro mancebo
Alegre, poeta, e crente,
Soltára um canto fervente
De amor talvez! — de alegria,
E aqui nas folhas do livro
Deixára — amor e poesia.

Mas eu que não tenho risos
Nem alegrias tão pouco,
Nem sinto esse fogo louco
Que a mocidade consome,
Nas brancas folhas do livro
Só posso deixar meu nome!

É triste como um gemido.
É vago como um lamento;
— Queixume que solta o vento
Nas pedras d'uma ruina
Na hora em que o sol se apaga
E quando o lyrio s'inclina!...

Grito de angustia do pobre
Que sobre as agoas se afoga,
Cadaver que boia e voga
Longe da praia querida,
Grito de quem n'agonia
— Já morto — se apega á vida!

Vozes de flauta longiqua
Que as nossas magoas aviva,
Soluço da patativa,
Queixume do mar que rôla,
Cantiga em noite de lua
Cantada ao som da viola!...

Saudades do pegureiro
Que chora o seu lar amado,
— Calado e só — recostado
Na pedra d'algun caminho...
Canção de santa doçura
Da mãe que embala o filhinho!...

Meu nome!... É simples e pobre
Mas é sombrio e traz dôres,
— Grinalda de murchas flôres
Que o sol queima e não consome...
— Sinhá!... das folhas do livro
É bom tirar o meu nome!...

BERÇO E TUMULO

NO ALBUM D'UMA MENINA

Trago-te flôres no meu canto amigo
— Pobre grinalda com prazer tecida —
E — todo amores — deposito um beijo
Na frente pura em que desponta a vida.

É cedo ainda! — quando moça fôres
E percorreres d'este livro os cantos,
Talvez que eu durma solitario e mudo
— Lyrio pendido a que ninguem deu prantos! —

Então, meu anjo, compassiva e meiga
Depõe-me um goivo sobre a cruz singella,
E n'esse ramo que o sepulchro implora
Paga-me as rosas d'esta infancia bella!

Junho—1858.

INFANCIA

Ó anjo da loura trança,
Que esperança
Nos traz a brisa do sul!
— Correm brisas das montanhas...
Vê se apanhas
A borboleta de azul!...

Ó anjo da loura trança,
És criança,
A vida começa a rir.
— Vive e folga descansada,
Descuidada
Das tristezas do porvir.

Ó anjo da loura trança,
Não descança

A primavera inda em flôr;
Por isso aproveita a aurora
 Pois agora
Tudo é riso e tudo amor.

Ó anjo da loura trança,
 A dôr lança
Em nossa alma agro descrer,
—Que não encontres na vida,
 Flôr querida,
Senão continuo prazer.

Ó anjo da loura trança,
 A onda é mansa,
O céu é lindo docel;
E sobre o mar tão dormente,
 Docemente
Deixa correr teu batel.

Ó anjo da loura trança,
 Que esperança
Nos traz a brisa do sul!...
—Correm brisas das montanhas...
 Vê se apanhas
A borboleta de azul!...

Rio—1858.

A UMA PLATEIA

O cedro foi planta um dia,
Viço e força o arbusto cria,
Da vergonhea nasce o galhò;
E a flôr p'ra ter mais vida,
Para ser—rosa querida—
Carece as gottas de orvalho.

Com o talento é o mesmo:
Quando tímido elle adeja
—Qual ave que se espanja—
Como a flôr, também precisa
Em vez do sôpro da brisa

O sôpro da sympathia
Que lhe adoce os amargores,
Para em horas de cansaço
Na estrada que vai trilhando
Encontrar de quando em quando
Por entre os espinhos — flôres.

E vós que acabaes de ouvil-o
A suspirar n'esse trillo
No seu gorgeio primeiro;
Vós, que viste o seu comêço,
Dai-lhe essas palmas de apreço
Que é artista e... brasileiro!

Setembro — 1858.

NO TUMULO DE UM MENINO

Um anjo dorme aqui; na aurora apenas,
Disse adeus ao brilhar das açucenas
Sem ter da vida alevantado o véo.
— Rosa tocada de cruel graniso —
Cedo finou-se e no infantil sorriso
Passou do berço p'ra brincar no céu!

Maior — 1858.

A J. J. C. MACEDO JUNIOR

Poète, prends ta lyre; aigle, ouvre ta jeune aîle
Étoile, étoile, lève-toi!
V. Hugo.

Como o indio a saudar o sol nascente,
Co'o sorriso nos labios, franco e ledô
Aperto a tua mão:
Cantor das açucenas, crê-me agora,
Esse canto que a lyra balbucia
É pobre, mas de irmão!

Quando se sente como eu sinto e soffro,
A mente ferve e o coração palpita
De glorias e de amor:
Se ouço Arthur ao piano eu me extasio,
Mas ouvindo teus hymnos me arretrato
E pasmo ante o cantor!

Na juventude, no florir dos annos,
Não sei que vozes nos entornão n'alma
Canções de cherubim!
Uns perdem, como eu, cedo os verdores,
Mas outros crescem no primor das graças
E tu serás assim!

Oh! mocidade! como és bella e rica!
Hymnos, de amores n'este sec'lo bruto!
Louvor ao menestrel!
Palmas a ti, cantor das acuçenas!
Quatorze primaveras n'essa frente
Semelhão-te um laurel!

Quando tão moço, no raiar da vida,
Já doce cantas como o doce aroma
Das languidas cecens,
Podes, criança, erguer a frente altiva!
Como André-Chénier, no craneo augusto
Alguma cousa tens!

Não desmintas, irmão, este propheta,
Sybarita indolente, sobre rosas
Não queiras tu dormir,
Se ao longe já te brilha amiga estrella
Aproveita o talento—estuda e pensa—
É bello o teu porvir!

Não faças como nós; na infancia apenas
Solta poeta o gorgear de amores
Que é doce o teu cantar.
Seja a vida p'ra ti só riso e galas
E adormeças a scismar quimeras
Da noite no luar.

Não faças como nós; não desças louco
A buscar sensações na bruta orgia
Das longas saturnaes;

Se a lama impura salpicar-te as pennas,
Sacode as azas, minha pomba casta
E foge dos pardaes.

Não manches meu poeta, as vestes brancas
No mundo infame; mirra-se a grinalda
E vão-se as illusões!
A crença se desbota e o nauta chora
Desanimado no vai-vem teimoso
Dos grossos vagalhões!

Foge do canto da gentil sereia,
Que engana com sorriso de feitiços
— Tão pallida Rachel!
Não encostes na taça os labios soffregos...
O vaso queima e beberás nos risos
Da amargura o fel!

Conserva na tua alma a virgindade,
E tenha o coração na rica aurora
Das rosas o matiz;
Se a donzella cuspir nos teus amores
Chora perdida essa illusão primeira...
Mas vive e sê feliz!

Se a dôr fôr grande não te vergues fraco,
Oh! não escondas no sepulchro a fronte
Aos raios d'este sol;
Não vás como Azevedo — o pobre genio —
Embrulhar-te sem dó na flôr dos annos
Da morte no lençol!

Vive e canta e ama esta natura;
A patria, o céu azul, o mar sereno,
A veiga que seduz;
E possa, meu poeta, essa existencia
Ser um lindo vergel todo banhado
De aromas e de luz!

Oh! canta e canta sempre! esses teus hymnos
Eu sei, terão no céu echos mais santos
Que a terra não dará;
Oh! canta! é doce ao triste que soluça
Ouvir saudoso no cahir da tarde
A voz do sabiá!

Canta! e que teus hymnos d'esperança
Despertem d'este mundo de miserias
A estúpida mudez;
E dos preludios d'essa lyra ingenua
Em poucos annos surgirá brilhante
Millevoye — talvez!

Maio—1858.

UMA HISTORIA

A brisa dizia á rosa:
— «Dá, formosa,
Dá-me, linda, o teu amor;
Deixa eu dormir no teu seio
Sem receio,
Sem receio minha flôr!

De tarde virei da selva
Sobre a relva
Os meus suspiros te dar;
E de noite na corrente
Mansamente,
Mansamente te embalar!»—

E a rosa dizia á brisa:
— «Não precisa
Meu seio dos beijos teus;
Não te adoro... és inconstante...
Outro amante,
Outro amante aos sonhos meus!

Tu passas de noite e dia
Sem poesia
A repetir-me os teus ais;
Não te adoro... quero o Norte
Que é mais forte,
Que é mais forte e eu amo mais!»—

No outro dia a pobre rosa
Tão vaidosa

No hastil se debruçou ;
Pobre d'ella ! — Teve a morte
Porque o Norte,
Porque o Norte a desfolhou !...

Novembro — 1858.

POIS NÃO É ?!

Ver cahir o cedro annoso
Que campeava na serra,
Ver frio baixar á terra
O pobre velho bondoso
Que procurando repouso
Tropeçou na sepultura ;
É triste, sim, é verdade,
Mas não tão grande a saudade
Nem a dôr tão funda e dura,
Pois que ao velho e ao cedro altivo
Partido á voz da procella,
No mundo — jardim lascivo —
A vida foi longa e bella.

Mas ver a rosa do prado
Que a aurora deu côr e vida,
De manhã — flôr do valado,
De tarde — rosa pendida !...
Mas ver a pobre mangueira
Na primavera primeira
Crescendo toda enfeitada
De folhas, perfume e flôr,
Ouvindo o canto de amor
No sôpro da viração ;
Mas vel-a depois lascada
Em duas cahir no chão !...
Mas ver o pobre mancebo
Em quem a seiva reluz,
No sonho candido e puro
Nas glorias do seu futuro
Dourando a vida de luz ;
Mas vel-o quando a sua alma
Ao som d'ignota harmonia

Se derramava em poesia;
Quando junto da donzella
— Captivo dos olhos d'ella —
Na voz que balbuciava
De amores fallava a medo;
Quando o peito trasbordava
De crenças, de amor, de fé,
Vê-o finar-se tão cêdo,
Como as vozes d'um segredo...
É dôr de mais — pois não é?!...

nday'assú — 1857.

NA ESTRADA

SCENA CONTEMPORANEA

Eu vi o pobre velho esfarrapado
— Cabeça branca — sentado pensativo
D'um carvalho ao pé!
Esmolava na pedra d'um caminho,
Sem familia, sem pão, sem lar, sem ninho,
E rico só de fé!

Era de tarde; ao toque do mosteiro
Seu labio a murmurar resava baixo,
— Ao lado o seu bordão;
E o sol, no raio extremo, lhe dourava
Sobre a fronte senil a dupla c'rôa
De pobre e de ancião!

E o *homem de metal* vinha sorrindo
Contando ao companheiro os gordos lucros
Na usura de judeus;
O mendigo estendeu a mão mirrada,
E pediu-lhe na voz entrecortada:
— Uma esmolla, por Deus!

O *homem de metal* embevecido
Em sonhos de milhões, por junto á pedra
Sem responder, passou!

O pobre recolheu a mão vasia...
O anjo tutelar velou seu rosto,
Mas — Satanaz folgou!

Rio—1858.

NO JARDIM

SCENA DOMESTICA

Tête sacrée! enfant aux cheveux blonds!
V. Hugo.

Ella estava sentada em meus joelhos
E brincava comigo — o anjo louro,
E passando as mãosinhas no meu rosto
Sacudia rindo os seus cabellos d'ouro.

E eu, fitando-a, abençoava a vida!
Feliz sorvia n'esse olhar suave
Todo o perfume d'essa flôr da infancia,
Ouvia alegre o gazear d'essa ave!

Depois, a borboleta da campina
Toda azul — como os olhos grandes d'ella —
A doudejar gentil passou bem junto
E beijou-lhe da face a rosa bella.

— Oh! como é linda! disse o louro anjinho
No doce accento da virginea falla —
Mamãe me ralha se eu ficar cansada
Mas — dizia a correr — heide apanhal-a! —

Eu segui-a chamando-a, e ella rindo
Mais corria gentil por entre as flôres,
E a — flôr dos ares — abaixando o vôo
Mostrava as azas de brilhantes côres.

Ião, vinhão, á roda das acacias,
Brincavão no rosal, nas violetas,
E eu de longe dizia: — Que doidinhas!
Meu Deus! meu Deus! são duas borboletas!...

Dezembro—1858.

CLARA

Não sabes, Clara, que pena
Eu teria se — morena
Tu fosses em vez de *clara!*
Talvez... Quem sabe?... não digo...
Mas reflectindo comigo
Talvez nem tanto te amára!

A tua côr é mimosa,
Brilha mais da face a rosa,
Tem mais graça a bocca breve,
O teu sorriso é delirio...
És alva da côr do lyrio,
És *clara* da côr da neve!

A morena é predilecta,
Mas a *clara* é do poeta:
Assim se pintão archanjos.
Qualquer, encantos encerra,
Mas a morena é da terra
Em quanto a *clara* é dos anjos!

Mulher morena é ardente:
Prende o amante demente
Nos fios do seu cabello;
— A *clara* é sempre mais fria,
Mas dá-me licença um dia
Que eu vou arder no teu gelo!

A côr morena é bonita,
Mas nada, nada te imita
Nem mesmo sequer de leve.
— O teu sorriso é delirio...
És alva da côr do lyrio,
És *clara* da côr da neve!

Rio—1858.

O QUE É SYMPATHIA

A UMA MENINA

Sympathia — é o sentimento
Que nasce n'um só momento,
Sincero, no coração;
São dois olhares accesos
Bem juntos, unidos, presos
N'uma magica atração.

Sympathia — são dois galhos
Banhados de bons orvalhos
Nas mangueiras do jardim;
Bem longe ás vezes nascidos,
Mas que se juntão crescidos
E que se abração por fim.

São duas almas bem gêmeas
Que riem no mesmo riso,
Que chorão nos mesmos ais;
São vozes de dois amantes,
Duas lyras semelhantes,
Ou dois poemas iguaes.

Sympathia — meu anjinho,
É o canto do passarinho,
É o doce aroma da flôr;
São nuvens d'um céu d'Agosto,
É o que m'inspira teu rosto...
Sympathia — é — quasi amor!

Inday'assú — 1857.

A ROSA

Como ostentas seducção!
Oh! como és linda e formosa,
Como és bella e caprichosa
Minha florinha mimosa
Em tão virginal botão!

Primaveras

11

Sobre as agoas da corrente
Que murmura mansamente,
Como te inclinas contente
Ao sopro da viração!
O teu perfume tão brando
Os ares embalsamando,
De gosos me embriagando
Como falla ao coração!
Oh! como fallas de amor
Mimosa, purpurea flôr!
Mas eu não te colho não!...
Quando te vir outra vez,
Amanhã mesmo talvez,
Já não inspiras paixão,
Já estarás desbotada,
Pallida, murcha, coitada,
Com tua fronte inclinada,
Com tuas folhas no chão!...
E eu direi: ella vivia...
Longa vida promettia
Essa rainha d'um dia
Depois veiu o furacão
E ai! deixou-a cahida,
De suas galas despida,
Sem brilho, sem côr, sem vida!...
Uma rosa, uma illusão!

Abril 2, 1856.

A FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

Bem vindo sejas, poeta,
A estas praias brasileiras!
Na patria das bananeiras
As glorias não são demais:
Bem vindo o filho do Douro!
A terra das harmonias,
Que tem Magalhães e Dias,
Bem póde saudar Novaes.

Vieste a tempo, poeta,
Trazer-nos o sal da graça,
Pois c'os terrores da praça,
Andava a gente a fugir:
Agora calmando o medo,
E ao bom humor dando largas,
A comprimir as ilhargas
Agora vão todos rir.

Entre todos os paquetes
Que o velho mundo nos manda,
Eu sustento sem demanda
Tamar foi o mais feliz:
Os outros trazem cebollas,
Vinho em pipas, trapalhadas,
Este trouxe *gargalhadas*,
Sem ser fazenda em barris.

Venha a satyra mordente,
Brilhe viva a tua veia,
Já que a cidade está cheia
D'esses eternos *Maneis*;
Os barões andão ás duzias,
Como os frades nos conventos,
Commendadores aos centos,
Viscondes a pontapés.

Aproveita estes bons typos,
Ha-os aqui com fartura,
E salte a caricatura
Nos traços do teu pincel:
Ou quer na prosa ou no verso,
Dá-lhes bem severo ensino,
Resuscita o Tolentino,
Embelleza o teu laurel.

Pinta este Rio n'um quadro,
As letras falsas d'um lado,
As discussões do senado,
As quebras, os trambalhões;
Mascates roubando moças,
E lá no fundo da tēla
Desenha a febre amarella,
Vida e morte aos cachações.

Oh! canta! o povo te applaude,
E os louros p'ra ti são certos!
Acharás braços abertos
No meu paterno torrão:
Se és portuguez lá na Europa
Aqui, vivendo connosco
Debaixo do colmo tosco
Aqui serás nosso irmão!

Bem vindo, bem vindo sejam
A estas praias brasileiras!
Na patria das bananeiras
As glorias não são demais.
Bem vindo o filho do Douro!
A terra das harmonias,
Que tem Magalhães e Dias,
Bem póde saudar Novaes.

Rio de Janeiro.

A AMIZADE

A * * *

Já farto da vida dos annos na flôr,
O peito me ralla pungente saudade;
Trahido nas crenças, trahido no amor,
Meu canto recebe celeste amizade.

Poeta e amante, eu um mundo sonhei
Repleto de gosos, um mundo ideal,
Quando terna outr'ora a mulher que eu amei
A mim me jurára ser sempre leal.

Ó tu meu amigo, permite que um pouco
A fronte recline n'um peito d'irmão;
Enxuga, se podes, o pranto do louco
Que em paga de affectos só teve a traição!

Em tempos felizes, n'um dia formoso,
Na relva sentados, bem juntos, unidos,
No peito encostado seu rosto mimoso
A ingrata me dava sorrisos... fingidos!

Ai! crente eu beijava seus labios corados
Com beijos ardentes, com beijos de amor,
E Laura jurava que quando apartados
Viver não queria, morreria de dôr!

Partir foi preciso...abracei-a chorando...
E Laura chorou!... eu de dôr soluzei...
Mas tempos depois que contente voltando
Julgava beijal-a, já não a encontrei!

Mulher enganosa, quebraste essas juras
Que em prantos me dêste diante de Deus!
Mas tu não te lembras que as faces impuras,
Que os labios corados roçaram os meus?!...

Poeta e amante eu um mundo sonhei
Repleto de gozos, um mundo ideal...
Fugiram os sonhos que eu tanto afaguei,
Como flôr tombada por um vendaval.

Errante vagando por vales sombrios
Co'a mente em delirio, em cruel anciedade;
A morte buscando nas aguas dos rios,
Me disse uma voz: inda resta a amizade!

«Esquece esse fogo, esse amor, um delirio
«Que aqui te cavava profundo jazigo;
«Ao mundo de novo, termina o martyrio,
«A fronte reclina n'um peito de amigo.»

—Ao mundo voltei, esqueci os amores
No peito apagando uma forte paixão;
Agora a amizade mitiga-me as dôres,
Sê tu meu amigo, serei teu irmão!

Agosto — 1855.

NO ALBUM DE NICOLAU VICENTE PEREIRA

(INEDITA)

Tudo muda com os annos :
A dôr — em doce saudade,
Na velhice — a mocidade,
A crença — nos desenganos !
Tudo se gasta e se afeia.
— Tudo desmaia e se apaga
Como um nome sobre a areia
Quando cresce e corre a vaga.

Feliz quem guarda as memorias,
As lembranças mais queridas,
No livro d'alma esculpidas,
Gravadas fundas em si !
Essas duram ; mas que vale
Um nome desconhecido,
Se ha de ser logo esquecido
O nome que eu deixo aqui.

1860.

PRANTO DE VIRGEM

Quando tu choras, meu amor, teu rosto
Brilha formoso com mais doce encanto,
E as leves sombras d'infantil desgosto
Tornão mais bello o cristalino pranto.

Oh! n'essa idade de paixão lasciva,
Como o prazer é o chorar preciso,
Mas breve passa, qual a chuva estiva,
E quasi ao pranto se mistura o riso.

É doce o pranto de gentil donzella,
É sempre bello quando a virgem chora ;
Semilha a rosa pudibunda e bella,
Toda banhada do orvalhar da aurora.

Da noute o pranto, que tão pouco dura,
Brilha nas folhas como um rir celeste,
E a mesma gotta, transparente e pura,
Treme na relva que a campina veste.

Depois o sol, como sultão brilhante,
De luz inunda o seu gentil serralho,
E ás flôres todas — venturoso amante!
Cioso aspira o matutino orvalho.

Assim, se choras, inda és mais formosa,
Brilha teu rosto com mais doce encanto:
Serei o sol e tu serás a rosa...
Chora, meu anjo, beberei teu pranto!

Rio de Janeiro.

O CASTIGO

(A JULIA)

Como estás hoje zangada
E como olhas despeitada
Só p'ra mim!
Ora diz-me: esses queixumes,
Esses injustos ciumes
Não tem fim?

Que pequei eu bem conheço,
Mas castigo não mereço
Por peccar;
Pois tu queres chamar crime
Render-me á chamma sublime
D'um olhar?!

Por ventura te esqueceste
Quando d'amor me perdeste
N'um sorrir?...
Agora em colera immensa
Já queres dar a sentença
Sem me ouvir!...

E depois se eu te repito
Que n'esse instante maldito,

— Sem querer —

Arrastado por magia
Mil torrentes de harmonia
Fui beber !

Eram uns olhos escuros
Muito bellos, mui puros,
Como os teus ;
Uns olhos assim tão lindos
Mostrando gozos infindos,
Só dos céus !

Quando os vi fulgindo tanto,
Senti no peito um encanto
Que não sei ;
Juro fallar-te a verdade...
Foi de certo — sem vontade —
Que eu pequei.

D'aquelle olhar namorado
Um momento embriagado
No fulgor,
Esqueci tua belleza,
Eu confesso : foi fraqueza,
Não — amor.

Mas hoje minha querida,
Eu dera até esta vida
P'ra poupar
Essas lagrimas queixosas.
Que as tuas faces mimosas
Vem molhar.

Sabe ainda ser clemente,
Perdôa um erro innocente
Minha flôr ;
Por menor que seja o crime.
O — perdão — sempre é sublime
Meu amor.

Mas se queres com maldade
Castigar quem — sem vontade —
Só peccou ;
Olha linda, eu não me queixo,
A teus pés cahir me deixo...
Aqui'stou.

Mas se me dêste formosa,
De amor na taça mimosa
Doce mel,
Ai deixa que peça agora
Esse castigo d'outr'ora
O infiel!

Prende-me... n'esses tens braços
Em meigos, ternos abraços
Com paixão ;
Ordena com gesto altivo...
Que te beije esse captivo
Essa mão.

Mata-me, sim... de ventura,
Com mil beijos de ternura
Sem ter dó ;
Que eu prometto anjo querido,
Não desprender um gemido...
Nem um só!...

LIVRO NEGRO

POESIAS ELEGIACAS

HORAS TRISTES

Eu sinto que esta vida já me foge
Qual d'harpa o som final,
E não tenho, como o naufrago nas ondas
Nas trevas um fanal!

Eu soffro e esta dôr que me atormenta
É um supplicio atroz!
E p'ra contal-a falta á lyra cordas
E aos labios meus a voz!

Às vezes, no silencio da minh'alma,
Da noite na mudez,
Eu crio na cabeça mil fantasmas
Que aniquillo outra vez!

Doe-me inda a bocca que queimei sedento
Nas esponjas de fel,
E agora sinto no bulhar da mente
A torre de Babel!

Sou triste como o pai que as bellas filhas
Vio languidas morrer,
E já não pousão no meu rosto pallido
Os risos do prazer!

E comtudo, meu Deus! eu sou bem moço,
Devêra só me rir,
E ter fê e ter crença nos amores,
Na gloria e no porvir!

Eu devêra folgar n'esta natura
De flôres e de luz.

E, mancebo, voltar-me p'r'o futuro
Estrella que seduz!

Agora em vez dos hymnos d'esperança,
Dos cantos juvenis,
Tenho a satyra pungente, o riso amargo,
O canto que maldiz!

Os outros, — os felizes d'este mundo,
Deleitão-se em sarãos;
Eu solitario soffro e odeio dos homens,
P'ra mim são todos máos!

Eu olho e vejo... — a veiga é de esmeralda,
O céu é todo azul.
Tudo canta e sorri... só na minh'alma
O lodo d'um paul!

Mas se ella — a linda filha do meu sonho,
A pallida mulher
Das minhas fantasias, dos seus labios
Um riso, um só me der;

Se a doce virgem pensativa e bella,
— A pudica vestal
Que eu criei n'uma noite de delirio
Ao som da saturnal;

Se ella vier enternecida e meiga
Sentar-se junto a mim.
Se eu ouvir sua voz mais doce e terna
Que um doce bandolim;

Se o seu labio afagar a minha fronte
— Tão fervido vulcão!
E murmurar baixinho ao meu ouvido
As fallas da paixão;

Se cabir desmaiada nos meus braços
Morrendo em languidez,
De certo remoçado, alegre e louco
Sentira-me talvez!...

Talvez que eu encontrasse as alegrias
Dos tempos que lá vão,
E afogasse na luz da nova aurora
A dôr do coração!

Talvez que nos meus labios desmaiados
Brilhasse o seu sorrir,
E de novo, meu Deus, tivesse crença
Na gloria e no porvir!

Talvez minh'alma resurgisse bella
Aos raios d'esse sol,
E nas cordas da lyra seus gorgeios
Trinasse um rouxinol!

Talvez então que eu me pegasse á vida
Com ancia e com ardor,
E podesse aspirando os seus perfumes
Viver do seu amor!

P'ra ella então seria a minha vida,
A gloria, os sonhos meus;
E dissera chorando arrependido:
— Bemdito seja Deus! —

Abril—1858.

DORES

Ha dôres fundas, agonias lentas,
Dramas pungentes que ninguem consola,
Ou suspeita sequer!
Magoas maiores do que a dôr d'um dia,
Do que a morte bebida em taça morna
De labios de mulher!

Doces fallas de amor que o vento espalha,
Juras sentidas de constancia eterna
Quebradas ao nascer;
Perfidia e olvido de passados beijos...
São dôres essas que o tempo cicatriza
Dus annos no volver.

Se a donzella infiel nos rasga as folhas
Do livro d'alma, magoado e triste
 Suspira o coração;
Mas depois outros olhos nos captivão,
E loucos vamos em delirios novos
 Arder n'outra paixão.

Amor é o rio claro das delicias
Que atravessa o deserto, a veiga, o prado,
 E o mundo todo o tem!
Que importa ao viajor que a sêde abrasa,
Que quer banhar-se n'essas agoas claras,
 Ser aqui ou além?

A veia corre, a fonte não se estanca,
E as verdes margens não se crestam nunca
 Na calma dos verões;
Ou quer na primavera, ou quer no inverno,
No doce aneio do bolir das ondas
 Palpitão corações.

Não! a dôr sem cura, a dôr que mata,
É, moço ainda, e perceber na mente
 A duvida a sorrir!
É a perda dura d'um futuro inteiro
E o desfolhar sentido das gentis corôas,
 Dos sonhos do porvir!

É ver que nos arrancão uma a uma
Das azas do talento as pennas de ouro,
 Que vôão para Deus!
É ver que nos apagão d'alma as crenças
E que profanão o que santo temos
 C'o riso dos atheus!

É assistir ao desabar tremendo,
N'um mesmo dia, d'illusões douradas,
 Tão candidas de fé!
É vêr sem dó a vocação torcida
Por quem devêra dar-lhe alento e vida
 E respeito-a até!

É viver, flôr nascida nas montanhas,
Para aclimar-se, apertada n'uma estufa
À falta de ar e luz!

É viver, tendo n'alma o desalento,
Sem um queixume, a disfarçar as dôres
Carregando a cruz!

Oh! ninguem sabe como a dôr é funda,
Quanto pranto s'engole, e quanta angustia
A alma nos desfaz!

Horas ha em que a voz quasi blasphema...
E o suicidio nos acena ao longe
Nas longas saturnaes!

Definha-se a existencia a pouco e pouco,
E ao labio descorado o riso franco
Qual d'antes, já não vem;
Um véo nos cobre de mortal tristesa.
E a alma em luto, despida dos encantos,
Amor nem sonhos tem!

Murcha-se o viço do verdor dos annos,
Dorme-se moço e despertamos velho,
Sem fogo para amar!
E a fronte joven que o pezar sombreia
Vai, reclinada sobre um collo impuro,
Dormir no lupanar!

Ergue-se a taça do festim da orgia,
Gasta-se a vida em noites de luxuria
No leito dos bordeis,
E o veneno se sorve em longos tragos
Nos seios brancos e nos labios frios
Das languidas Phrynés!

Esquecimento! — mortalha para as dôres —
Aqui na terra é a embriaguez do goso,
A febre do prazer:
A dôr se afoga no fervor dos vinhos,
E no regaço das Marcôs modernas
É doce então morrer!

Depois o mundo diz: — Que libertino!
A folgar nô delirio dos alcouces
As azas empanou! —

Como se elle, algoz das esperanças,
As crenças infantis e a vida d'alma
Não fosse quem matou!...

Oh! ha dôres tão fundas como o abysmo,
Dramas pungentes que ninguem consola
Ou suspeita sequer!
Dôres na sombra, sem caricias d'anjo,
Sem voz de amigo, sem palavras doces,
Sem beijos de mulher!...

Rio—1858.

.....

Pobre criança que te affliges tanto
Porque sou triste e se chorar me vês,
E que horrifas com teu doce pranto
Meus pobres hymnos sem calor, talvez;

Deus te abençõe, cherubim formoso,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu pranto é gotta de celeste goso
Na ulcera funda que ninguem curou.

Pallido e mudo e do caminho em meio
Sentei-me á sombra soffredor e só!
Do chôro a baga humedeceu-me o seio,
Da estrada a gente me cobrio de pó!

Meus tristes cantos comecei chorando,
Santas endeixas, doloridos ais...
E a turba andava! Só de vez em quando
Languido rosto se volvia atraz!

E louca a turba que passou sorrindo
Julgava um hymno o que eu chamava um ai!
Alguem murmura: — Como o canto é lindo! —
Sorri-se um pouco e caminhando vai!

Bemdito sejas, cherubim de amores,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu pranto é gotta que mitiga as dôres
Da ulcera funda que ninguem curou!

Ha na minh'alma alguma cousa vago,
Desejos, ancias, que explicar não sei:
Talvez — desejos — d'algum lindo lago,
— Ancias — d'um mundo com que já sonhei!...

E eu soffro, oh anjo; na cruel vigilia
O pensamento inda redobra a dôr,
E passa linda do meu sonho a filha
Soltas as tranças a morrer de amor!

E louco a sigo por desertos mares,
Por doces veigas, por um céu de azul;
Pouso com ella nos gentis palmares
À beira d'agoa, nos vergeis do sul!...

E a virgem foge... e a visão se perde
Por outros climas, n'outro céu de luz;
E eu — desperto do meu sonho verde —
Acordo e choro carregando a cruz!

Pobre poeta! na manhã da vida
Nem flôres tenho, nem prazer tambem!
— Roto mendigo que não tem guarida —
Timido espreito quando a noite vem!

Bemdito sejas cherubim de amores,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu doce pranto me acalenta as dôres
Da ulcera funda que ninguem curou!

A minha vida era areal despido
De relva e flôr e na estação louçã!
Tu foste o lyrio que nasceo, querido,
Entre a neblina de gentil manhã.

Em ondas mortas meu batel dormia,
Chorava o panno a viração subtil.
Mas veio o vento no correr do dia
E, leve, o bote resvalou no anil.

Eu era a flôr do escalavrado galho
Que a tempestade no passar quebrou;
Tu foste a gotta do bemdito orvalho
E a flôr pendida a reviver tornou.

Teu rosto puro restitue-me a calma,
Ergue-me as crenças, que já vejo em pé;
E teus olhares me derramão n'alma
Doces consolos e orações de fé.

Não serei triste; se te ouvir a falla
Tremo e palpito como treme o mar,
E a nota doce que teu labio exhala
Virá sentida ao coração parar.

Suspensio e mudo no mais casto enlevo
Direi meus hymnos c'os suspiros teus,
E a ti, meu anjo, a quem a vida devo
Heide adorar-te como adoro a Deus!

....—1858.

FRAGMENTO

.....
O mundo é uma mentira, a gloria — fumo,
A morte — um beijo, e esta vida um sonho
Pesado ou doce, que s'esvae na campa!

O homem nasce, cresce, alegre e crente
Entra no mundo c'o sorrir nos labios,
Traz os perfumes que lhe dera o berço,
Veste-se bello d'illusões douradas,
Canta, suspira, crê, sente esperanças,
E um dia o vendaval do desengano
Varre-lhe as flôres do jardim da vida

Primaveras

12

E nú das vestes que lhe dera o berço
Treme de frio ao vento do infortunio!
Depois — louco sublime — elle se engana,
Tenta enganar-se p'ra curar as magoas,
Cria fantasmas na cabeça em fogo,
De novo atira o seu batel nas ondas,
Trabalha, lucta e se afadiga embalde
Até que a morte lhe desmancha os sonhos
Pobre insensato — quer achar por força
Perola fina em lodaçal immundo!
— Menino louro que se cança e mata
Atraz da borboleta que travêssa
Nas moitas do mangal vòa e se perde!...

.....
.....

Dezembro—1858.

LEMBRANÇA

N'UM ALBUM

Como o triste marinheiro
Deixa em terra uma *lembrança*,
Levando n'alma a esperança
E a saudade que consome,
Assim nas folhas do album
Eu deixo meu pobre nome.

E se nas ondas da vida
Minha barca for fendida
E meu corpo espedaçado,
Ao ler o canto sentido
Do pobre nauta perdido
Teus labios dirão: — coitado!...

Junho—1858.

ANJO!

M. . . .

Sub umbra alarum tuarum.

Eu era a flôr desfolhada
Dos vendavaes ao correr;
Tu foste a gotta dourada
E o lyrio pôde viver.

Poeta, dormia pallido
No meu sepulchro, bem só;
Tu disseste: — Ergue-te Lasaro! —
E o morto surgio do pó!

Eu era sombrio e triste...
Contente minh'alma é;
Eu duvidava... sorriste,
Já no amar tenho fê.

A fronte que ardia em brasas
A seus delirios poz fim
Sentindo o roçar das azas,
O sôpro d'um cherubim.

Um anjo veio e deo vida
Ao peito de amores nú:
Minh'alma agora remida
Adora o anjo — que és tu!

Julho—1858.

MINH'ALMA É TRISTE

Mon cœur est plein — je veux pleurer!
LAMARTINE.

I

Minh'alma é triste como a rôla afflicta
Que o bosque acorda desde o albor da aurora,
E em doce arrulo que o soluço imita
O morto esposo gemedora chora.

E, como a rôla que perdeu o esposo,
Minh'alma chora as illusões perdidas,
E no seu livro de fanado gôso
Relê as folhas que já forão lidas.

E como notas de chorosa endeixa
Seu pobre canto com a dôr desmaia,
E seus gemidos são iguaes á queixa
Que a vaga sôlta quando beija a praia.

Como a criança que banhada em prantos
Procura o brinco que levou-lhe o rio,
Minh'alma quer resuscitar nos cantos
Um só dos lyrios que murchou o estio.

Dizem que ha gosos nas mundanas galas,
Mas eu não sei em que o prazer consiste.
— Ou só no campo, ou no rumor das salas,
Não sei porque — mas a minh'alma é triste!

II

Minh'alma é triste como a voz do sino
Carpindo o morto sobre a lage fria;
E doce e grave qual no templo um hymno,
Ou como a prece ao desmaiar do dia.

Se passa um bote com as velas sôltas,
Minh'alma o segue n'amplidão dos mares;
E longas horas acompanha as voltas
Das andorinhas recortando os ares.

Às vezes louca, n'um scismar perdida,
Minh'alma triste vai vagando á tôa,
Bem como a folha que do sul batida
Boia nas aguas de gentil lagôa!

E como rôla que em sentida queixa
O bosque acorda desde o albor da aurora,
Minh'alma em notas de chorosa endeixa
Lamenta os sonhos que já tive outr'ora.

Dizem que ha gosos no correr dos annos!...
Só eu não sei em que o prazer consiste.
— Pobre ludibrio de crueis enganos,
Perdi os risos — a minh'alma é triste!

III

Minh'alma é triste como a flôr que morre
Pendida á beira do riacho ingrato;
Nem beijos dá-lhe a viração que corre,
Nem doce canto o sabiá do mato!

E como a flôr que solitaria pende
Sem ter caricias no voar da brisa,
Minh'alma murcha, mas ninguem entende
Que a pobresinha só de amor precisa!

Amei outr'ora com amor bem santo
Os negros olhos de gentil d'onzella,
Mas d'essa fronte de sublime encanto
Outro tirou a virginal capella.

Oh! quantas vezes a preendi nos braços!
Que o diga e falle o laranjal florido!
Se mão de ferro espedaçou dois laços
Ambos chorámos mas n'um só gemido!

Dizem que ha gosos no viver d'amores,
Só eu não sei em que o prazer consiste!
— Eu vejo o mundo na estação das flôres...
Tudo sorri — mas a minh'alma é triste!

IV

Minh'alma é triste como o grito agudo
Das arapongas no sertão deserto;
E como o nauta sobre o mar sanhudo,
Longe da praia que julgou tão perto!

A mocidade no sonhar florida
Em mim foi beijo de lasciva virgem:
— Pulava o sangue e me fervia a vida,
Ardendo a fronte em bachanal vertigem.

De tanto fogo tinba a mente cheia!...
No afan da gloria me atirei com ancia...
E, perto ou longe, quiz beijar a s'rêa
Que em doce canto me attrahio na infancia.

Ai! loucos sonhos de mancebo ardente!
Esp'ranças altas... Eil-as já tão razas!...
— Pombo selvagem, quiz voar contente...
Ferio-me a bala no bater das azas!

Dizem que ha gosos no correr da vida...
Só eu não sei em que o prazer consiste!
— No amor, na gloria, na mundana lida,
Forão-se as flôres — a minh'alma é triste!

Março 12—1858.

Á MORTE DE AFFONSO DE A. C. MESSEDER

ESTUDANTE DA ESCOLA CENTRAL

Who hath not lost a friend?...
M.

É triste ver a flôr que desabrocha
Ou quer no prado, ou na deserta rocha,
Pender no fraco hastil!
É bem triste dos annos nos verdores
Morrer mancebo, no brotar das flôres,
Na quadra juvenil!

Meu Deus! tu que és tão bom e tão clemente,
P'ra que apagas, Senhor, a chamma ardente
N'um craneo de volcão?
P'ra que poupas o cedro já vetusto
E, sem dó, vais ferir o pobre arbusto
Às vezes no embryão?!...

Pois não fôra melhor vivesse a planta
Cujo perfume a solidão encanta
No socego do val?...
— Não veriamos nós n'este martyrio
Desfallecer tão bello o pobre lyrio
Pendido ao vendaval!

Pobre mancebo! N'esse peito nobre.
E n'essa fronte que o sepulchro cobre
Era fundo o sentir!
Agora solitario tu descansas,
E contigo esse mundo de esperanças
Tão rico de porvir!

Oh! lamentemos essa pura estrella
Sumida, como no horisonte a vela
Nas nevoas da manhã!
A sepultura foi ha pouco aberta...
Mas o dormente já se não desperta
À voz de sua irmã!

É mudo aquelle a quem irmão chamámos,
E a mão que tantas vezes apertámos
Agora é fria já!
Não mais nos *bancos* esse rosto amigo
Hoje escondido no fatal jazigo
Comnosco sorrirá!

Mancebo, atraz da gloria que sorria,
Sonhou grandezas para a patria um dia,
E a ella os sonhos deo;
Martyr do estudo, na sciencia ingrata
Bebeo nos livros esse fel que mata
E pobre adormeceo!

Era bem cedo! — na manhã da vida
Chegar não pôde á terra promettida
Que ao longe lhe sorrio!
Embora d'esta estrada nos espinhos
Feliz tivesse os maternas carinhos,
Cançado succumbio!

Era bem cedo! — Tanta gloria ainda
O esperava, meu Deus, na aurora linda
Que a vida lhe dourou!
Pobre mancebo! no fervor d'essa alma
Ao colher do futuro a verde palma
Na cova tropeçou!

Dorme pois! Sobre a campa mal cerrada,
Nós que sabemos que esta vida é nada
Choramos um irmão;
E d'envolta c'os prantos da amizade
Aqui trazemos, nos goivos da saudade,
As vozes da oração!

Eu que fui teu amigo inda na infancia,
Quando as almas das rosas na fragrancia
Bem dizem só a Deus —
Hoje venho nas cordas do alaúde
Sentido e grave, á beira do ataúde
Dizer-te o extremo adeus!

Descança! se no céu ha luz mais pura,
De certo gosarás n'essa ventura
Do justo a placidez!
Se ha doces sonhos no viver celeste,
Dorme tranquillo á sombra do cypreste...
— Não tarda a minha vez!

Maio—1858.

NO LEITO

M ***

Se eu morresse amanhã!

A. DE AZEVEDO.

I

Eu soffro;—o corpo padece
E minh'alma se estremece
Ouvindo o dobrar d'um sino!
Quem sabe?—A vida fenece
Como a lampada no templo
Ou como a nota d'um hymno!

A febre me queima a fronte
E dos tumulos a aragem
Roçou-me a pallida face;
Mas no delirio e na febre

Sempre teu rosto contemplo,
E serena a tua imagem
Vela á minha cabeceira,
Rodeada de poesia,
Tão bella como no dia
Em que vi-te a vez primeira!
Teu riso a febre mé acalma;
— Ergue-se viva a minh'alma
Sorvendo a vida em teus labios
Como o saibo dos licores,
E na voz, que é toda amores,
Como um balsamo bemdito,
Ouvindo-a, eu pobre palpito,
Sou feliz e esqueço as dôres.

II

Se a morte colher-me em breve
Pede ao vento que te leve
O meu suspiro final;
— Será queixoso e sentido,
Como da rôla o gemido
Nas moitas do laranjal.

Quizera a vida mais longa
Se mais longa Deus m'a dera,
Porque é linda a primavera,
Porque é doce este arrebol,
Porque é linda a flôr dos annos
Banhada da luz do sol!
Mas se Deus cortar-me os dias
No meio das melodias,
Dos sonhos da mocidade,
Minh'alma tranquilla e pura
Á beira da sepultura
Sorrirá á eternidade.
Tenho pena... sou tão moço!
A vida tem tanto enlevo!
Oh! que saudades que levo
De tudo que eu tanto amei!
— Adeus oh! sonhos dourados,
Adeus oh! noites formosas,

Adeus futuro de rosas
Que nos meus sonhos creei!

Ao menos, n'esse momento
Em que o lethargo nos vem
Na hora do passamento,
No suspirar da agonia
Terei a fronte já fria
No collo de minha mãe!

III

Mas eu bemdigo estas dôres,
Mas eu abenço o leito
Que tantas magoas me dá,
Se me jurares, querida,
Que meu nome no teu peito
Morto embora — viverá!
— Que ás vezes na cruz singella
Tu irás pallida e bella
Desfolhar uma saudade!
Que de noite, ao teu piano,
Na voz que a paixão desata,
Chorarás a — Traviata
Que eu d'antes amava tanto
Nas ancias do meu amor!
— E que darás compassiva
Uma gotta do teu pranto
À memoria morta ou viva
Do teu pobre sonhador!

Bem dita, bem dita sejas,
Se nas notas bemfazejas
Tua alma fallar co'a minha
N'essa linguagem do céu
Que o pensamento adivinha!
Eu — o filho da poesia —
Dormirei no meu sepulchro,
Embalado em harmonia
Ao som do piano teu!

IV

Que tem a morte de feia?!
— Branca virgem dos amores,
Toucada de murchas flôres,
Um longo somno nos traz;
E o triste que em dôr aneia
— Talvez morto de cansaço —
Vai dormir no seu regaço
Como n'um claustro de paz!

Oh! virgem das sepulturas,
Teu beijo mata as venturas
Da terra, mas rasga o véo
Que a eternidade nos vela;
E nós — os filhos do erro —
Libertos d'este desterro,
Vamos contigo, donzella,
No branco leito de pedra,
Onde a miseria não medra,
Sonhar os sonhos do céu!...

Ha tantas rosas nas campas!
Tanta rama nos cyprestes!
Tanta dôr nas brancas vestes!
Tanta doçura ao luar!
— Que alli o morto poeta
Nos seus intimos segredos,
À sombra dos arvoredos
Póde viver a sonhar!

V

Assim, — se ámanhã, se logo,
Sentires na face amada
Passar um sôpro de fogo
Que te queime o coração,
E uma mão fria e gelada
Comprimir a tua mão
Frisando os cabellos teus;
— Não tenhas tu vãos temores,

Pois é minh'alma, querida,
Que ao desprender-se da vida
— Toda saudade e amores —
Vai dizer-te o extremo — adeus!...

Agosto—1853.

RISOS

Ri, criança, a vida é curta,
O sonho dura um instante.
Depois... o cypreste esguio
Mostra a cova ao viandante!

A vida é triste — quem nega?
— Nem vale a pena dizel-o.
Deus a parte entre seus dedos
Qual um fio de cabelo!

Como o dia, a nossa vida
Na aurora é — toda venturas,
De tarde — doce tristeza,
De noite — sombras escuras!

A velhice tem gemidos,
— A dôr das visões passadas —
A mocidade — queixumes,
Só a infancia tem risadas!

Ri, criança, a vida é curta,
O sonho dura um instante.
Depois... o cypreste esguio
Mostra a cova ao viandante!

Rio—1858.

A VIDA

Nunca vistes uma rosa
Primeiro abrindo mimosa
O seu botão purpurino,
Mostrando depois vaidosa
Aos vivos raios do sol
Do rocio matutino
Essas gottas tão brilhantes
Que similham diamantes?

Não vistes depois a rosa
Toda garrida e louçã,
De Abril em fresca manhã
Pompeando lindas côres,
Pelo zephiro embalada,
Sobre a lympha debruçada,
Formosa fallando amores?

Não vistes depois á tarde
E quando o sol já não arde,
Como a flôr está tão triste
Co'a bella fronte pendente
E como a tepida aragem
Que sussurra na folhagem
A vem beijar docemente?

E depois, no outro dia,
Essa flôr que se sorria
Cheia de graça e de vida,
Não a vistes vós pendida
Co'a viva côr já perdida,
E que a brisa caprichosa
Dessa tão pallida rosa
Uma a uma as folhas todas
As arrancava sorrindo,
E no regato sonoro
Assim as ia lançando,
E que essas folhas boiando,
Com a corrente fugindo,
Lá ao longe se perdião?...

Olhai, assim é a vida!
Na infancia somos felizes,
Temos da rosa os matizes
Quando se abre em botão;
E as puras gottas de orvalho
Que a rosa no seio tem,
Não sabeis vós que ellas são
Os prantos de nossa mãe,
Que caem silenciosos,
Eloquentes, amorosos,
Quando no berço deitados.
Com nossos olhos cerrados,
Ella nos vem contemplar
Como um anjo que o bom Deus
Enviasse lá dos ceus
Para o nosso somno velar?...

A nossa infancia querida
—A primavera da vida,
Quando alegres e contentes,
Descuidosos, innocentes,
Nós saltamos as correntes,
Nós trepamos as colinas,
Nós corremos pelo prado
Colhendo as frescas boninas
Que vegetão no vallado,
Comparai a vós á rosa
Corada e bella a florir
Quando as auras vespertinas
D'affagos a vem cobrir.

Esse sol que anima a flôr
De tarde no valle ameno
Por entre os chopos annosos,
É esse brilho sereno
Cheio de mago fulgor
Dos olhos negros formosos
Da virgem de nossos sonhos,
Quando seus labios risonhos
Nos dizem fallas d'amor.

E as folhas que a rosa deixa
Do seu seio desprendidas,

São as nossas illusões
Que pouco a pouco perdidas,
Vão uma a uma caindo
E na corrente dos annos
Coitadas, vão-se sumindo!

Assim como a linda rosa
Murcha e cae no seu rosal
Não resistindo — mimosa
Ao sopro do vendaval,
A vida tambem se extingue
Quando estala o coração
Pela perda d'uns amores...
— A derradeira illusão!...

A J...

Minh'alma dorme, indolente
A tudo que é grande e bello,
Ai! não sei que pesadelo
Assim me pousou na mente!
Debalde agora procuro
Os sonhos do meu futuro
De amor e glorias tão cheios,
Na quadra dos devaneios
E das longas illusões!

Mas é docil a tens dedos
O teu piano, palpita,
Se derramas teus segredos
N'essa harmonia infinita,
N'essa queixa vaga e incerta,
Então minh'alma — desperta.

D'esse fatal pesadelo
Sacode o manto de gelo,
Banha-se em novo fulgor,
Ama a luz que o sol exhala,
E em cada nota que falla
Solettra um hymno de amor!

Mas se tambem indolente
O teu piano se cala,
Minh'alma é só languidez,
— Como a criança dormente,
Que os olhos subito abrira,
Queixosa e triste suspira,
E—sem ti—dorme outra vez!

1859.

OS MEUS SONHOS

I

Como era bello esse tempo
De tão doces illusões,
De tardes bellas, amenas,
De noites sempre serenas,
De estrellas vivas e puras;
Quadra de riso e de flôres,
Em que eu sonhava venturas,
Em que eu cuidava de amores!

Ah! minha infancia saudosa,
Que me mostravas á mente
N'esse viver innocente,
Tão verdejante e florida
A longa estrada da vida
Que é toda, toda escabrosa!
E eu, inexperta criança,
Que tinha fé no porvir
Por ver o már em bonança
E minha mãe a sorrir!...
E julguei que era verdade!
E acreditava nos sonhos
Feiticeiros e risonhos!

Illusões da mocidade
Cheias de terna magia,
Nascem doiradas e bellas
Como o fulgor das estrellas...
E morrem no mesmo dia!

II

Sonhei que o mundo era um prado
Lindo, lindo, matizado
Das flôres do meu jardim;
Sonhei a vida uma estrada
De gosos entrelaçada,
De gosos que não tem fim.

Esses sonhos de magia
Creei-os na phantasia
À meiga luz do luar.
E quando conta segredo
Na rama dos arvoredos
A brisa que beija o mar.

Sonhei-os assim brilhantes
N'aquelles doces instantes
De silencio e de oração;
Quando as estrellas seduzem,
E quando os labios traduzem
As vozes do coração.

Sobre o peito reclinada
Eu tinha a fronte inspirada
D'uma formosa mulher,
E fraco um raio da lua
Beijando-lhe a face nua
Dava-lhe brilho e poder.

De certo a lua serena
Um rosto como o de Helena
Nunca, nunca illuminou;
E nunca ouvirei na vida
Voz mais terna e mais sentida
Dizer-me: --sou tua, sou!

N'uma noite mui fagueira,
Com visão prasenteira,
Por entre beijos de amor
Eu vi surgir uma estrella
Linda, linda, muito bella,
Com doce e meio fulgor.

Na perdida phantasia,
De luz, de amor, d'alegria
Abrilhantei o porvir.
E segui qual mariposa
Aquelle chama formosa
Que eu via ao longe luzir!

III

Mentira, tudo mentira!
Os meus sonhos... illusões!
As cordas da minha lyra
Já não soletram canções,
A mente já não delira,
E se louco n'um momento
Revolvo no pensamento
Esse passado de amores...
Se triste o peito suspira...
Eu ouço um ecco da terra
Bradar-me com voz que aterra:
—Mentira, tudo mentira!

Foram sonhos. Eram lindos,
Eram lindos... mas passaram!
E d'esses sonhos já findos
Só lembranças me ficaram.
Só lembranças bem saudosas
D'essas noites tão formosas
Em que os sonhos despertaram,
Só lembranças d'esses sonhos.
D'esses sonhos que passaram!

Hoje vivo, se é que é vida
Andar co'a fronte pendida
Calado e triste a scismar,
E n'essa immensa tristeza,
N'essas horas d'incerteza
Em que adormece o luar,
Em que toda a natureza
É silencio, amor e paz;
Eu sinto a alma saudosa
Perguntar com voz queixosa:
—Lindos sonhos, onde estaes?!

Então um ecco medonho
Responde por cada sonho
C'um geinido... e nada mais!
A minha sina cumpriu-se,
A sina que Deus me deu!
O ecco responde triste:
A linda estrella — sumiu-se!
A tua Helena — morreu!

MEU LIVRO NEGRO ¹

A GONÇALVES BRAGA

I

Eu sei que é santo e bom e de almas grandes
Dar ás glorias um hymno, a Deus um canto,
Ao culpado perdão;
Dar ao vicio conselhos, ao cego luzes,
Á velhice respeito, arrimo á infancia
E aos mendigos o pão!

Obrigado! obrigado! eu beijo a esmola
Do teu canto de fé! Mas não te illudas,
Não te posso seguir.
Eu me assento nas pedras do caminho
E pergunto aos que passam: — « Inda é longo,
Muito longe o porvir? »

Obrigado! obrigado! tu respondes,
E queres que eu descubra no horisonte
O que é nuvem talvez!
Obrigado, cantor! rico de crenças,
Que repartes comigo os teus vestidos,
P'ra cobrir-me a nudez!

Levanto á pressa a tenda do descanso,
E, como não prosigo, eu te convide
Á porta do meu lar;

¹ Esta poesia é em resposta á do sr. Gonçalves Braga, inserta a pag. 60 e 62 d'este livro.

Depois que eu te disser a tenda triste
Do meu livro sem luz, do — Livro Negro —
Tu podes caminhar.

II

Escuta: — Tu que tens na voz perfumes,
Chamas sempre ao meu canto — primavéras,
Aos goivos — um jardim!
— Talvez que na charneca, por descuido,
Entre os juncos brotasse á beira d'agua
O tronco d'um gasfím!

É verdade, na mente deslumbrada,
Borbulhou n'outro tempo alguma cousa
De vago e de ideal!
Eram centelhas! mas dormindo ás soltas,
Eu deixei consumir-se, o fogo santo.
— Estúpida vestal!

Agora em vão procuro aquelles cantos,
As rosas do jardim e o sonho amigo
Que tanto me embalou!
A minha alma, deserta de esperanças,
Já não pôde sonhar! Meu Deus, é tarde!
A vida já passou!

P'ra mim, que me perdi no desencanto,
Não tem o patrio céu estrellas vivas,
Nem lyrios as manhãs,
Eu por cada illusão vivi dez annos!
O fructo da illusão nasceu precoce...
Sou moço e tenho cãs!

Ai! bem cedo o tufão despiu-me os galhos!
E os galhos todos nús ao céu se elevam
Na supplica de dô!
No campo a primavéra estende os mimos,
Tudo é verde no monte e na collina...
Mas ai! no inverno eu só!

Na testa trago a ruga prematura,
E do labio na prega desdenhosa.
Não ha odio, mas fel!

—Ruínas d'um castello não completo,
Aqui descubro um troço de columna,
—Mais longe um capitel!

Houve galas comtudo no edificio
Em dias venturosos de banquetes,
Por noites de festim!
As ogivas tremiam com mil luzes,
O parque tinha caça, a sala—amores,
Perfumes—o jardim!

Cuspiram-me na frente e na grinalda,
Vergaram-me a cabeça ao despotismo,
As garras da oppressão;
E ao contacto do marmore e do gelo
A lyra emmudeceu, penderam flôres,
Extinguiu-se o vulcão!

Por cada canto eu tive offensas duras,
Pelos sonhos—o escarneo que apunhata,
Insultos por cantar!
Deitaram-me na taça o fel que amarga
Mas a raça dos vis campeia impune
Porque eu sei perdoar!

Obrigado! obrigado! É doce ao menos
Receber na desgraça o aperto amigo
Do abraço fraternal!
A lagrima a cair se muda em riso,
E pôde a mão tecer na corda frouxa
Um hymno festival!

Feliz, tu que me acenas p'r'o futuro
—Na frente a inspiração, nas mãos a lyra
E no teu peito o ardor!
Adeus! eu não te sigo, é longa a estrada,
Assusta-me a tormenta e a noite escura...
Sou fraco luctador!

Podes ir; eu te abraço e te abenço!
Volta e traze contigo as verdes palmas
Que o futuro te der;
Adeus! eu não te sigo... eu não perjuro...
A gloria é uma mulher, e tu bem sabes
Eu amo outra mulher!

A gloria, quanto a mim, é a Messalina
Que vende sem pudor a face e os beijos
Na praça, á luz do sol!
Ama um dia e abandona o favorito
No leito do hospital, por cama — a valla,
Por mortalha — o lençol!

Não quero a gloria, não! a gloria menté,
O fogo queima, a cicatriz não fecha,
E sangra o coração!...
Não quero a gloria: — eu peço ao céu socego,
Um bocado de amor, flôres no campo,
E um ninho no sertão.

Lá eu posso viver na sombra escura,
Cercado das acacias perfumadas,
Sósinho e bem feliz!
Por noites de luar o sertanejo
Suspira na guitarra cantilenas
Qué a lyra nunca diz!

Ha tristeza no choro das cascatas,
Ha mysterios nas vozes das florestas,
Ha silphos pelos céos!
E a mente embevecida, absorta e pasma,
Em voz baixa ergue os hymnos de ventura,
E baixo adora a Deus!

Da mulher adorada a fronte santa
Sentira no sagrado dos colloquios
Como é fundo o sentir!
Do seu amor — que é perola sem preço —
Eu farei meu presente e meu passado,
Meu sonho e meu porvir!

A vida no deserto é lago placido,
No mar raivoso que sacode a escuma
E que sepulta a nau!
Eu lá serei feliz; das murchas palmas
Apenas guardarei lembrança vaga,
Como de um sonho mau.

Creio em Deus, e meu labio inda murmura
Essa mesma oração resada á noite
Pela quadra infantil;

Beijo a mão que embalou meu berço quente,
Creio no amigo: sei que o amor é santo
E sei que a gloria é vil!

Bem vês, eu não me animo ás vozes tuas!
Ai! é tarde, cantar! não posso... é tarde,
Não me embala a illusão!
Retomo a lyra, balbucio um canto,
Sacudo o gelo para dizer-te d'alma:
«Oh! obrigado, irmão!»

III

Eu da porta da tenda te abenço!
Podes ir, bom romeiro do progresso...
Eu deito-me a dormir!
O caminho tem neve, o lar tem fogo,
— Oh! o amor da mulher por quem se chora
Vale mais que o porvir!

1859.

ULTIMA FOLHA

Meu Deus! Meu Pae! Se o filho da desgraça
Tem jus um dia ao galardão remoto,
Ouve estas preces e me cumpre o voto
— A mim que bebo do absyntho a taça!

— «Feliz serás se como eu soffreres,
«Dar-te-hei o céu em recompensa ao `pranto»—
Vós o disseste— E eu padeço tanto!...
Que novos transes preparar me queres?

Tudo me roubam meus crueis tyrannos:
Amôr, familia, felicidade, tudo!...
Palmas da gloria, meus laureis do estudo,
Fogo do genio, aspiração dos annos!...

Mas o teu filho já se não rebella
Por tal castigo, pelas maguas duras ;
—Minh'alma off'reço ás provações futuras...
Venha o martyrio... mas — perdão p'ra ella!...

A doce virgem se assimilha ás flôres...
O vento a quebra no seu verde-ninho,
—Velai ao menos pelo pobre anginho,
—Pagai-lhe em goso o que me daes em dôres!

Maio—6.

CAMÕES E O JÃO

PROLOGO

A 13 de novembro de 1853, encostado pensativo ao mastro de ré do vapor *Olinda*, transpunha a barra do Rio de Janeiro em demanda das costas de Portugal. Com que dor tinha os olhos fitos n'aquellas paizagens soberbas que pareciam apagar-se pela distancia! Quando deixei de ver as vagas enroladas baterem nos rochedos; quando as montanhas que se desenhavam ao longe, sumiram-se no horisonte, o pranto correu-me pelas faces, como nunca havia corrido. Eu chorava deveras como hoje suspiro saudoso, porque era a patria que eu deixava; a terra onde nasci; porque lá ficava meu pai e minha mãe, meus irmãos, tudo que de mais caro tinha no mundo!

Ai! é triste e solemne esse momento cruel. Vagando na amplidão dos mares, alongando saudoso a vista, os olhos só vêem o azul do céu confundir-se ao longe com o azul das vagas! Os joelhos tremulos, dobram-se; os labios ardentes de desespero murmuram meu Deus! minha patria! minha mãe! o pranto corre livre e o peito arqueja e cança.

E todas as noites quando pelo postigo do meu beliche via o firmamento salpicado d'estrellas, soltava um suspiro. Quando no outro dia contemplava o sol no occaso, dourando com seus raios moribundos as nuvens acastelladas no poente, suspirava tambem! Quizera ver esse mesmo céu estrelado nas lindas noites da minha terra, quando os raios da

lua brincam com as flores do prado e adormecem nas agoas quietas do rio. Quizera ver o astro do dia em vez de se mergulhar nas vagas, esconder-se por traz das collinas, reflectindo seus pallidos e ultimos fulgores na cupula elevada do campanario da aldeia. Quizera ver tudo isso... e a patria já estava tão longe!...

Depois, mais alguns dias de balancear monotono sobre as agoas, e pizei terra extranha. Era este Portugal velho e caduco que hoje dorme um somno longo á sombra dos louros que ganhou outr'ora; era este Portugal que ainda repercute o tinit das armaduras e das espadas de seus guerreiros extinctos; era este Portugal que ainda repete as doces harmonias exhaladas de tantas lyras sonoras; era este Portugal, patria de meus avós, mas não minha patria. Aqui falla-se a mesma lingua que se falla no Brazil; aqui tambem ha sol, ha lua, ha aves, ha rios, ha flores, ha céu... mas o sol da minha terra é mais ardente, a lua mais suave, o canto das aves é mais terno, os rios são mais soberbos, as flores tem mais perfumes, o céu tem mais poesia.

Já dois annos se passaram longe da patria. Dois annos! Diria dois seculos. E durante este tempo tenho contado os dias e as horas pelas bagas do pranto que tenho chorado. Tenha embora Lisboa os seus mil e um attractivos; oh eu quero a minha terra; quero respirar o ar natal, o ar embalsamado d'aquellas campinas ridentes; quero aspirar o perfume que exhalam aquelles bosques floridos. Nada ha que valha a terra natal. Tirai o indio do seu ninho e apresentai-o d'improviso em Paris: será por um momento fascinado diante d'essas ruas, d'essas praças, d'esses templos, d'esses marmores; mas depois fallam-lhe ao coração as lembranças da patria, e trocará de bom grado ruas, praças, templos, marmores, pelos campos da sua terra, pela sua choupana na encosta do monte, pelos murmurios das florestas, pelo correr dos seus rios. Arrancai a planta dos climas tropicaes e plantai-a na Europa; ella tentará reverdecer, mas cedo pende e murcha, porque lhe falta o ar natal, o ar que lhe dá vida e vigor. Como o indio, prefiro a Portugal e ao mundo inteiro, o meu Brazil, rico, magestoso, poetico, sublime. Como a planta dos tropicos, os climas da Europa infezam-me a existencia, que sinto fugir no meio dos tormentos da saudade.

Feliz aquelle que nunca se separou da patria! Feliz aquelle que morre debaixo do mesmo céu que o vio nascer! Feliz

aquelle que pôde receber todos os dias a benção e os affagos maternos! Mil vezes feliz, porque não sente esta dor que me arranca do peito as lagrimas ardentes que me escaldam as faces. Mas eu conservo ainda a esperança, esse anjo lindo que nos sorri de longe. E quem deixará de ter esperanças? Só o desgraçado, que, crestada a fronte pelo halito maldicto das tempestades da vida, solta em um dia de desespero a blasfemia atroz: não creio em Deus!... Só esse.

Eu, não. Estou na idade das illusões; e arde-me no peito o fogo dos meus dezesete annos; creio em Deus do fundo da minh'alma, como o justo crê na recompensa divina. Sim, um dia verei a minha patria, os meus unicos amores; um dia entre prantos e soluços abraçarei minha mãe; um dia... á sombra triste da funerea cruz descansarei na mesma terra que me viu nascêr. Deus é justo. O dia em que devo sentir uma nova vida, chegará. Esperemos.

No dia 18 de janeiro representou-se no theatro de D. Fernando a scena dramatica «Camões e o Jão» primeira composição minha, ao menos a primeira que passou da pasta dos meus acanhados ensaios ao dominio da critica. Ninguem é mais do que eu, conscio dos innumerados defeitos que tem. Bem se vê que essas notas são tiradas pelas mãos tremulas d'um novato, na mais humilde e desconhecida lyra. No entanto foi recebida no meio de bravos e applausos.

Mas esses applausos e esses bravos, comprehendí-os bem. Não eram a corôa de louros que me lançaram, coroando o merito da peça. Não. Eram as vozes d'um povo amigo e hospitaleiro, que bradavam—«ávantel!» ao joven que na carreira das letras encetava o seu primeiro passo.

Obrigado, mil vezes obrigado. Dissestes: ávante? Bem; eu tentarei proseguir o trilho. Maldicto o que espesinha sem piedade a flor que tenta desabroçar! Aos dois actores que a desempenharam tão bem, renovo os meus agradecimentos. São o sr. Braz Martins e o sr. Santos.

O sr. Braz Martins tem a sua reputação feita como escriptor e como actor; não carece dos meus elogios. Só lhe podem negar o merito litterario e artistico, almas baixas movidas por paixões mesquinhas. Demais, digo-o aqui com franqueza, cabe-lhe dupla gloria: foi elle quem me deu o pensamento da scena dramatica. O sr. Santos é um joven de bastante merito, para quem o futuro sorri auspicioso. Um dia, n'essa carreira d'espinhos, ha de ter a fronte coroadada de flores.

Agora, offereço esta minha producção a duas pessoas, ambas no Brazil. É ao meu antigo lente e amigo o ill.^{mo} sr. Christovão Vieira de Freitas, e ao meu amigo e collega Christovão Corrêa de Castro, que segue o curso de direito na academia de S. Paulo.

Ao primeiro, peço que quando ler o «Camões e o João» vá riscando e emendando com o lapis os muitos versos duros que lhe ferirem os ouvidos. As suas emendas são regras para mim.

Ao segundo, que foi meu companheiro d'estudos durante quatro annos no Instituto «Freese», rogo de me recomendar a todos os collegas d'esse tempo tão feliz. Quando nós separámos em Nova Friburgo, de certo não foi para sêmpre. Ainda um dia hei de ouvir o canto melodioso e terno do sabiá: ainda um dia nos veremos.

Lisboa, 27 de março de 1856.

SCENA UNICA

A SCENA REPRESENTA UMA CASA POBRE; AO FUNDO, UMA PORTA, DO LADO DIREITO UMA JANELLA E UM BRAZEIRO; EM DISTANCIA, DO LADO ESQUERDO, UMA CAMA ORDINARIA E UMA CADEIRA; JUNTO AO BRAZEIRO, UMA BANCA PEJADA DE MANUSCRIPTOS.

(São dez horas da manhã).

Ao levantar do panno ouve-se o ribombar longinquo do canhão. O poeta, deitado, recolhe attento aquelles sons que pouco a pouco se esvaecem; depois assenta se.

CAMÕES E DEPOIS ANTONIO

CAMÕES

Que sons são estes que do Tejo a brisa
Trazer me vem no susurrar mácio?
Julguei ouvir o rufo dos tambores,
Ou o estridor pelos eccos repetido
De bronzas bocas a rugir nas vagas,

(Erguendo-se)

Ribombò do canhão! signal de gloria
Para as sempre fortes vencedoras Quinas
Impavidas hasteadas nas muralhas
Das fortalezas indicas vaidosas,
E tremulando na soidão dos mares
Que ao jugo lusitano a cerviz curvam!
Trombeta do combate! quando soas,
Bater tu fazes com dobrada força,
Com fogo ethereo coração ardente
Que em peito portuguez livre palpita.

(Com enthusiasmo)

Men Portugal tão bello e tão valente!
Torrão formoso, terra de magia,

Ricos sonhos do poeta, meus amores,
Sim, meus amores, que os que tive outr'ora...
Calla-te coração... já não existem!

(Caminhando com custo para a janella)

De primavera que formoso dia!
Que azul de céu tão puro e tão sereno!
Como corre o meu Tejo socegado!
Meu patrio Tejo que cantei saudoso
No exilio amargo tantos annos... tantos!

(Commovido)

Oh quantas vezes de Macán na gruta
Por ti, por Portugal eu soluçava!

(Retirando-se da janella)

Para que me hei de recordar do exilio?

(Assentando-se na cadeira)

Passado é já. Vejamos o futuro.

(Curva a fronte)

ANTONIO

(Entrando e aproximando-se de manso — á parte)

Como está pensativo! sempre triste!

CAMÕES

Quem entra do mendigo na choupana?

(Reparando)

É Jáó, meu pobre, meu sincero amigo.

ANTONIO

(A parte)

Chamar-me amigo! a mim, ao proprio escravo!
Escravo... que os grilhões contente beija!

CAMÕES

Meu Antonio para mim não trazes nada?

ANTONIO

Fui buscar pão... nem um seutil me deram!

CAMÕES

Resignação e fé, que Deus é justo.

ANTONIO

Resignação, dizeis! Mas ah! que tendes?
Tão pallido vos vejo e tão mudado!
Depois que vos deixei soffrestes muito?

CAMÕES

Meu amigo, socega; nada tenho.

ANTONIO

(À parte)

E tornou-me a chamar o seu amigo!
Igual affecto, quem pagal-o pôde?

CAMÕES

Dizes que tenho a pallidez no rosto?
Não repares; a côr fugiu ha muito.
Eu soffro, sim, mas quasi que o não sinto.
É a vida a soltar o arranco extremo
Já prestes a findar, como no templo
À mingoa d'oleo, ao despontar da aurora
A lampada que ardeu durante a noute
Pallida brilha, bruxulêa... e morre!

ANTONIO

Por Deus vos peço, não falleis em morte

CAMÕES

Se eu a sinto chegar a passos largos!
Muito não tardará que o corpo inerte
Vá sobre a terra descansar para sempre.
Uma existencia cheia de desgostos,
As mais douradas illusões desfeitas,
Findos os sonhos, a esperanza extincta...
Oh de que vale o prolongar-se a vida?
Sim, brevemente cerrarei os olhos,
Morrerei pobre, velho, desprezado...
Com um amigo só, que és tu, Antonio.

ANTONIO

(Cahindo lhe aos pés)
Oh meu senhor!

CAMÕES

Terei um peito ao menos
Onde então possa reclinar a fronte,
Uma lagrima derramar saudosa,
E dizer expirando o nome d'ella!
(Erguendo com doçura a cabeça do Jão)
Antonio, diz-me cá; tu nunca amastes?

ANTONIO

(Ergueido-se)
Se tenho um coração!... Eu amo muito
A terra onde nasci, a minha Java:
A meus pais eu amei como bom filho
E a vós, ó meu senhor, hei de amar sempre.

CAMÕES

Na tua vida uma mulher não houve
Que igual affecto te inspirasse ainda?
Por quem sentisses attracção immensa?
Em que louco pensasseis, sempre, sempre,
Mesmo dormindo, em sonhos bem fagueiros?
Uma mulher, emfim, por quem no peito
Forte paixão te ardesse ou um desejo?
Uma mulher, um anjo, cujo nome
O tivésseis nos labios e na mente;
Escripto o vísseis na corrente branda
Que sobre seixos se desliza quieta,
N'um céu d'anil, na flôr do prado, em tudo?
Que t'o dissesse a brisa perfumada
Lasciva perpassando pelas flôres,
O murmurar da fonte cristalina,
No firmamento o scintillar dos lumes,
Que o mundo inteiro te fallasse d'ella?
Um anjo, a quem no delirar ardente
Aos pés prostrado — amor! — dissesse terno?

ANTONIO

Sim! sim; uma mulher eu amei muito.
Era tão bella! A mesma côr que tenho,
Ella tinha tambem; era de Java.
A infancia ambos passámos sempre juntos
Brincando alegres pelos campos lindos.
Passaram-se os folguedos, e sósinhos
À fresca sombra dos gentis palmares
Que enfeitam a minha ilha tão formosa,
Mil fallas de ternura lhe fallava,
Mil esp'ranças risonhas eu nutria.
Era muito feliz o pobre escravo!
Depois... tão moça ainda ella finou se!
O que eu chorei! E a dôr pungente e amarga
Até á morte sentirei n'esta alma
Que outro amor como aquelle tão sincero...
Oh senhor! o pobre Jão não terá nunca.

CAMÕES

Pois escuta: eu amava com excesso
Na terra uma mulher muito formosa
Que a sorte cega collocou mui alta.
Mas o pobre Camões não tinha um nome,
Não podia offrecer-lhe a mão d'esposo!
Ai loucos! por ventura um sentimento
Quereis moldal-o a conveniencias futeis?
Quem é que ao coração jámais deu regras?
Sem demora parti, buscando a gloria.
Longos annos vaguei saúdoso e errante,
Ora embalado pelas bravas ondas
Do oceano em furia grande, ouvindo os uivos
Da procella a bramir forte e medonha;
Ora chorando os prantos do proscripto
Nos ermos montes de longiquas plagas.
Que saudades que eu tinha d'esta terra,
D'estas veigas risonhas, d'estas fontes,
D'estas flôres mimosas, d'estes arês!
Nunca n'aquellas regiões tristonhas
O riso de prazer me veio aos labios.
Em vão eu quiz beber uma harmonia,
Primaveras

Uma inspiração celeste, radiante!
Lá não trinava o rouxinol gorgeios
Na balseira virente em noite bella,
Quando a lua prateada se retrata
Sobre as agoas do lago socegado;
Lá não ouvia a gemebunda rôlla
Gemer saudosa... que entristece tanto!
Lá não sentia a vespertina aragem
Vir bem de manso bafejar-me a lyra,
Que nunca mais soltára hymno festivo!
Tudo alli respirava só tristeza!
E durante esses annos tão compridos,
Esses annos d'ausencia e de tormentos,
A imagem de Natercia eu via sempre.
Uma vez que tranquillo adormecera,
De subito me ergui todo convulso...
Sonho horrivel me havia despertado.
Sonhei-a fria, já sem vida... morta!
Aquelle corpo airoso, inanimado!
Aquelles lindos olhos já sem brilho!
Os labios purpurinos já cerrados,
Mas que no entr'abrir final, balbuciarão
Camões! Camões! ainda com ternura!
Vacilante os cabellos apartava
Com a tremula mão da fronte em gélo...
Visão não era; realidade pura!
Era morta a mulher que eu tanto amava,
Morta... na flôr da vida!... ella era um anjo
Desde esse dia então morri p'r'o mundo.
As lagrimas de dôr verti-as todas,
Depois... não chorei mais, soffria mudo.
De roxo junto á cruz, constricto orava,
Orava toda a noute só por ella.
A Deus pedia o termo de meus dias,
Que entre os anjos no céu vel-a quera,
Já que na terra os homens, sem piedade,
Me haviam d'ella separado sempre.
Mas o Eterno não quiz. Curvei a fronte.
Quereis que esgote o calix da amargura?
Submisso e prompto está o servo humilde.

(Apontando para a banca)

Olha, Antonio, dá-me aquelles versos.

(Recebendo-os)

Sim, são estes que fallam de Natércia
Com todo o fogo d'um amor eterno.
Eis o signal das lagrimas cahidas
Sobre o papel quando tracei as linhas.
Lagrimas quentes, lagrimas de sangue,
Arrancadas por uma dôr immensa.

(Beijando-os)

Oh quero lêl-os, lêl-os novamente.
Foi este canto luctuoso e triste
Ultimo harpejo que soltei gemendo.
Ai! quando d'esse dia me recordo,
Involuntario o pranto se desprende.
É uma corda que se vai da lyra,
Mais uma fibra que do peito estalla,
Mais um gemido que rebenta d'alma,
—Derradeiro estertor do agonizante—
Um gemido que diz: alem a— campã!

(Assenta-se e lê:)

Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo d'este mundo descontente;
Repousa lá no céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

.....

ANTONIO

(A' parte)

Alli n'aquelle leito tão mesquinho
Repousa o maior vate d'este mundo!
P'r'o sepulchro inclinada a fronte nobre
Quasi a sumir-se como o sol no occaso,
Um ai não solta nem um só que seja!
Callado soffre, soffre, e não murmura!
Só eu é que conheço o que padece:
Com fome ha tantas horas e não tenho
Em casa, nada que lhe dê agora!
Se pudesse passar sem mim ao lado...
Se pudesse! inda sou rapaz, sou forte,
De noute e dia trabalhava sempre
E do trabalho o lucro era para elle,
Era só p'ra Camões. Mas eu não posso,
Não posso abandonal-o um só momento.
Tão fraco; até lhe custa a dar um passo

Eu vou de porta em porta, a mão estendo,
Peço pão, não p'ra mim, mas p'r'o poeta...
E só parece que a rochedos fallo,
Ninguém attende á supplica do pobre!
De dôr eu choro quando peço esmolla
E vejo que m'a negam tão sem alma.
Filhos de Portugal! ó portuguezes!
Viveis entregues aos festins maldictos
Sem vos lembrar que na miseria triste
Enfermo geme, moribundo quasi,
Um portuguez tambem, um vate illustre?
Ah! sois malvados corações de pedra!
Sim, sois malvados! O perdão do poeta,
De certo o tendes, porque é bom, perdôa;
Mas dos sec'los futuros, com justiça,
Anathema tereis e fulminante,
Da infamia o ferrete desprezível
E a voz de Deus vos bradará severa:
«Assassinos, assassinaste o vate!»

(Ouvem-se salvas repetidas, ao longe)

CAMÕES

Antonio?

ANTONIO

Senhor!

CAMÕES

Saberás dizer-me
Por que em signal festivo o canhão trôa?

ANTONIO

É a saudação banal das fortalezas
Ao rei, á esquadra, que transpõem a barra,
E que entregues aos ventos inconstantes
Destemidos se vão plantar ousados
O estandarte da Cruz em terras d'Africa.

CAMÕES

(Erguendo-se, agitado)

Sim, elles vão... mas é buscar a morte,
Quem antevera d'um povo a ruina

Pelo seu proprio rei cavada fosse?
Ó campos nobres, já no pó envoltas,
De Nuno, d'Albuquerque e de Pacheco:
Descerrai-vos, surgi! que esses gigantes,
Patriotas bravos, semi-deuses luzos,
Erguendo-se do somno eterno um pouco,
Depressa venham sustentar a patria
Que ameaça cahir, cahir p'ra sempre!

(Caminhando para a janella e fallando para fóra)

D. Sebastião, monarcha temerario
Parai! parai! que não ireis mancebo,
Sepultar nas arêas africanas
De tantos sec'los, n'um só dia a obra.
Se não ouvis meu brado, por ser fraco,
Oh! escutae, senhor, o pranto amargo
Do pai, da mãe, da esposa e do filhinho
Que vos pedem o filho, o pai, o esposo,
Que sem dó arrancaes dos lares patrios
P'ra sepulchro lhes dar em terra extranha,
Mas ah! sois surdo; vossas náos já partem,
O Tejo deixam... no horisonte somem-se...
Um dia dareis conta d'essas victimas.

(Retirando-se da janella e como que subitamente inspirado)

Que luz celeste me esclarece agora?
Que sombras estas que vagueam tristes,
Que se deslisam silenciosas, quietas,
Fantasmas negros na mudez da noute?!
Que campo é esse que se alaga em sangue,
Theatro horrivel onde impera a morte?!...
Oh! de Alcacer-Quivir plagas maldictas
Que presencêas n'um só dia a queda
Da nação entre todos a mais nobre!
Ah! vergonha p'r'as armas portuguezas!
No calor da peleja que se trava,
Parte-se a folha da ligeira espada
E alfange, como anjo de exterminio,
Prostra exangues, sem dó, esses valentes
Que em cem batalhas não tremeram nunca!
Os soldados de Christo já recuam
Pelas imigas hostes esmagados,
O regio elmo pelo campo rolla...
Calcada está de Portugal a c'roa,
Nosso pendão cahiu... quebra-se o sceptro...

E D. Sebastião ousado e joven
Eilo-o que tomba do ginete altivo
Com vida ainda, p'ra não mais erguer-se!
Elle, nobre dos nobres lusitanos,
Ao lado do peão lá gema, espiral
— A morte nivelou o throno e a choça. —
Mas que ouço?! Estes canticos selvagens...
Este alarido e gritos de victoria!
De triumpho infeliz os solta um povo!
As mauras meias-luas lá tremulam
Dos christãos sobre as tendas tão vaidosas;
Lá resôa o clarim cantando um hymno
Que contentes os eccos o repetem
Pelo negror das trevas que caminham
A cobrir com o sudario da vergonha
A purpura real, d'um rei o corpo!
Ouve-se ainda um brado... extincto é tudo!
A gloria e o nome portuguez morreram!
E este tinir de ferros?! São algemas,
São grilhões que nos vem lançar Castella!
Termos de supportar extranho jugo...
Soffrer da escravidão a morte lenta...
Um nobre portuguez responde — nunca!

ANTONIO

(A' parte)

A febre do delirio que o devora!

CAMÕES

Eu á patria sobreviver não quero.
Quem d'este Portugal cantou as glorias
Não pôde a Portugal na mesma lyra
Desferir o canto funebre saudoso.
Se a patria é morta, hei de morrer com ella.
Hei de sim, hei de sim, porque n'esta alma
Era o affecto maior que ora existia.
Oh! que a mesma mortalha nos envolva;
E o canto d'alma apaixonado e terno
Em que humilde exaltei a fama tua,
Que as chammas o consumam; que hoje mesmo,
De Luiz de Camões não tenha o mundo
Nem sequer uma treva de seus dias...

Bem poucos de prazer, de dôr bastantes!
Queimem-se todos, queimem-se esses versos,
D'esta alma parte, que escrevi mil vezes
Com pranto amargo deslizado em bagas.
Eia! coragem!

(Lança ao fogo alguns manuscritos e vae buscar os Luziadas)

ANTONIO

Os Luziadas, nunca!
Por quem sois, suspendei! sou eu que o peço;
Que não se queima assim n'um só momento
D'um poeta immortal a rica c'rôa
E o mais nobre brasão d'um povo inteiro.
Oh! vou salvá-os.

(Corre para Camões)

CAMÕES

(Lançando-os ás chammas)

Jão, nem mais um passo,

ANTONIO

(Tirando-os)

Eil-o, o laurel d'um vate!

CAMÕES

Que fizeste?!...

ANTONIO

(Erguendo o poema)

Se é verdade que tua patria é morta,
Este poema lembrará ao mundo
Que houve outr'ora um Portugal gigante
E — Camões — fôra seu cantor sublime.

FIM

A VIRGEM LOURA

(PAGINAS DO CORAÇÃO)

I

Como é poetica e bella a quadra da infancia!

N'essa primavera da vida, como na primavera do anno, tudo que nos cerca são flôres e perfumes, e tudo que vemos falla e nos sorri.

Os campos viçosos e floridos são o nosso recreio, as borboletas e os colibris nos seduzem, o gorgoeio dos passarinhos nos deleita e a tempestade que passa no céu, bramindo na voz do trovão, nos assusta e faz-nos esconder a fronte no seio maternal.

Como é poetica e bella a quadra da infancia! E que saudade, que funda saudade não temos d'esse tempo; quando a nossa alma cheia de decepções e despoetisada pelas misérias da vida se recorda melancolica do passado!

Pelo menos a mim aconteceu-me isso; toda a vez que me lembro dos meus bellos dias de creança, estremeço e sinto que uma lagrima se desfia silenciosa pela face. E gósto d'esta lagrima; quando se chora é porque o coração está vivo, é porque, embora embotado em parte, tem ainda um lado sensivel que o lodo do mundo não pôde manchar.

Por isso eu gósto de chorar, e apraz-me, ás vezes, quando estou sósinho, mergulhar o pensamento n'esse passado que já vai tão longe, e pelo poder da imaginação vejo, sinto e goso tudo que vi, senti e gosei n'essa idade de risos e de amores.

Minha querida infancia!

II

Nasci em... não, não digo o nome do lugar onde eu nasci. Para que?... Hoje, na casa em que vi a luz, moram estranhos, e estranhos não sabem nem podem comprehender o encanto que eu achava n'essa pequena casa, para mim mais bella que todos os palacios do mundo.

Moram estranhos, e quem sabe? talvez que suas mãos profanas fossem derribar a figueira velha que me viu nascer, e arrancar as roseiras que eu mesmo plantára no canto do jardim!

Oh! se eu entrasse agora n'essa casa, estou certo que ao transpôr a porta cahiria de joelhos, e que a minha alma, transbordando de saudade, havia de romper em um d'esses choros prolongados e sentidos que revelam uma dôr profunda. Algumas das recordações vagas que conservo se avivariam então, santas reminiscencias do lar me cercariam, e com o rosto escondido nas mãos, suffocado em pranto, julgaria ouvir o ecco de vozes já extinctas e soar de novo a meus ouvidos o canto melancholico com que minha mãe acalentava a irmã pequenina!

Não quero entrar n'essa casa; far-me-ia mal...

III

Nasci no campo, e ao desprender me das fexas infantis, ao saltar do berço, vi quasi ao mesmo tempo o céu e o mar, os campos e as mattas. Não foi na cidade, onde se morre abafado, não; foi ao ar livre, e infante ainda, senti a brisa da prala brincar com meus cabellos e o vento da montanha trazer-me de longe o perfume das florestas.

Que deliciosa vida aquella! Como eu corria por aquelles prados! Que colheita que fazia de flôres! Que destemido caçador de borboletas!

Ah! meus oito annos! Quem me dera tornar a tel-os!... Mas... nada, não queria, não; aos oito annos ia eu para a escola, e confesso francamente que a palmaria não me deixou grandes saudades.

IV

Mas o que me acontecia quando eu era pequeno, aquillo vos quero contar, é uma cousa que de certo tem aconteci-

do a todas as creanças e em que bem poucas terão feito reparo.

Era uma mulher d'uma belleza extrema e de uma graça encantadora que, sempre coroada de rosas e sorrindo-se ternamente, vinha todos os dias associar-se a nossos folguedos e partilhar nossas alegrias e pesares. Era uma virgem; dizia-o a pureza de seus bellos olhos e a suavidade da falla.

Apesar de tantos annos, vou tentar pintal-a como a vi na infancia. Se o retrato sahir imperfeito e as côres esmorecidas, desculpem-me; a minha palheta não é variada, e ao tocar n'essas paginas, do coração, a mão treme e o pincel ennodôa a têla.

V

Já lêstes aquelle lindo conto de fada que um espirituoso folhetinista escreveu a proposito de Thalberg? Se o lêstes, quasi que conheceis a minha virgem, porque desconho que ella e a fada eram amigas muito intimas.

— Era bella, já vos dissé, e não acho com que a possa comparar.

— Uma vestal?

— Seria! mas seu rosto divinamente bello, nem sempre tinha essa suavidade angelica das vestaes antigas, e seus olhos, segundo ella me disse depois, se umas vezes morriam de voluptuosidade; outras faiscavam de cólera.

N'aquelle tempo eu vi-a sempre bondosa, terna e ingenua.

Quando ella sacudia aquella cabeça digna da estatuaria antiga, os seus cabellos, seus lindos cabellos louros, presos na fronte por uma grinalda, fugiam e fluctuavam livres em graciosos anneis.

Trajava roupas talarés, tão alvas, e tão alvas, que todes nós temiamos manchal-as quando as tocavamos.

Era muito linda; mas o que eu sobretudo admirava, na minha ingenuidade infantil, era a pureza e o brilho de seus olhos azues, que reflectiam a côr do céu. Como eram bellos! Nas horas de oração, de Joelhos a nosso lado, ella erguia esses olhos para Deus e conservava-os assim longo tempo como n'um extasi; então eu via que suspensa de suas palpebras, tremia e brilhava uma lagrima como o cristal no lampadario do templo. E choravámos também, e uniamos nossas vozes frescas á sua voz melodiosa, que entoava o cantico da infancia, sublime de simplicidade.

A minha virgem vivia sempre cantando; mas fazia-o com

tal suavidade, com tal sentimento, que nós, suspensos e imóveis, ficávamos presos a esse doce gorgéio, que nos despertava sensações desconhecidas.

VI

— Mas, perguntará o leitor, quem era essa virgem? D'onde tinha vindo?

— Adivinhem. Veio do céu, e quando Deus concluiu o mundo, ella achou-se de pé no meio da creação esplendida, apparecendo em toda a parte e a todo o momento: de manhã ao despontar da aurora, de tarde ao declinar do dia e de noite ao clarão da lua.

Filha do céu, foi formada d'um sorriso do Eterno, brincou com as azas dos cherubins, e no Eden debruçou-se sobre o hombro de Eva, quando a natureza pasmava diante da mais perfeita obra do Creador.

O seu nome, quando eu era pequeno não o sabia; chamava-a unicamente— a Virgem Loura.

VII

Era muito nossa amiga, nunca nos abandonava, e era bello vêr um grupo de creanças, frescas e alegres como um dia de maio, cobrindo de beijos e caricias essa— Virgem Loura— a quem todos chamavam sua irmã.

Se a tarde era linda, se as aguas quietas do rio reflectiam toda a pureza d'este céu brasileiro, se a brisa ciciava na folhagem da mangueira, então corriamos todos para o campo e íamos folgar á beira do riacho. Abi cada qual cobria flôres; um trazia rosas, outro açucenas, outro boas-noites; e rosas, açucenas, boas-noites, violetas, e todas as flôres da campina, formavam ramos gigantes e formosas grinaldas com que coroavamos a— Virgem Loura.

Cercada de tanto perfume, coberta de tantas flôres, parecia um verdadeiro jardim! As folhas de rosas escondidas nas suas tranças douradas cahidas no collo, no regaço, por toda a parte, diminuiam-lhe a alvura das vestes e a pallidez encantadora do rosto. Mas se lhê davamos flôres, ella pagava-nos com beijos.

Outras vezes íamos á praia apanhar conchas, gritavamos com o mar, e o gigante encolerizado bramia e recuava; de-

pois, tranquilla, a onda vinha lamber a areia e fugia murmurando uma queixa.

Se batia o sino — Ave-Marias — ella orava comnosco, e não sei, parecia-me que a oração assim tinha mais valor e que a Virgem Mãe sorria-se satisfeita ás preces da infancia.

Muitas vezes acordando de noite achei a — Virgem Loura — á minha cabeceira; anjo da guarda, velava o meu somno de innocencia e velava tambem o das outras creanças, porque ella reproduzia-se e apparecia em mais d'um logar ao mesmo tempo.

Tudo isso fez com que eu lhe consagrasse uma amizade terna, santa e profunda, que nada pôde apagar; mas, creio que aos meus companheiros não aconteceu o mesmo. Muitos d'elles, envolvidos no turbilhão do mundo, esqueceram em breve essas scenas e esses amores candidos que matizam o alvorecer da vida.

VIII

Passou-se a idade infantil, entrei nos meus quinze annos, e a minha alma de adolescente, opulenta de seiva, rica de sentimento expandia-se livre a todos os affectos nobres e santos como a flôr da solidão aos raios do sol nascente.

Amei.

E quem deixa de amar aos quinze annos? Quem, se n'essa idade a nossa alma se apaixona tão facilmente? Se não fôr a uma mulher, ha de ser ás flôres, ás ondas, a Deus, e debalde perguntamos porque se inclina a nossa fronte languidamente e porque se nos fecham os olhos amortecidos.

Oh! aos quinze annos o coração pede amor como a terra sequiosa pede as chuvas do céu, e como a flôr pendida uma gotta de orvalho. Aos quinze annos, temos necessidade de amar, e os labios que escaldam desejam que os beijos de uma mulher venham matar a sede que os abraza.

Aos quinze annos amei.

Mas era esse amor puro e candido como nunca mais senti: amor que deixou vestigios immorredouros porque foi o primeiro, e que, hoje inteiramente perdido para mim, ainda constitue uma das mais gratas recordações da minha vida.

N'essa época de felicidade intima, em que meu coração novel lia pela vez primeira as paginas d'um livro que nunca havia aberto; n'essa época em que a minha alma cheia de entusiasmo nadava em ondas de harmonias; n'essa época a — Virgem Loura — esteve constantemente a meu lado.

Horas longas e longas, no silencio augusto da noite, inclinada sobre meu hombro, ella murmurava queixumes de amor, e minha mão corria sobre o papel procurando reproduzir o que me fervia na mente.

IX

Fui feliz! muito feliz!

As vezes enebriada de tanta ventura, entomecida de tanto goso, a minha alma ardente e apaixonada soltava palavras incoherentes, gritos mesmo, ria e chorava simultaneamente, e não ha palavras que possam traduzir o que eu sentia.

Houve então alguém que me chamou poeta.

X

Mas depois... a — Virgem Loura, — volúvel e caprichosa como todas as mulheres, abandonou-me.

Foi n'um dia... lembro-me perfeitamente, foi n'um dia de setembro. Abafando o grito de lamento da minha vocação contrariada, fui sentar-me á carteira d'um escriptorio e embrenhei-me no mundo dos algarismos. Abracei a vida commercial, essa vida prosaica que absorve todas as faculdades n'um unico pensamento, o — dinheiro, e que se não debilita o corpo, pelo menos enfraquece e mata a intelligencia.

Fatal dia! negra hora.

Desde então fugiu-me a — Virgem Loura — e debalde a tenho procurado ao clarão da lua, na luz das estrellas, nas ondas do mar, nas flôres do prado, em tudo; nunca mais a vi!

Hoje a minha alma, arida e triste de tanto sonho dourado e de tanta illusão brilhante, só tem lagrimas para chorar esses bellos dias em que *ella* me dizia os seus segredos divinos.

Ai de mim! parece-me que ouço uma voz pausada e fria murmurar estas palavras de gêlo: — *Nunca mais has de encontrar-a.*

— Mas quem era a — Virgem Loura?

— A de olhos azues?

— Sim.

— Aquella que eu amava?

— Sim.

— Pois não adivinharam?!... Era a — poesia.

FIM

CAMILLA

MEMORIAS D'UMA VIAGEM

Decididamente estamos na época dos romances. Está provado que não se pôde passar sem elles; todos são necessarios, porque todos são uteis. Uns, delectam pela suavidade do estylo; outros, são excellentes narcoticos.

Este pertence aos ultimos, e se eu não estivesse convencido de quanta utilidade pôde elle ser a um desgraçado que não durma ha tres dias, de certo não o escreveria.

É verdade que incommódo horrivelmente os pacificos cidadãos acostumados ás bellezas de Musset ou de Vigny, de Balzac ou Dumas, mas tenham paciencia: é preciso provar de tudo. Unicamente para não se assustarem dir-lhes-hei que são apenas cinco ou seis capitulos.

Dado este cavaco, que fica servindo de prologo, eu principio.

I

Era uma noite de...

Ah! é verdade; ia-me esquecendo de lhes dizer que este capitulo passa-se em Lisboa. Eu torno a principiar.

Era uma noite de fevereiro de 1856; noite tempestuosa, fria, aborrecida.

Fechado no meu quarto sósinho, ao lado a penna e o tinteiro, debruçado sobre um livro eu estudava.

O relógio acabára de bater pausadamente onze horas. Fechei o livro, encostei a cabeça á uma das mãos e comecei a pensar.

A chuva fustigava fortemente os vidros, o vento zunia pelas frestas da janella, e aquella monotonia e aborrecimento d'uma noite chuvosa foi-me pouco a pouco interrompendo o

espírito até que caí n'uma especie de tristeza, direi melhor d'indolencia, que me é frequente e que mesmo não sei definir.

Em que pensava eu?

No Brasil, em minha mãe, na minha infancia.

É muito triste estar-se longe da patria, é. Sempre esse mesmo pensamento na mente, sempre essa mesma saudade no coração!

Abri maquinalmente a minha pasta e comecei a folhear distrahido os pobres manuscriptos que a enchiam. Aqui era uma copla apaixonada, além um suspiro de proscripto, um canto de saudade! No mesmo caderno de papel, d'um lado as primeiras scenas d'uma comedia, do outro o esboço d'um romance, intertenimento das minhas horas vagas.

Mocidade! mocidade! Quadra de sonhos, de esperanças, d'illusões!

E qual é o rapaz que á noite no meio d'um silencio austro, não pensa, não fantasia e não entrega ao papel as primeiras notas tremulas de sua lyra, as primeiras creações defeituosas da sua imaginação ardente?

Nenhum.

E o proscripto?

Oh! esse medita e chora, e na oração da noite que rebenta fervorosa d'alma, pede a Deus que o leve a ver outra vez o céu sempre poetico da patria, os campos sempre formosos da terra que o viu nascer.

De repente entre os meus papeis deparei com um numero já antigo do *Braz Tizana*. Sorri-me como outro qualquer teria feito. Era a jovialidade que me vinha visitar, era o estylo estouvado, cheio de espirito e malicia do chistoso companheiro da Gertrudes que vinha arrancar-me das sorumbaticas reflexões em que eu estava atolado.

Depois de ler a carta do boticario que aponta sem dó os ridiculos d'esta sociedade enfatuada, continuei a remechar na pasta, que — sem ser preciso abrir parenthesis — era um bazar em miniatura, uma verdadeira torre de Babel de confusão.

Côusa estranha! Dou com outro numero do *Braz Tizana*!

Este não trazia correspondencia, mas em paga apresentava o começo d'um lindo capitulo do romance de Arnaldo Gama — *O Genio do mal*.

Li o folhetim com avidez e darja tudo para ler a continuação. Desde que este romance se começou a publicar no

Braz Tizana, seguiu-o sempre com o vivo interesse que sabe despertar o seu talentoso auctor, e ora pensando no corpo airoso e flexivel de Maria a namorada de Philippe, ora sonhando com essa Mathilde endiabrada, ardente e caprichosa, comecei a sentir uma vontade extraordinaria de ver a cidade do Porto onde se desenrolam as scenas d'esse drama immenso.

Ora já vêem que a leitura do folhetim tinha mudado completamente o curso das minhas idéas. Comecei pois a fantasiar o Porto.

Vi a cidade invicta recostada soberba nas suas collinas, e o Douro que lhe banha os caes, estorcendo-se por entre margens pittorescas, lançar-se no oceano depois de espumar raivoso nos rochedos da Foz. Subi, no pensamento, a rua de Santo Antonio e entranhei-me no amago da cidade. Passei pelo decantado sitio das Fontainhas, sentei-me no jardim de S. Lazaro, vi a Praça Nova, entrei no Guichard, orei em Santo Ildefonso, debrucei-me na ponte pensil. . . e finalmente depois de muito cançado instalei-me na Aguia de Oiro!

E o vapor saia no dia seguinte! E se eu fosse de passagem n'elle, como saudaria com alvoroço essas muralhas venerandas que supportaram o terrivel ribombo dos canhões d'um cerco violento! Como eu diria com entusiasmo, de pé na popa do vapor: salve Porto! realisou-se emfim o meu sonho porque te vejo ainda melhor do que te fantasiara! . . .

Estava com estes pensamentos quando o relógio batia onze e meia.

Maldito relógio, viestes desfazer o meu poetico castello!

Onze e meia! murmurei eu, são horas de me deitar. Fechei a pasta, guardei os livros, despi-me e. . . com o maior socego do mundo enfronhei-me em valle de lençoes.

A chuva continuava a cair, alguns relampagos de vez em quando allumiavam o espaço, e um silencio immenso só quebrado pela queda da agua, envolvia o meu quarto.

Como é bello estar na cama bem agasalhado n'uma noute de chuva! Dorme-se que é um regalo!

Foi por isso que não conversei muito tempo com o travesseiro. Dous minutos depois, se não estava morto, tambem não dava muitos signaes de vida. Podia chover, trovejar, tocarem musica ou dançarem, para mim era o mesmo. Dormia a bom dormir!

II

Era uma bella manhã. O rio estava formoso, o sol brilhava vivido, e o *Duque do Porto*, coroado por um pennacho de fumo, prompto a sair, balançava-se nas aguas do Tejo.

Um bote impellido por dois remos afastava-me do caes das columnas, aproudo direito ao vapor. Eu tambem ia para o Porto; ia ver a perola do Minho que se debruça graciosa sobre a corrente ligeira do Douro.

E o vapor cortava rapido a veia do rio e deixava apoz si Lisboa, Belem, Paço d'Arcos, e passando entre o Bugio e S. Julião barra fóra, afrontava destemido os vagalhões do oceano oscillando de popa á proa.

Gosto muito de estar embarcado: satisfaz-me o contemplar o oceano em toda a sua vastidão e isolamento; acho poesia immensa no céu profundo d'uma noite de Maio, quando as estrellas espalham seus reflexos tremulos sobre as aguas agitadas: é-me grato ao ouvido o canto monotono do marujo repassado de saudade... mas todas as vezes que me embarco — enjão.

Ora, não sei se sabem, o enjão é a molestia mais estúpida do mundo; torna o homem n'um estado quasi bruto, enfraquece ao mesmo tempo o corpo e o espirito.

Apenas tinha o vapor transposto a barra, já quasi todos os passageiros se haviam recolhido a seus betiches. Eu, a muito custo, resistia ainda. Sentado n'um banco, com os olhos fitos nas vagas que espumavam ao longe, não sei verdadeiramente dizer em que pensava n'aquelle momento — se é que realmente eu pensava!

A meu lado estava um sujeito a quem nem sequer me dei ao incommodo de analysar as feições.

— O sr. vae para o Porto, não? disse-me elle.

Levantei a cabeça e olhei para o homem admirado. A pergunta era tola. Para onde diabo havia eu ir senão para o Porto! Só se me levasse a breca, porque n'esse caso ia para o outro mundo.

O meu amigo parecia esperar a resposta.

Respondi lhe affirmativamente inclinando a cabeça.

— É a primeira vez que lá vae? continuou elle.

O mesmo signal com a cabeça.

— Pois o sr. nunca foi ao Porto?!...

Signal negativo da minha parte.

— Pois olhe, admira.

Eu fiquei immovel.

— O Porto é uma bonita cidade.

Encolhi os hombros.

— Tem boas ruas, soberbos edificios, muito commercio, excellente vinho, grandes cebollas, raparigas lindissimas, etc. etc. etc. e o homem continuou, n'um tom de declamação theatral, a tecer o elogio do Porto. Logo vi pelas primeiras palavras, que estava a contas com um minhoto, era preciso ser um santo para encarar a sangue frio a terrivel maçada que me ameaçava.

— Meu caro senhor — disse-lhe eu erguendo-me e cambaleando já meio atrapalhado com os balanços do vapor, — queira desculpar-me, porém não me sinto bom, preciso estar deitado... e se me dá licença...

— Ah! ah! disse elle, rindo-se com um modo aparvalhado, já está enjoado hein? é falta de costume. Olhe — continuou elle em quanto eu descia a escada da camara — a gente estar deitada é ainda peor; coma bem, beba melhor, passeie e o enjôo vae-se.

— Obrigado, respondi eu cortezmente; e cá comigo accrescentei — forte bruto!

Quanto tempo estive deitado, não sei; ergui-me só quando ouvi alguns passageiros exclamarem: avista-se o Porto!

Avista-se o Porto! repeti eu; então quero cumprir a promessa que fiz em Lisboa, quero de pé, sobre a popa do vapor, saudar a cidade invicta.

E nós avançavamos sempre, e eu dizia: eis o celebre Cabedello, eis o castello da Foz, alli é o pharol de N. Sr.^a da Luz; e quando entrei a barra accrescentei tambem: aqui, d'encontro a estes rochedos, tem naufragado muitos navios, tem perecido muitas pessoas! E a lembrança do vapor *Porto* cruzou-se-me no pensamento, e inclinei-me insensivelmente sobre o abysmo para recolher um gemido, um ai pungente de agonia d'alguma victima, ou para descobrir as fôrmas graciosas d'essa donzella pallida que as ondas engoliram.

A cidade do Porto é linda. Que magestade e que poesia não tem o Douro rolando impetuoso! E a torre dos Clerigos, erguendo-se colosso por sobre tudo que a cerca!... E ao fundo d'esse painel soberbo a serra do Pilar com todas as suas recordações gloriosas!...

E en, de braços cruzados, contemplava mudo o theatro d'uma luta gigante, fratricida sim, mas em que a liberdade havia campeado; contemplava a cidade que recebera em seu seio o vencido de Novara, cuja morte inspirara ao grande lyrico portuguez um dos trechos mais sublimes da poesia moderna.

Quem ha ahi que não saiba de cór o — *Ave Cesar* — e que em frente do Porto não saude com entusiasmo

Esse berço de muralhas
Que fez livre Portugal?!
.....

Uma hora depois desembarcava, e olhava para tudo com attenção, porque tudo para mim era novo. Eu que tinha quasi a certeza de não encontrar alli pessoa alguma conhecida, de repente, ao dobrar uma esquina, dou cara a cara com um antigo condiscipulo meu.

— Ernesto!

— Casimiro!

Dissemos ao mesmo tempo um e outro, e ambos nos abraçámos.

— Já cá estás ha muito? perguntou-me elle.

— Agora mesmo desembarco; e tu?

— Ha mais d'um mez.

— Em que hospedaria?

— Na Aguia de Ouro.

— Na Aguia de Ouro?!

— Sim, na Aguia de Ouro. Porque diabo te espantas?

— Com a fortuna! É justamente para onde vou, e encontro-te logo por companheiro! Na verdade se tudo aqui me correr a-sim, sou feliz, não ha duvida.

— Vens tratar d'algun negocio?

— Não, vim passear; vim ver uma cidade que ainda não tinha visto

— Então deixa estar, heide mostrar-te o Porto por dentro e por fóra. Tinha o braço; vamos á Aguia de Ouro.

— Pois vamos.

— E a tua bagagem?

— Ja lá vae adiante.

— Bom.

E depois de caminharmos um pedaço, olhando um para o outro, exclamámos ao mesmo tempo:

—Ora que ratice !... Encontramo-nos sem esperar, no fim de tanto tempo de separação !

E ambos soltámos uma gargalhada de rapaz estouvado.

III

É rara a hospedaria de romance que não se chame *Águia de Oiro*, *Leão de Oiro*, *Urso branco*, *Urso Vermelho*, ou outra coisa semelhante; no entanto affirmo que aquella em que me installei não é invenção minha, porque lá existe com effeito no Porto a hospedaria da *Águia de Oiro*.

Foi pois para ella que caminhámos, Ernesto e eu, conversando alegremente, e no fim d'um quarto de hora estávamos a contas com o estalajadeiro que a pedido meu, alojou-me no mesmo quarto que Ernesto occupava.

Sem saber porque, ia fazendo o mesmo que o meu amigo fazia com toda a negligencia; mudava de toilette.

—Não sei se sabes que me caso hoje, disse-me elle com a maior seriedade, em quanto arranjava o laço da gravata diante d'um espelho.

—Dou-te os parabens, respondi eu rindo-me, porque tomava o negocio por brincadeira.

—Espero da tua amizade, continuou elle cada vez mais serio, que serás meu padrinho.

—Essa é boa ! tornei-lhe eu, não sabendo se devia acreditar ou não ! estou prompto. Mas dize-me, a noiva é moça ou velha ?

—Vinte e seis annos.

—Bonita ou feia ?

—Linda como os amores.

—E chama-se ?

—Camilla * * *.

—Ora essa ! disse eu, deixando cair insensivelmente uma bota que ia calçar.

—Tu conhece-la ? perguntou-me Ernesto.

—De nome... de nome; tenho ouvido fallar muitas vezes n'essa mulher...

—Romantica, não ?

—Romantica, sim, romantica; e mau grado meu, soltei uma gargalhada forçada.

—Pois é verdade, caso-me com ella hoje.

—Por amor ?

—Ora, filho, tornou-me Ernesto, deves saber que é pa-

lavra que não ha no meu dicionario. Ella casa-se comigo por capricho, por phantasia; e eu cedo a essa phantasia, a esse capricho, porque ambiciono ser rico, porque casando-me venho a ser possuidor da fortuna colossal de Camilla. No entanto, accrescentou elle pensativo, ha uma coisa que me intimida. Esta mulher tem querido esposar tres rapazes e todos tres morreram horas antes da festa nupcial; da quarta vez dizem que morre ella, mas pôde muito bem succeder o contrario, e se a cubiça me impelle a dar este passo, a razão faz-me recuar aterrado.

Ernesto estava pallido quando acabou de fallar e tinha-se deixado cair sobre uma cadeira, brincando com a corrente do relógio.

Eu, encostado á commoda, immovel como uma estatua, sentia que não estava no meu estado natural. Tinha visto em Lisboa Camilla, e a sua imagem tinha-me ficado gravada em fogo na mente. Não podia ficar impassivel vendo-a lançar-se nos braços d'outro homem: não podia a sangue frio ver desvanecer-se o mais bello sonho da minha vida.

E se a Camilla de Ernesto não fosse a mesma? Era quasi impossivel; mas enfim sempre era uma esperanza.

Perguntei-lhe pois se tinha o seu retrato.

— Olha, disse-me elle apontando para a commoda, abre essa gaveta de cima; hade ahí estar.

Abri a gaveta e peguei n'um retrato cravado no meio d'uma rica moldura. As mãos tremiam-me e o coração batia fortemente. Olhei... e apesar de não ser da moda, estive quasi a soltar um grito de raiva. O retrato era de Camilla.

— Meu querido Ernesto, disse-lhe eu, se te casares estimarei que sejas feliz; mas não posso ser teu padrinho, peço-te que me dispenses.

— Então porque?

— Ora, Ernesto, se tu amasses uma mulher de certo não irias assistir ao seu casamento com outro.

Ernesto levantou-se e travou-me da mão.

— Amas Camilla!? perguntou-me elle.

— Amo-a, sim.

— E ella?

— Não sei; ou para melhor dizer: nem me conhece, porque lhe fallei unicamente uma vez.

— Oh! Oh! fez Ernesto estalando um phosphoro e mordendo com todo o vagar um charuto de pataco, temos paixão romantica?! Estou com vontade de saber essa historia.

— Pois eu t'a conto. É simples como o são todas as historias de amor. Camilla esteve em Lisboa, vi-a como todo o mundo a viu; mas o que talvez ninguém fez, fiz eu: amei-a: Crusei um segundo os meus olhos com os d'ella, e aquelle olhar terno e languido fez-me mal. Desde a primeira vez que a vi pensei só n'ella, segui-a por toda a parte porque tinha necessidade de a ver, era um imán que me attrahia.

Escuta, Ernesto, era uma paixão louca, uma effervescencia dos sentidos, um desvario da razão. Teria dado metade da minha vida por um beijo d'aquella mulher; teria até dado a minha alma para rolar-me como um sibarita no diván em que ella tivesse estado reclinada, para aspirar os perfumes embriagantes que a cercavam.

Uma noite fui a S. Carlos, ella lá estava n'um camarote, bella, deslumbrante de joias e belleza, seductora! Representava-se o *Trovador*. No intervallo do 2.º acto fui apresentado por um amigo meu e ella recebeu-me com um sorriso.

A nossa conversação foi pouco a pouco caindo no amor. Eu estava extatico quando ella fallava: cada palavra d'aquella mulher, coada por entre dois labios extremamente voluptuosos, vibrava-me ao mesmo tempo no ouvido e no coração.

— O senhor já amou? perguntou-me ella.

— Amo, minha senhora; respondi-lhe eu.

— E o que daria a essa mulher que ama?

— Todos os meus pensamentos por um beijo seu.

— Oh! disse Camilla, como duvidando.

— Toda a minha vida por uma hora da sua, accrescentei olhando-a fixamente.

Ella guardou silencio.

— A salvação da minha alma, se na hora derradeira ella jurasse que me tinha amor.

Camilla sorriu-se e respondeu-me: é muito. Depois, erguendo os olhos, disse em voz muito baixa:

— Eu se amasse um homem, dava-lhe... o meu amor.

E correu a platêa inteira com o seu oculo de marfim.

Desde essa noite, Ernesto, nunca mais a vi!

Mal tinha acabado estas palavras quando uma carruagem parou á porta do Hotel.

— Vem a proposito, disse Ernesto depois de ter chegado á janella.

— O que? A carruagem?

— Sim; é o trem de Camilla que vem buscar-me.

— Deixas-me já ?

— Pelo contrario, levo-te comigo.

— Estás doido !...

— O que ! Pois recusas acompanhar-me ?

— A casa d'ella, recuso.

— Mas é que nós não vamos agora lá.

— Então acompanho-te.

Descemos a escada, e dois minutos depois rodava a carroagem ao largo trote de dois magnificos cavallos.

FIM DE TODAS AS OBRAS DE CASIMIRO D'ABREU.

Documentos, pelos quaes se prova pertencer a Antonio José Fernandes Lopes, unica e exclusivamente, a propriedade do livro intitulado Primaveras de Casimiro d'Abreu.

REQUERIMENTO FEITO NO RIO DE JANEIRO

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. conselheiro presidente da relação.— Diz Antonio Alexandre Lopes do Couto, que a bem de seu direito, precisa por certidão dos autos de appellação civil n.º 11267, em que é appellante D. Luiza Joaquina das Neves, e appellado o supplicado, as seguintes peças: petição inicial a fl. 2, libello a fl. 3, excepção a fl. 17, sentença a fl. 54, contrariedade a fl. 56, sentença a fl. 134 v., accordão a fl. 151 v. a fl. 152, e accordão a fl. 174; e bem assim que se lhe certifique em relatorio se estes accordãos passaram em julgado.

Portanto o supplicante—P. a v. ex.^a se digne mandar passar a certidão requerida.—E R. M.—O procurador do supplicante, *Pedro O. G. Pereira de Lagos.*

PEÇAS DO PROCESSO E FINAL SENTENÇA

O major Geraldo Caetanó dos Santos, cavalleiro do habito da Rosa, serventuario vitalicio de um dos officios de escrivão de appellações civeis e crimes do tribunal da relação do Rio de Janeiro, por Sua Magestade o imperador a quem Deus guarde etc.

Certifico que revendo os autos findos de appellação civil da côrte, de numero onze mil duzentos e sessenta e sete, entre partes D. Luiza Joaquina das Neves appellante, e Antonio Alexandre Lopes do Couto appellado, dos mesmos me foi pedido por certidão o seguinte:

PETIÇÃO FL. 2

Illustrissimo senhor doutor juiz municipal da segunda vara. Diz D. Luiza Joaquina das Neves, moradora em Nieberoy, viuva de José Joaquim Marques de Abreu, e mãe e herdeira do poeta Casimiro de Abreu que tendo chamado a conciliação a Antonio Alexandre Lopes do Couto introductor n'este mercado das obras do cidadão brasileiro Casimiro de Abreu, de quem a supplicante é herdeira, a fim de pedir-lhe uma indemnisação que nos termos da lei é de qua-

tro contos e vinte e tres mil réis, este se não conciliou, pelo que vem a supplicante requerer a vossa senhoria que o mande citar, a fim de vêr na primeira d'este juizo a supplicante deduzir seu direito n'um libello onde melhor exporá sua intenção sob pena de revelia. Espera receber mercê.— O advogado, Vicente Aurelio de Freitas Coutinho.

DESPACHO

Distribuida cite-se, Rio em primeiro de julho de mil oitocentos e sessenta e quatro—doutor, Silva Costa.

DISTRIBUIÇÃO

Distribuida a Silva Junior em um de julho de mil oitocentos e sessenta e quatro—Velho.

CERTIDÃO

Certifico que citei a Antonio Alexandre Lopes do Couto em propria pessoa e por todo conteudo da petição, despacho e distribuição ficou bem sciente e dei-lhe contra-fé. O referido é verdade e dou fé. Rio de Janeiro em dois de julho de mil oitocentos e sessenta e quatro.—O official de justiça, Candido José da Silveira.

LIBELLO A FL. 3

Em libello diz D. Luiza Joaquina das Neves contra Antonio Alexandre Lopes do Couto e S. C. Provará que a autora é viuva de José Joaquim Marques de Abreu, e mãe do muito conhecido poeta Casimiro de Abreu, como se vê do documento numero. Segundo—Provará que tendo fallecido o citado poeta como se vê do documento numero nenhum herdeiro deixou além da autora sua mãe. Terceiro—Provará que o referido poeta compoz um volume de poesias com o titulo de Primaveras, cuja propriedade não alheiou durante sua curta vida, e que por isso compete a autora, como sua herdeira necessaria. Quarta—Provará que em prejuizo e sem consentimento da autora acaba de tirar-se uma falsa edição d'esta obra em Portugal, tendo-se como se vê do documento numero afluenciado sua proxima chegada n'esta côrte, e depois sua venda. Quinto—Provará que o réo estabelecido com loja de livros na rua da Quitanda numero trinta e um foi quem fez esses annuncios, e apesar da reclamação, e protesto publicamente feitos pela autora, introduziu e poz á venda novecentos e trinta e tres exemplares da citada obra,

seiscentos e quarenta e dois brochados, duzentos e noventa e um encadernados, que vendidos como o foram, a dois mil o volume das primeiras, e dois mil e quinhentos réis o das segundas faz a somma de dois contos onze mil e quinhentos réis. Provará que nos termos do artigo duzentos e sessenta e um do C. Penal está o réo obrigado a pagar á autora essa quantia e mais outro tanto, o que tudo somma quatro contos e vinte e tres réis, fóra ainda a multa pela qual é o réo criminalmente responsavel. Portanto deve o presente libello ser recebido e a final julgado a fim de ser o réo condemnado a pagar a quantia pedida, juro da móra e custas, visto como o documento numero, prova que o réo se não conciliou. Pede recebimento e cumprimento de justiça, protestos necessarios pelo depoimento do réo.—O advogado, Vicente Aurelio de Freitas Coutinho.

EXCEPÇÃO FL. 17

Por excepção de illegitimidade da pessoa do réo para ser demandado pela presente acção diz Antonio Alexandre Lopes do Couto, contra a autora o seguinte. E sendo cumprido provará e vê dos documentos numeros um, dois e tres não ser o réo dono da loja de livros da rua da Quitanda numero trinta e um que pertence a Antonio José Fernandes Lopes, não sendo o réo mais que um agente ou preposto do dito Antonio José Fernandes Lopes o mesmo que figura de carregador no documento de folhas seis, assim como tambem é agente e preposto do mesmo Fernandes Lopes, outro que figura de consignatario no documento de folhas seis, Manuel Marques Pinheiro. Provará, pois que o réo não deve responder por Antonio José Fernandes Lopes e ainda quando a autora tivesse direito de propôr esta acção (o que se nega) não a devia propôr contra o réo, mas sim contra o dito Antonio José Fernandes Lopes dono da loja de livros. Provará que n'estes termos e nos melhores de direito a presente excepção deve ser recebida e julgada provada para o fim de ser o réo absolvido da instancia e condemnado a autora nas custas. Pede recebimento e cumprimento de justiça, com todos os protestos uteis e clausulas salutaes, com tres documentos e custas.—O advogado, Alberto Antonio Soares.

SENTENÇA. FL. 54

A excepção recebida a folhas vinte e quatro julgo afinal

não provada; por quanto estando provado pelos documentos de folhas seis e sete que o exceptante introduziu na circulação a obra abusivamente editada e como tal legitimamente sendo demandado, é visto que carece de fundamento a excepção corra por tanto a causa contra o exceptante, que contrariará o libello em um termo, pena de lançamento, e pague o exceptante as custas do retardamento. Rio em vinte e um de outubro de mil oitocentos e sessenta e cinco. — Doutor, José da Silva Costa.

CONTRARIEDADE F. 56

Contrariando o libello de folhas tres diz o réo o seguinte: E sendo cumprido provará que em doze de julho de mil oitocentos e cincoenta e seis, na cidade de Lisboa, cedeu e transferiu o poeta Casimiro de Abreu, a Antonio José Fernandes Lopes o direito de reimprimir as suas poesias intituladas *Primaveras*, e vendel-as por sua conta, documento numero primeiro.

Provará que em virtude d'esse contracto de cessão e transferencia o dito Antonio José Fernandes Lopes reimprimiu as ditas poesias e remetteu-as para o Rio de Janeiro para a sua loja de livros, da qual é administrador o réo. Provará que essa nova edição das ditas poesias foi feita mais de dois annos depois da primeira edição da obra feita pelo proprio autor n'esta côrte, na fórma do contracto. Provará que quando Antonio José Fernandes Lopes fez a segunda edição (que é a de que se trata) já o poeta Casimiro de Abreu tinha morrido e por isso não entregou os cem exemplares na fórma do contracto; mas escreveu á autora posteriormente quando soube que ella era a herdeira de seu filho, declarando-lhe que os cem exemplares estavam á sua disposição e a autora nada respondeu, mas ainda esses cem exemplares estão á sua disposição e só a elles tem ella direito. Provará que é falso ter o réo recebido novecentos e trinta e tres exemplares da dita obra, seiscentos e quarenta e dois brochados, e duzentos e noventa e um encadernados, porque o documento de folhas seis dá noticia, é verdade de novecentos e trinta e tres livros, mas entre esses livros havia muitas outras obras diversas, como se vê dos documentos numeros dois, tres, quatro. Provará que existem em poder do réo oitenta exemplares brochados, e dois encadernados da dita obra, os outros foram ven-

didos, os brochados de um mil e quinhentos a dois mil réis, e os encadernados de dois mil réis a dois mil e quinhentos réis e esses oitenta exemplares pôde a autora receber desde já por conta dos cem aos quaes tem direito. Provará pois que não é applicavel ao caso vertente o artigo duzentos e sessenta e um do codigo criminal e quando o fosse não tinha a autora direito de pedir tão avultada indemnisação. Provará que quando mesmo não existisse contracto entre Casimiro de Abreu e o editor, e a autora tivesse direito de pedir a indemnisação ou a pena do artigo duzentos e sessenta e um do codigo criminal, não devia ser o réo responsavel por ella, pois é um simples administrador de Antonio José Fernandes Lopes, e sim este que foi quem reimprimiu a obra e a remetteu para esta côrte, ou a introduziu aqui. O mais por negação. Provará que n'estes termos e nos melhores de direito a presente contrariedade deve ser recebida e a final julgada provada para o fim de se julgar a autora carecedora de acção, e ser ella condemnada nas custas, sendo o réo absolvido da instancia. Pede recebimento e cumprimento de justiça. Protestos necessarios pelo depoimento da autora sob pena de confesso, por exame nas obras das duas edições, por carta inquiritoria, para onde convier dentro e fóra da terra e por todas as clausulas salutaes com quatro documentos de que se faz menção. — O advogado, Alberto Antonio Soares.

SENTENÇA FL. 134 V.

Vistos estes autos *et cætera*. Pede a autora em seu libello de folhas tres na qualidade de herdeira do finado poeta Casimiro de Abreu, que seja o réo compellido a prestar-lhe a indemnisação na importancia de quatro contos e vinte e tres mil réis, por haver o mesmo réo introduzido uma falsa edição das *Primaveras*, collecção de poesias feitas pelo finado Casimiro de Abreu. O réo defende-se com a materia da contrariedade de folhas cincoenta e seis, em que articula: que o finado poeta, filho da autora, transferiu o direito de reimprimir as poesias intituladas *Primaveras*, a Antonio José Fernandes Lopes, em Lisboa, tendo sido remettidos alguns volumes das poesias editadas em Lisboa para a loja de livros da rua da Quitanda, que o réo administra, que como administrador da loja de livros aqui não é parte legitima para ser demandado pela autora pela excessiva indemnisação que lhe pede a autora. Replicada a

causa a folhas sessenta e sete e triplicada a folhas sessenta e nove verso, é dada a prova e arrasoadá a final.

O que tudo examinado e o mais que dos autos consta: Considerando que o artigo duzentos e sessenta e um do código criminal faz responsável o introductor de quaesquer escriptos de cidadãos brasileiros, independentemente de qualquer edição anterior no Brasil ou fóra d'elle; considerando que a certidão de folhas cincoenta e oito corroborada pelas testemunhas de folhas cento e dezoito a cento e vinte e tres, provam que em sua vida transferiu o finado filho da autora as poesias a Antonio José Fernandes Lopes; Considerando que a certidão de folhas cincoenta e oito, não tem vicio algum externo que o invalide, dependendo de prova que dos autos não se deduz a falsidade arguida pela autora; Considerando que o fallecido poeta Casimiro de Abreu podia livremente dispor das suas poesias, como está provado que o fez não obstante ter a idade menor de dezeseis annos; por quanto constituíam ellas seu peculio quasi castrense, e em relação a essa especie de bens é o filho familia, reputado pater familias, desde que houver attingido a idade de quatorze annos completos. Ordenação, livro quarto, titulo noventa e sete, paragrapho dezoito. Repert. das Ord., etc. Filho familias póde testar... nota (a). Bremeu-universo juridico, trat. I. tit. 9, § 1, n.º 2, pag. 54. Mello Freire, L. 2, tit. 4, § 13. Borges Carneiro, vol. II, § 187, n.º 1 e 2; Considerando o mais dos autos: julgo a autora carecedora da acção proposta e a condemno nas custas. Rio, em trinta de junho de mil oitocentos e sessenta e seis.—Doutor, José da Silva Costa.

ACCORDÃO FL. 151 V.

Accordão em relação. Não tomam conhecimento do agravo a folhas setenta e nove verso, por não apresentar lei que o autorise. Confirmam a sentença appellada, vistos os autos e disposições de direito com as quaes se conformam e condemnam a appellante nas custas. Rio, dezenove de fevereiro de mil oitocentos e sessenta e sete.—Valdetaro, P.—Pereira Monteiro — Travassos Almeida — Gomes Ribeiro — J. M. A. Camara.

ACCORDÃO FL. 174

Accordão em relação. Que despresam os embargos oppostos ao accordão de folhas cento e cincoenta e duas, vistos os autos e sua materia já allegada e despresada. Cumpra-se o accordão embargado, faça a sentença livre transitio

pela chancellaria e pague as custas a embargante. Rio, sete de junho de mil oitocentos e sessenta e sete.—Valdetaro, P. —Pereira Monteiro — J. M. A. Camara — Travassos Almeida — Gomes Ribeiro.

Certifico que os accordãos passaram em julgado. Nada mais se continha em as peças aqui transcriptas d'onde bem e fielmente fiz extrahir a presente certidão, e por estar conforme subscrevo e assigno n'esta côrte e cidade do Rio de Janeiro aos treze dias do mez de outubro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil oitocentos e sessenta e nove. Eu Geraldo Caetano dos Santos, o subscrevi e assigno.— *Geraldo Caetano dos Santos.*

Rio, 3 de outubro de 1869.—*Santos.*

Reconheço verdadeiro o signal supra. Rio, 4 de novembro de 1869.—**Em testemunho de verdade.**— O tabellião, *Pedro José de Castro.*

Certifico que a assignatura supra é a propria e verdadeira de Pedro José de Castro, tabellião publico n'esta cidade Consulado geral de Portugal no Rio de Janeiro, em 4 de novembro de 1869.—*A d'Almeida Campos.*

INDICE

PROLOGO

De M. Pinheiro Chagas..... 3

JUIZO CRITICO DE VARIOS ESCRIPTORES BRAZILEIROS

De Reinaldo Carlos.....	11	Da redacção do <i>Acajá</i>	58
Do dr. Justiniano José da Rocha.....	17	De Bruno de Seabra.....	59
De Pedro Luiz P. de Sousa.....	18	De Gonçalves Braga.....	60
De Reinaldo Carlos Montóro.....	41	De J. V. da Silva Azevedo.....	63
De Ernesto Cibrão.....	44	De Almeida Cunha.....	66
De J. M. Velho da Silva.....	47	De Ernesto Cibrão.....	68
Dois genios e um só destino, de W.....	56	De Climaco Ananias Barbosa de Oliveira.....	69

PRIMAVERAS

A F. Octaviano..... 71 | A ***..... 73

LIVRO PRIMEIRO

CANÇÕES DO EXILIO

Exilio.....	75	Jurity.....	84
Minha terra.....	76	Meus oito annos.....	85
Saudades.....	79	No album de J. C. M.....	87
O meu lar.....	80	Tres cantos.....	87
Minha mãe.....	82	Illusão.....	88
Rosa murcha.....	83	Suspiros.....	89

BRAZILIANAS

No lar.....	91	A voz do rio.....	98
Moreninha.....	94	Sete de setembro, a D. Pedro se- gundo.....	100
Na rede.....	97		

CANTICOS

Poesia e amor.....	101	Balsamo	104
Orações.....	103	Deus!.....	105

LIVRO SEGUNDO

CANTOS DE AMOR

Primaveras.....	106	Sempre sonhos!.....	127
Scena íntima.....	107	Palavras no mar.....	128
Juramento.....	119	Pepita.....	129
Perfumes e amor.....	111	Visão.....	131
Segredos.....	112	Queixumes.....	132
A walsa.....	113	Amor e medo.....	133
Borboleta.....	117	Perdão.....	135
Quando tu choras.....	119	Mocidade.....	137
Canto de amor.....	120	Noivado.....	139
Violeta.....	122	De joelhos.....	140
O quê?.....	123	Sonhando.....	141
Sonhos de virgem.....	124	Lembras-te.....	142
Assim!.....	125	Desejos.....	144
Quando?!.....	126	Hontem á noite.....	146

LIVRO TERCEIRO

POESIAS DIVERSAS

O baile!.....	147	Na estrada.....	158
Palavras a alguém.....	148	No jardim.....	159
Folha negra.....	149	Clara.....	160
Berço e tumulo.....	150	O que é sympathia.....	161
Infancia.....	151	A rosa.....	161
A uma plateia.....	151	A Faustino Xavier de Novaes.....	162
No tumulo de um menino.....	153	A amizade.....	164
A J. J. C. Macedo Junior.....	153	No album de Nicolau V. Pereira.....	166
Uma historia.....	156	Pranto de virgem.....	166
Pois não é?!.....	157	O castigo.....	167

LIVRO NEGRO

POESIAS ELEGIACAS

Horas tristes.....	170	inho Messeder.....	182
Dóres.....	172	No leito.....	184
.....	175	Risos.....	188
Fragmento.....	177	A vida.....	189
Lembrança.....	178	A J.....	191
Anjo!.....	179	Os meus sonhos.....	192
Minh'alma é triste.....	179	Meu livro negro, a G. Braga.....	195
A morte de Afonso de A. Conti-		Ultima folha.....	199

Camões e o Jão.....	401
---------------------	-----

OBRAS EM PROSA

A virgem loura (paginas do coração).....	217	Camilla (memorias d'uma via- gem).....	223
---	-----	---	-----

Documentos pelos quaes se prova pertencer, unica e exclusivamente a
Antonio José Fernandes Lopes, a propriedade d'este livro..... 233

A Probidade, c. em 2 actos e um prologo.	300	J. CESAR MACHADO E ALFREDO HOGAN	
Os Filhos dos trabalhos, d. em 4 actos.	360	A vida em Lisboa, c. d. em 4 actos....	300
Uma lição de florete, c. d. em 3 actos.	180	Primeiro o dever! c. d. em 3 actos....	160
Trabalho e honra, c. em 3 actos.....	300		
A Aristocracia e o dinheiro, c. em 3 actos.	300	J. C. DOS SANTOS	
Coração de ferro, d. phantastico em 5		O segredo d'uma familia, c. em 5 actos.	240
actos.....	300	O pae prodigo, c. em 3 actos.....	200
O Chaile de cachemira, c. em 1 acto...	120	O homem das cantellas, c. em 2 actos.	200
As joias de familia, c. d. em 3 actos...	300	Gil Braz de Santilhana, c. em 3 actos..	180
A Harpa de Deus, opera mystica em 4		Maria ou o irmão e a irmã, c. em 3 actos.	200
actos e 8 quadros.....	300	Uma chavena de chá, c. em 1 acto.....	120
		Conyido o coronel!! c. em 1 acto.....	100
MEENDES LEAL (ANTONIO)		Herança d'um tio russo, c. em 3 actos.	220
Poesias, 1 vol.....	500		
Abel e Caim, c. em 3 actos.....	240	HENRIQUE VAN-DEITERS	
Uma victima, d. em 3 actos.....	160	Poesias, 1 vol.....	360
Dór e amor, c. d. em 3 actos.....	200	Os moedeiros falsos, c. em 3 actos....	160
		Dois cães a um osso, c. em 1 acto.....	100
J. D'ABOIM		Não envenenes tua mulher, qui pro quo	
À tarde entre a murta, c. em 3 actos..	240	em 1 acto.....	120
O recommendado de Lisboa, c. em 1 acto	80	Scenas i timas, c. d. em 1 acto.....	100
O homem põe, e Deus dispõe, c. em 2		Brios militares, c. d. em 1 acto.....	100
actos.....	120		
As nodosas de sangue, d. em 3 actos...	160	JOAQUIM AUGUSTO D'OLIVEIRA	
Cada louco com sua mania, c. em 1 acto.	100	A coroa de Carlos Magno, peça magica	
		de grande espectáculo em 4 actos, 1	
E. BIESTER		prologo e 21 quadros, formada sobre	
Um quadro da vida, d. em 5 actos....	480	a lenda—Les quatre fils Aymon....	320
A Redempção, c. d. em 3 actos.....	360	A costureira, c. em 1 acto.....	100
Duas épocas da vida, c. em 2 actos....	240	Erros da mocidade, c. em 3 actos....	160
Uma viagem pela litteratura contempo-		A Ave do Paraizo, c. magica em 20 qua-	
anea.....	200	drós, formando tres actos.....	360
As Obras de Horacio, imitação, c. 1 acto.	120	O paraizo perdido, ou a creação e o Di-	
Um Homem de consciencia, c. em 2 actos.	160	luvio, peça biblica em 1 prologo, 3	
O maestro Favilla, d. em 3 actos.....	160	actos, e 1 epilogo, formando 21 qua-	
		drós.....	360
I. M. FEIJÓ		MANUEL ODORICO MENDES	
Camões do Rocio, c. em 3 actos.....	300	Opusculo ácerca do Palmeirim de In-	
A torre do Corvo, d. em 4 actos.....	400	glaterra e do seu author, no qual se	
Carlos ou a familia de um avarento, c.		prova haver sido a referida obra com-	
em 4 actos.....	240	posta originalmente em portuguez..	200
Pedro Cem, c. em 5 actos.....	300		
Remechido, o guerreiro, d. em 3		JULIO CESAR MACHADO	
actos.....	300	A esposa deve acompanhar seu mari-	
		do, c. em 1 acto.....	140
ALFREDO HOGAN		O capitão Bitterlin, c. em 1 acto.....	140
As Brasileiras, c. d. em 3 actos.....	300	ARISTIDES ABRANCHES	
Ninguém julgue pelas apparencias c. d.		Stambul, c. em 3 actos e 9 quadros...	300
em 3 actos.....	360	A mãe dos escravos, d. em 4 actos....	200
Os dissipadores, c. em 4 actos.....	400	Como se descobrem mazellas, c. em 1 a.	120
o melhor não experimentar, c. em 1		Trovoadas de maio, c. em 1 acto.....	160
acto.....	200	Os dois pescadores, c. em 1 acto.....	160
Memorias do coração, romance.....	240	Nem todo o mato é oregãos, c. em 1 a.	160
Duas mulheres da época, romance.....	240		
A irmã da caridade, c. em 2 actos....	160	J. R. CORDEIRO JUNIOR	
O marido no prego, c. em 1 acto.....	160	Amor e arte, d. em 3 actos.....	220
Já não ha tollos! c. em 1 acto.....	80	O Arrependimento salva, drama em 3 a.	100
Não desprezes sem saber, c. em 1 acto.	120	Fernando, c. d. em 4 actos.....	200
O colono, c. d. em 3 actos.....	100		
Segredos do coração, c. d. em 3 actos.	260	J. I. DE ARAUJO	
O Juizo do mundo, c. d. em 3 actos....	240	A princeza de Arrentella, tragedia bur-	
A mascara social, c. d. em 3 actos.....	200	lesca em 3 actos.....	160
A pelle do leão, c. d. em 3 actos.....	200	A Sombra do sineiro, tragedia burlesca	
A roda da fortuna, c. d. em 3 actos....	160	em 3 actos.....	200
Nem tudo que luz é oiro, c. d. em 3 actos.	200	Um bico em verso, scena comica.....	60
O dia 1.º de dezembro de 1640, c. heroi-		O principe escarlata, tragedia burlesca	
ca em 3 actos.....	200	em 3 actos, em verso.....	180
O ultimo dia dos jesuitas em Portugal,		Um homem quem tem cabeça, c. em 1 acto.	100
drama original historico portuguez,		Ultimos momentos d'um Judas, entre-	
em 3 actos, 8 quadros, e 1 epilogo..	200	acto tragico-burlesco.....	80
Pilatos no Credo, c. em 1 acto.....	80		

Morte do renhauhanu, destempero tragico carnavalesco, poesia comica...	40	documentos relativos á guerra denominada da Peninsula, por Chaby, 1. ^a parte.....	
JOSÉ BENTO D'ARAÚJO ASSIS		Catalogo dos manuscriptos da Bibliotheca Publica Eboresense, por Rivara, 1 vol. in fol.....	
Osegredo d'uma esmola, c. d. em 2 actos.	180	Relatorio sobre a fabricação e administração da polvora por conta do Estado, 1 vol. com um mappa.....	
As duas paixões, c. em 1 acto.....	120	O defensor da religião em disputas com os incredulos, 6 vol.....	
Deus nos livre de mulheres, c. em 1 acto ornada de coplas.....	120	Medicina e Cirurgia Clinica positiva, por Manuel da Rocha, 1 vol.....	
Sciencia aos trambolhões, c. em 2 actos.	100	Justa aclamação do serenissimo rei de Portugal D. João 4. ^o , pelo dr. Francisco Vellasco de Gouvêa, 1 vol.....	
Enganos e loucuras, farça lyrica em 1 acto, ornada de musica.....	120	Corôa poetica no consorcio de D. Luiz e D. Maria de Saboya.....	
J. A. DE MACEDO		Viagem da corveta D. João 1. ^o á capital do Japão, por Marques.....	
A criação, poema, 1 vol.....	120	O verme roedor das sociedades modernas, pelo Padre Gaume.....	
ERNESTO MARECOS		Nem um nem outro, romance, 3 vol...	
As primeiras inspirações, poesias, 1 vol.	600	Conselho dos dez em Venesa ou a machina infernal, com estampas.....	
Juca, a Matumbolla, lenda.....	160	Paraphrase da epistola aos Pisões, denominada arte poetica de Horacio, annotada por D. Gastão da Camara Coutinho	
Juramentos bem cumpridos, romance.	600	Historia dos tres dias de fevereiro de 1848, por Peletan.....	
Contos e recordações, 1 vol.....	500	Tentativas poeticas.....	
As confidencias.....	400	O rei do mundo, ou historia do dinheiro, por Emilio Souvestre, 3 vol.....	
Savitri, lenda indiana.....	140	Moral universal ou deveres do homem, pelo Barão d'Holbach, 3 vol.....	
CASIMIRO D'ABREU		Resoluções do conselno d'estado, por José Silvestre Ribeiro, 3 colleções 1 a 9 e 12 a 16, e uma colleção com o vol. 9, 12 a 16, preço de cada vol.	
As Primaveras, poesias, 1 vol. contendo todas as obras d'este auctor.....	400	Jeronymo Paturot em procura d'uma posição social.....	
O Camões e o Jau, scena dramatica...	100	O monge de Levis, traduzido do francez por Manuel Martins da Cunha...	
MANUEL MARIA PORTELLA		Formulario dos escrivães de primeira instancia, por Sousa Duarte.....	
Ensaio poetico, 1 vol. (poesias).....	400	Dito dos tabelliães, pelo mesmo.....	
OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES		Conselheiro das damas em suas tribulações, romance trad do francez, 1 vol.	
Addições ao Manual do Tabellião, 1 vol.	200	Clotilde e Ursina ou a virtude premiada, romance trad. do francez, 1 vol.	
Mentor da mocidade.....	120	Hanha e Wilton, ou tu to ou nada, romance traduzido do francez, 2 vol...	
Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França.....	120	O segredo da confissão, romance traduzido do francez.....	
Anjo, mulher e demonio, c. d. em 2 actos.	200	Marcolfo o Maloino, romance traduzido do francez, 5 vol. com estampas.....	
Amor e amizade, c. em 1 acto.....	80	O pae do noivo, c. em 2 actos.....	
Amor virgem n'uma peccadora, c. 1 acto.	160	A regencia de Luiz XV, romance historico, por A. Dumas, 4 vol.....	
A Cruz, drama em 5 actos.....	320	Os animaes fallantes, poema em 26 cantos, por Casti, trad. em portuguez, 2 v. 1	
29 ou honra e gloria, c. de costumes militares, em 3 actos.....	360		
Tudo no mundo é comedia, c. em 3 actos.	200		
A conversão d'um agiota, c. em 2 actos.	160		
Graziella, d. em 1 acto.....	100		
Os dois irmãos, d. em 4 actos.....	200		
Guia do povo para escolher uma medicina, 1 vol.....	400		
Dois contos por dia, 1 acto.....	160		
O prestigiador, 2 actos.....	300		
O amor e o dever, 2 actos.....	240		
A vingança, c. em 1 acto.....	80		
Que é o destino, c. em 1 acto.....	100		
Duvidas do coração, c. 1 acto.....	120		
Trevas e luz, c. em 2 actos.....	300		
Honra e deshonra, c. em 1 acto.....	160		
Os dois proscriptos ou a Restauração de Portugal em 1640, facto historico em 5 actos.....	360		
Vicio em doutrina, c. em 4 actos.....	300		
OBRAS DE QUE TEM SORTIMENTO			
Grammatica hespanhola para uso dos portuguezes, por Peixoto, 1 vol.....	300		
Excerptos historicos e colleção dos			

Subscreve-se para as obras classicas em Lisboa, em casa do editor, travessa André Valente n.º 13; na loja dos seus successores Ferreira, Lisboa & C.ª, Aurea, n.º 132 — 134; e em todas as mais livrarias, tanto de Lisboa, como Porto, Braga, Coimbra, ou de qualquer outro ponto do reino onde as haja, pedebendo estas a commissão do costumé.



gle

